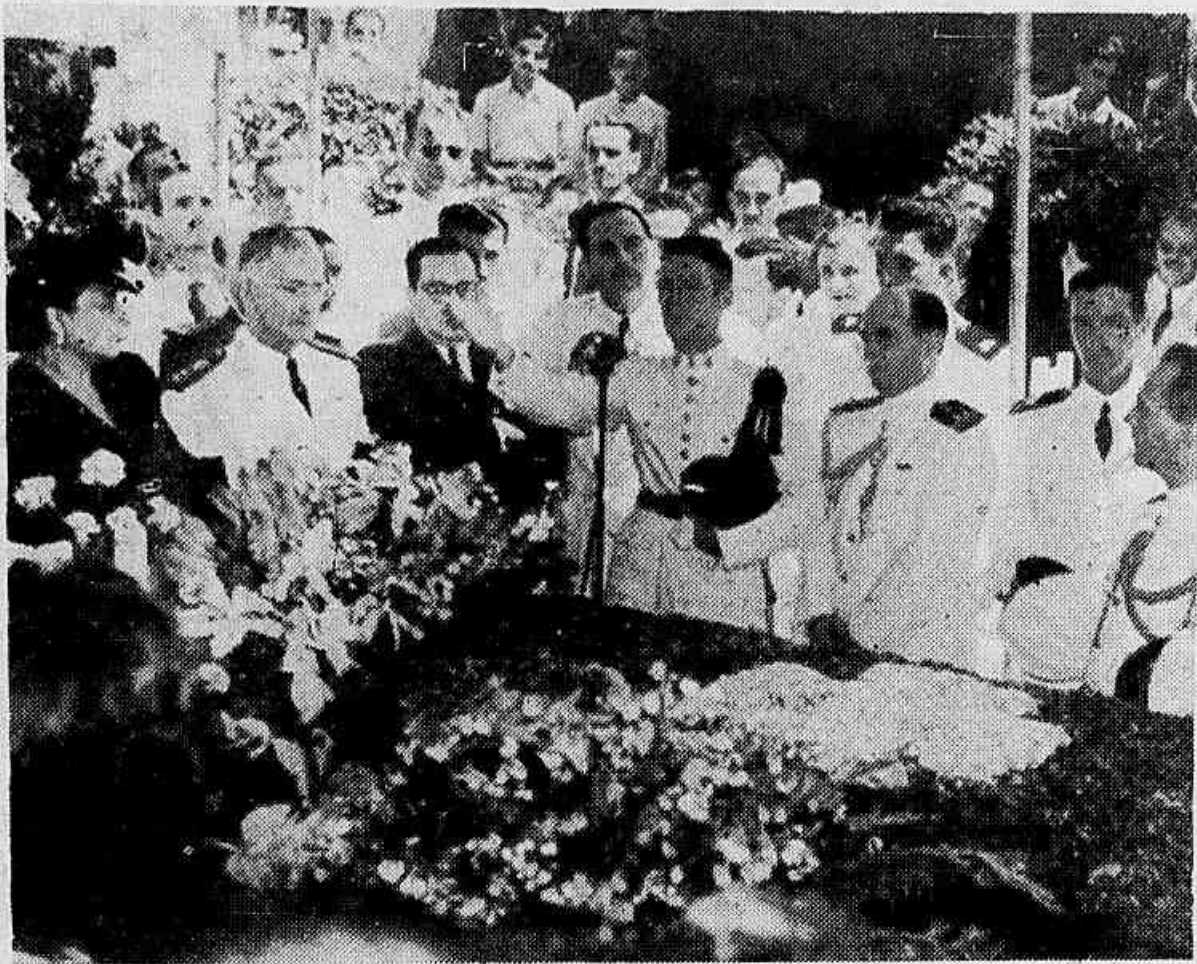


Revista da Semana

ANO XLIV --- Nº. 13 --- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil --- 27 de Março de 1943



SENHORA CHIANG-KAI-SHEK



O cadete Daniel Monteiro falando em belíssimo improviso, entre o representante do sr. Presidente da Republica, o Comandante Amaral Peixoto, Interventor do Estado do Rio, e o sr. Pedro Brando.

Domingo, dia 14 p. passado, transcorreu a data natalicia do falecido industrial patricio Henrique Lage.

O superintendente da Organização Henrique Lage, Sr. Pedro Brando, determinou que fossem realizadas diversas solenidades em comemoração daquela data, entre as quais se salientaram a Missa e Romaria ao tumulo do grande patriota que teve lugar ás 10 horas, e na qual falaram o Sr. Interventor Comte. Ernani do Amaral Peixoto e mais 3 cadetes.

Após a cerimonia no cemitério, realizou-se um almoço a bordo do navio "Itaquatiá", que acaba de ser inteiramente remodelado, e de onde foram apreciadas as primeiras experiencias da corveta "Matias de Albuquerque" construida para nossa Armada.

Para esse almoço foram expedidos convites especiais e nele tomaram parte o representante do Snr. Presidente da Republica, o Snr. Ministro Aristides Guilhem e outras autoridades.

Transcrevemos abaixo alguns trechos do comovido discurso que naquela ocasião pronunciou o sr. Pedro Brando:

"...evoco, com profunda emoção, a frase de S. Ex. o sr. Ministro da Viação, em seu discurso pronunciado ha precisamente um ano, em Imbituba: "Henrique Lage não morreu, vive na admiração dos brasileiros".

"Hoje, meus companheiros de jornada, transcorre a data natalicia do nosso Chefe. Ele tem tudo, mas deseja ainda muito mais de nós. Temos que satisfazê-lo, para lhe darmos, assim, a certeza da nossa immorredoura estima. E o presente que ele nos pede é: TRABALHO.

"Em face da situação que atravessamos, devemos trabalhar, mas trabalhar com espirito são, com disciplina e com perfeita compreensão da nossa responsabilidade. Nos seus derradeiros momentos, ele apelou para nós e pediu-nos que nos unissemos, que salvássemos a sua obra industrial e humanitaria, para o bem do Brasil e para auxiliarmos a tarefa do nosso

"Henrique Lage não morreu, vive na admiração dos brasileiros."

Comemorações do aniversario do grande industrial patricio sr. Henrique Lage, determinadas pelo superintendente da "Organização Henrique Lage" (P. N.) sr. Pedro Brando.

grande Presidente. E nós nos unimos e salvámos a sua obra. E o Governo, reconhecendo a sinceridade dos nossos propositos e a validade dos nossos esforços, tem nos olhado com animadora simpatia. E firmes prosseguiremos!"

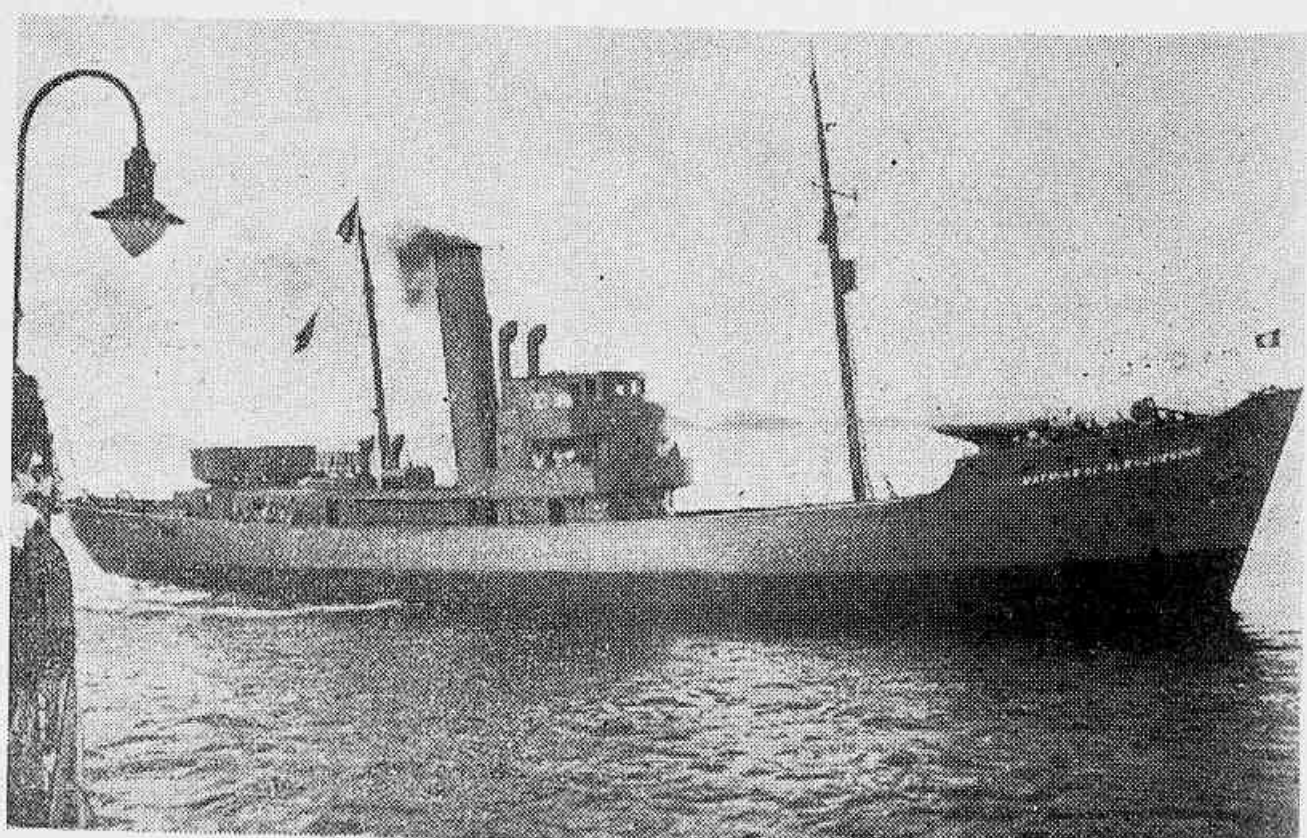
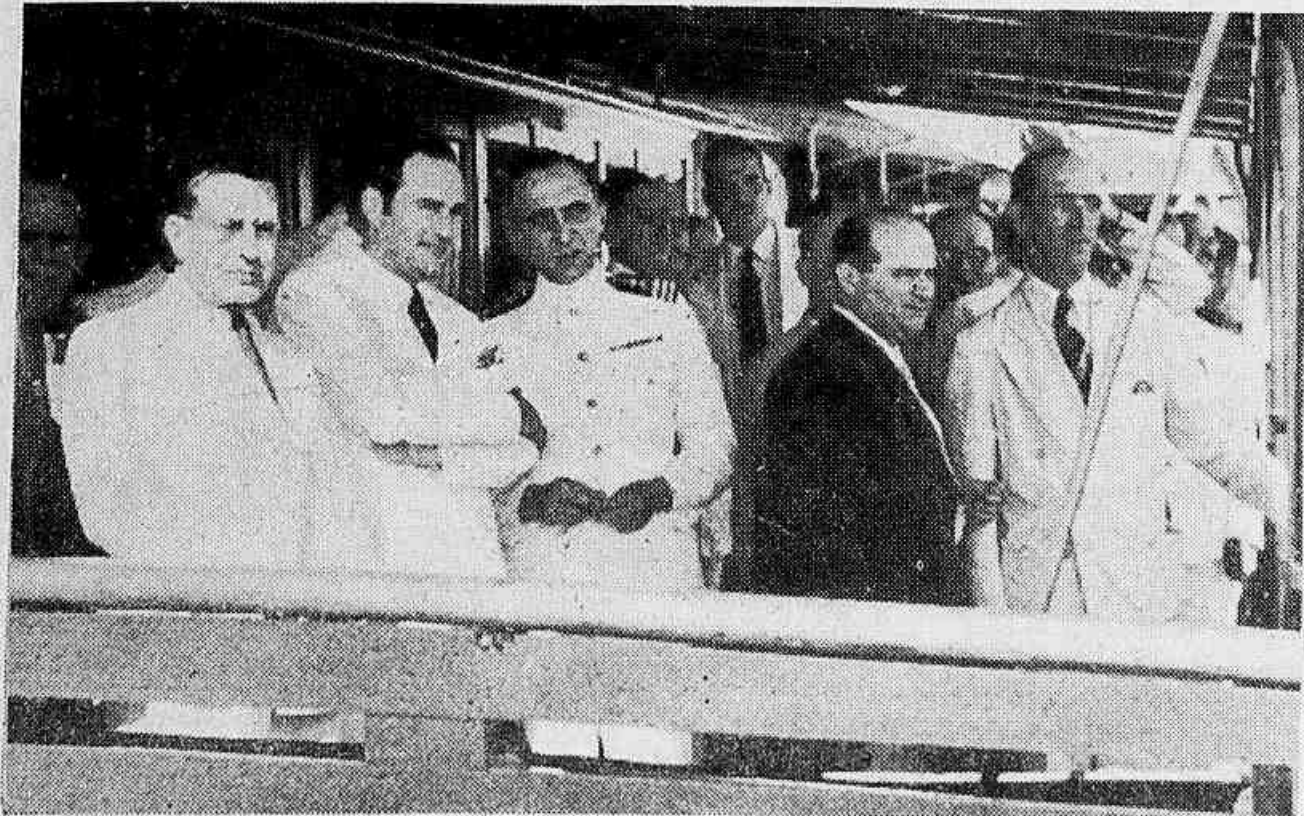
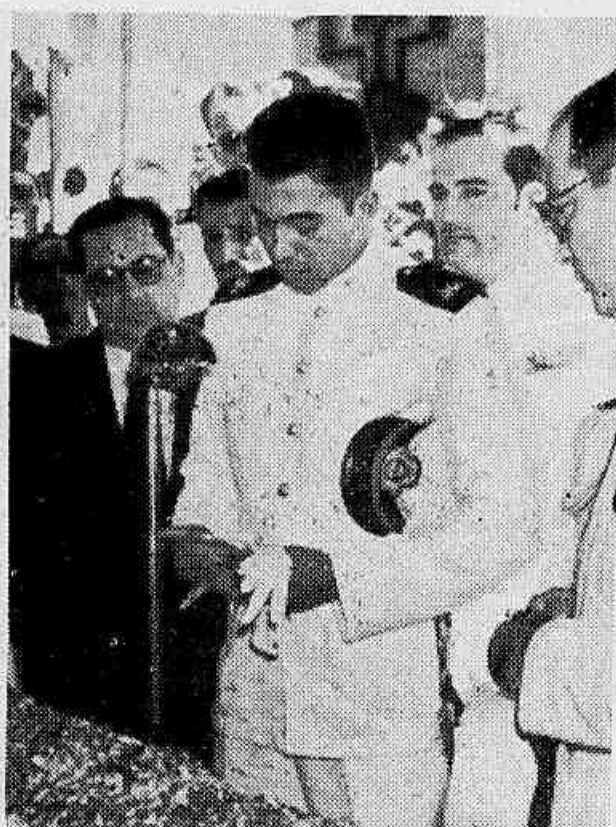
Damos nesta página diversos aspectos das comemorações do aniversario do industrial Henrique Lage, para sempre lembrado na memória dos brasileiros.



O sr. Interventor Ernani do Amaral Peixoto proferindo o seu discurso, entre o sr. Pedro Brando, Superintendente da "Organização Henrique Lage", o General José Pessoa e a exma. viuva Henrique Lage.

Ao lado: da esquerda para a direita: O cadete Virgilio Vargas Brasiliano lendo a ordem do dia do Coronel Travassos. — O aspirante Luiz Gonzaga Duque discursando. — O cadete do ar Antonio Firizola quando fazia uso da palavra.

Em baixo: á esquerda, o Superintendente da "Organização Henrique Lage", sr. Pedro Brando, aprecia de bordo do navio "Itaquatiá" as primeiras experiencias de maquina da corveta "Matias de Albuquerque", em companhia do fiscal de sua construção, Comandante Vasconcelos. — A' direita, a corveta "Mathias de Albuquerque".



PETROPOLIS

por Herman Lima

PETROPOLIS anda em festas há duas semanas, pelo seu primeiro centenário.

Uma cidade de cem anos é uma cidade-menina, com qualquer coisa mesmo do "entre-aberto botão, entre-fechada rosa", do madrigal machadeano.

Muita coisa se passou, no entanto, nessa breve existência de um século.

Sem nenhuma dúvida, o senhor D. Pedro II, seu patrono por todos os títulos, se a esta hora lhe desse na ideia recomençar os seus giros recheados de habituais mementos filosóficos ou na laboriosa gestação dalgum soneto de tomo — e estendesse os graves passos pelas cercanias do parque solarengo do Grão-Pará, muito haveria de franzir o imperial sobrolho a certos encontros desta hora, esses grupos de ultragranfinas que vão por lá bater as s las de pau dos tamanguinhos coloridos, com o vestido de linho em cima da pele, pano enrolado à cabeça á moda de toalha de banho, mascaradas pelos tremendos olhos escuros que os refugiados europeus trouxeram para as nossas praias e hoje menos afetam a eles do que á nossa gente nascida e criada ao sol de 42.º

Como vão longe aqueles vastos silêncios da mataria da fazenda do Córrego Seco, que na mesma data de 16 de Março de há cem anos, agora celebrada, um decreto imperial arrendava ao Major de Engenheiros, Julio Frederico Koeler, "pela quantia de um conto de réis anual, reservando um terreno suficiente para nele se edificar um Palácio para Mim, com suas dependências e jardins, outro para uma povoação, que deverá ser aforado a particulares, em datas ou prazos de cinco braças indivisíveis, pelo preço que se convencionar, nunca menos de cinco mil réis por braça."

Em lugar da cerrada verdura das frondes, povoada apenas pela floração das quaresmeiras litúrgicas, Petropolis sacode hoje para o alto os doze ou quinze andares desaforados do seu primeiro arranha-céu, mora na vizinhança do maior casino da America do Sul, tem clubes de bridge e piscinas cosmopolitas, fala inglês á vontade — e a modestia dos seus terrenos a "cinco mil réis a braça" anda por bem perto das cifras astronômicas dos lotes mais disputados de Ipanema ou do Leblon.

Entretanto, nem com tudo isso o encantamento da cidade imperial se desvaneceu de todo. Por mais torcido que tenha sido o seu destino, feito para refugio amavel aos bulfícios da Córte (e que ingênuos bulfícios não seriam aqueles da Córte de 1843!) ainda bem que nas suas coisas essenciais, Petropolis continúa a mesma, com o seu céu de azul tão puro como o de Capri ou da Ilha da Madeira, a arrepiada frescura das suas manhãs de Abril (manhãs de Abril em Petropolis, quem poderá esquecê-las?), as suas noites polvilhadas de bruma que é bem sua e nada tem a ver com a garôa paulista nem com o *fog* londrino, como é só seu o debrum de hortensias pelos caminhos da serra, a cantiguinha noturna do Piabanha rasgado nas pedras e a doçura específica das suas sombras longas á beira do rio de águas douradas.

E' assim possível ainda, nas horas em que a chusma de forasteiros de todos os quadrantes da terra se canaliza para os campos de *golf* ou de *tennis*, ou para os salões desnacionalizantes dos hotéis de luxo, recompor de novo a consoladora doçura daqueles antigos passeios emolientes á hora da sesta ou ao crepúsculo, tal como os fazia, aí por volta de 1910, já em pleno regime de pruridos modernistas do "Rio civiliza-se", não mais, é claro, o senhor D. Pedro, mas o europeizado Paulo de Andrade, da *Esfinge*, de Afranio Peixoto, todo carregado de fluidos amorosos da linda prima e de helenismo de importação: "ao longo das avenidas solitárias, olhando as estrelas tremulas, as árvores adormecidas, o rio preguiçoso que fluia sem ruido, e encontrando um ou outro caminhante cujos passos apressados ressoavam no lagedo..."

Essa é que é a Petropolis das minhas preferências, a que eu procuro rever sempre que posso, numa escapada de colegial em *gazeta*, para a renovação de certas horas de tranquilidade interior que me deu, há um bom par de anos, como numa taça encantada, o filtro sedante da sua corôa de serras e de matas. Uma Petropolis bem feminina, de jeito manso e discreto, acariciadora e sutil, fazendo bem por igual ao corpo e á alma, sob a magia do céu parnasiano, o sol que é um beijo de luz e a doçura dos seus ares apenas percutidos pelo eventual apitozinho dum trem de brinquedo no rumo dum suburbio qualquer ou pelo toque musical dos cascos dum cavallinho de fiacre a meter pelos ouvidos o refrão precursor do *chansonnier* Jean Sablon.

Mas essa maravilha pastoral não está só na cidade propriamente dita, nos limites reais da antiga Fazenda do Córrego Seco. Mesmo para quem tenha corrido outras terras, matando a curiosidade des mais sugestivas paisagens, como a das alturas de cordilheira norueguesa sobre o milagre do vale de Flan ou das grimpas de Anacapri, vizinhas á casa de Axel Munthe — a visão da subida da serra, com o desdobramento dos sucessivos panoramas que se vão abrindo, como um leque de prodígios telúricos, escarpa acima e vertentes abaixo, miniatura do Cosmos que o bom Deus andou espalhando na planície e no recosto da montanha, aqueles verdes de copas unidas como flores numa corbelha, aquelas manchas de todos os cambiantes do azul perdidas na distancia, por onde se estende a planície com o traço de prata dos canais, o boleio dos cerros da entrada da barra, até o recorte da baía toda em curvas — seguramente vale pelo mais estonteante de todos os espetáculos naturais deste mundo largo. E quando a bruma sobe como incenso, rasgando-se pela encosta, num jeito de espumas e de véus, amaciando a aspereza dum contraforte ou coroando de arminho certo relevo macio da serra, quasi tão doce como um seio, ou quando o sol doura os pinheiros e lava em ouro fluido águas, penedos, ramarias e vales, e toda a mata e todo o céu esplendem num delírio de cores que fariam a nevrose de qualquer pintor impressionista — então é preciso confessar que não haverá de certo outra paragem para um confronto qualquer.

Numa hora dessas é que me lembro sempre de certa frase dum visitante estrangeiro a quem o arrebatamento do espetáculo levou a derrubar preconceitos cerimoniais e me pegou pelo ombro, á portinhola do trem, uma vez, para mostrar o cenário de magia, frisando na voz entrecortada de emoção: "Mas isto aqui é com certeza o balcão donde Mefistófeles tentou Fausto, para a troca da alma!"

Petropolis, todavia, não teve até hoje o seu cantor celebrado.

Tem Teresopolis, como devoto entre centenas, Olegario Marianno, que lá ergueu, perto das nuvens, entre o canto das cigarras, uma casinha que é bem a sucursal do céu. O louvor de Hermes Fontes anda ainda hoje na boca de milhares de amigos de Paquetá "céu profundo que começa neste mundo e não sabe onde acabar". Petropolis teve sem dúvida o voto ilustre de Afranio Peixoto, elegendo-a para moldura das melhores paginas do seu romance maximo, além duma outra belíssima invocação a suas arvores. Também Ribeiro Couto, numa de suas crônicas de tão suaves sugestões, falou uma vez no seu misterio: "Petropolis poderia dizer, como Felix d'Arvers, no seu celebre soneto: 'Minha alma tem um segredo, minha vida tem um misterio'. Basta andar pelas suas alamedas, na doçura duma tarde fria, para compreender a existência desse misterio e desse segredo". Onde estão, porém, os poetas nacionais para lhe tecerem em versos definitivos a rêde desses encantamentos e dessas seduções sem par?

Revista
da
Semana

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo,
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações de asma, como dispnéas, influências, defluxos, bronquites, catarrhos agudos e crônicos, coqueluche, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocação, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogas
Distribuidoras: ARAUJO FREITAS & CIA.

Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco

Pedir a A. MADALENA
Rua 7 de Setembro, 128 - Recife

Desprende, joga

ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. Alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

89-B

Numeros atrasados desta
Revista na Paraíba

Pedir a EUGENIO DE OLIVEIRA
Avenida Guedes Pereira, 58
JOÃO PESSOA



VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"

TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA. RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição do Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5562.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 325. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

Outros riram...



— Quando casei com minha mulher estava tão apaixonado que seria capaz de a devorar de beijos.

— E agora?

— Agora... arrependo-me de não o ter feito, de verdade.



— Deste lado, há um inchago que precisamos de reduzir.

— Mas não muito, doutor! É a minha carteira!



— Com franqueza, doutor, o senhor nunca se enganou?

— Uma vez. Curei um milionário, fazendo-lhe apenas tres visitas.



— Seu marido entende muito de corridas?

— Muitissimo. Sabe sempre com certeza o cavallo que vai ganhar e depois sabe exatamente porque é que perden.



CUIDADO COM A LIMPEZA RADICAL quando se tratar do ESTÔMAGO!

Purgantes podem prejudicar o estômago; o que ele precisa é de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão Fostex, que não contém cáusticos nem laxantes.

• Combate acidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras

FOSTEX

Produtos FOSTER

A NOSSA APA

Não ha nenhuma impropriedade em incluir o retrato da senhora Chiang-Kai-Shek na galeria de grandes chefes desta guerra: como seu próprio marido, o generalissimo chinês, disse certa ocasião, essa ilustre dama vale bem vinte divisões, pelo alto espirito de dedicação, entendimento real das circunstâncias mais graves da vida de seu país, senso de iniciativa e pelo integral devotamento á causa da China, que é, ha muitos anos, a principal finalidade de sua vida.

Ainda recentemente sua visita aos E. Unidos veio renovar a admiração que as democracias vêm prestado á senhora Chiang-Kai-Shek. Basta lembrar, entre todas as homenagens que lhe foram prestadas na America do Norte, a sessão solene realizada em sua honra na Casa do Congresso, em Washington, onde foi a primeira mulher, de qualquer país, inclusive os E. Unidos, a dirigir da tribuna oficial a palavra aos representantes do povo americano.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Pepais

BANKETS



Custam apenas
oito cruzeiros

Custam oito cruzeiros, no Rio ou nos Estados, as trezentas páginas do "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1943.

Mediante o gasto de tão insignificante quantia, v.s. possuirá um livro interessantissimo porque, além de guia seguro para o Ano Novo, é o "Almanaque" um manancial de leituras que instruem e educam. Muitos assuntos ilustrados, grande parte a cores, dão beleza invulgar á edição em apreço.

De posse de um "Almanaque" não lhe faltará distração em casa, em viagem, á noite, aos domingos e feriados.

São quasi tantas páginas quantos são os dias do ano.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" — para 1943 está á venda em toda parte, no Rio e nos Estados. Pode ser adquirido diretamente na redação, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio.

Rua Maranguapé, 15 — Rio — Distrito Federal.

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas ALOICAS

REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracaju

A SEMANA EM REVISTA

ARRANHA-CE'U PORTUGUES

Quem não conhece Portugal? Na verdade, considerando-se que conhecer um país é, antes de tudo, *sentir-lo* na sua história e na sua geografia — nas suas tradições, enfim, — não existe brasileiro a quem Portugal seja desconhecido. As récitas no São Carlos, as *tipoiás* rangedouras demandando o *Chiado*, aquela vida pitoresca das ruas, do cais. Os escândalos sociais, o beatismo, tudo isso que o Eça tão bem immortalizou nas suas páginas. Fora de Lisboa, as províncias são outro mundo, também suave, também alegre. Faz-se vinho. As igrejas, a arquitetura em geral, os costumes, guardam ainda esse ressaibo medieval de que não se libertou, por completo, nenhum povo europeu. E' o Portugal lírico dos idílios, é o Portugal romântico dos sinos que plangem nos campanários, metalizando a tristeza das tardes mansas. Pois bem, senhores, essa terra, no momento, está *ameaçada*. Ameaçada na sua pureza, no seu encanto. Não nos referimos a Hitler ou a quaisquer outros perigos de ordem militar; está ameaçada simplesmente pela *civilização*, a terrível mediocrizadora de todos os países onde passa o rolo compressor de sua uniformidade. Um telegrama anuncia que o arquiteto Cassiano Branco declarou os seus propósitos de construir o primeiro arranha-céu de Lisboa. Não se assustem! E' um autêntico arranha-céu, com sessenta metros de altura e dezesseis andares! Que diria o Pacheco?

PETROPOLIS FEZ CEM ANOS

A 16 de Março de 1843 o imperador D. Pedro II fundava a cidade de Petrópolis, no local da antiga fazenda do Córrego São. E agora, com um pouco de imaginação poderemos entrever uma ligeira reconstituição desse dia que já vai tão longe. Manhã cheia de bruma; chega para o ato simbólico o Régio Personagem, seguido de lúcido cortejo de nobres. Ministros, barões, viscondes, representantes da Guarda Nacional... Também senhoras, sinhaszinhas? Ignoramos, mas é provável que não, porque transportar-se da Corte até lá, naquela época, deveria ser uma aventura por demais ousada. Portanto, resolvamos, não havia senhoras. Mas fundou-se a cidade. Depois, durante todo o resto do Segundo Império, Petrópolis foi o refúgio preferido de Sua Majestade, sempre que o calor abrasava neste Rio de Janeiro cada vez mais quente. No livro de Ribeyrolles, por exemplo, vemos uma velha gravura do Palácio Grão Pará, faustoso; emoldurado por uma paisagem rústica. O quadro mudou. Cresceram árvores, ao redor Surgiram ruas. A cidade foi aumentando, vindo a tornar-se um dos centros industriais fluminenses de maior importância. Apesar de tudo continua no seu papel de terra-de-turismo. Hoje — como ontem — a elite social procura, avidamente, seus sítios tranquilos para descanso e recreio. No entanto, como tudo está diferente! As damas não seguem mais trajadas á moda de 1800. Granfinas, vão de olhos escuros, de tamanco e de lenço á cabeça. Lá, em vez dos lundús, das quadrilhas — o fox, o samba, nos salões cosmopolitizados dos hotéis de luxo... Só a bruma é a mesma. Só a cor do céu não mudou...

PROSSEGUE O CAMPEONATO...

Sem dúvida o interesse pelas eleições recrudescceu em nosso país. Em todo lugar onde se processa uma votação — até mesmo no Clube de Engenharia — os eleitores se esforçam para viver ou — quem sabe? — reviver as emoções insuperáveis de um pleito á antiga. E, analisando-se mais detidamente os fatos, observaremos que, de um modo geral, tudo quanto é competição, rivalidade está em moda. A guerra, dirão. Sim, talvez seja a guerra, coadjuvada por outras circunstâncias.

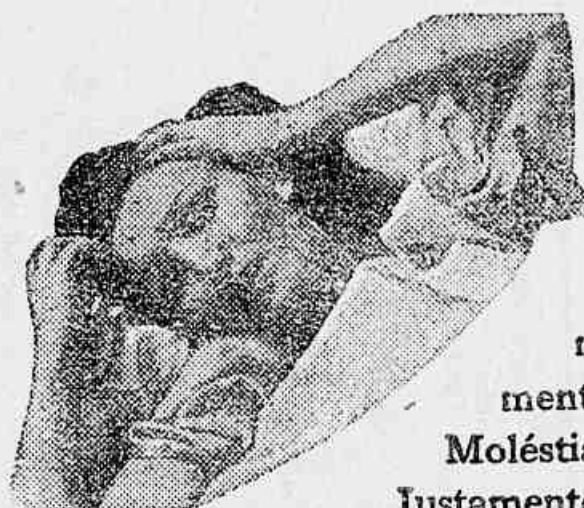
Foot-ball de ha muito tornou-se uma coisa tão séria no Brasil que altos personagens das elites sociais passaram a preocupar-se com ele. Mas o jogo de que pretendemos falar aqui não é propriamente de foot-ball; trata-se do segundo round da luta entre acadêmicos e modernistas, agora anunciado de São Paulo.

Ha algum tempo o negócio foi aqui no Rio. Quasi se pegaram á unha. Houve bate-bocas sérios e por fim a retirada revolucionária dos modernistas para os salões da A. B. L., acontecimentos que lograram uma larga repercussão na imprensa.

Agora chegou a vez da turma de São Paulo. Os modernistas bandeirantes pedem um salão e um júri especiais. Acham que a comissão julgadora oficial não deve ser, toda

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

ela, composta de elementos imbuídos de mentalidade tradicionalista, condição que estabelece uma parcialidade *a priori*. E um arquiteto, sintetizando a contenda, emitiu o seguinte grito de guerra: "enterremos o Aleijadinho!". Perguntamos: assistirão os acadêmicos, impávidos, a esse funeral simbólico? Não, senhores, na verdade a coisa está sensacional...

QUE PRETENDIA ELE?

Certos fatos nos levam a meditar profundamente sobre o enigma do homem. Contemplando-se a cidade, observando-se as multidões que se transportam nos bondes e onibus, admirando-se a agitação febril dos operários dentro de uma fábrica, somos levados a crer que toda essa agitação, toda essa inquietude destina-se, apenas, a garantir a subsistência de cada um.

Em casa, o trabalhador tem uma esposa, filhos. E é justamente a família que desenvolve a ambição do homem, no bom sentido. Ele deseja enriquecer, acumular fortuna para melhor educar seus filhos e, também, para melhor viver a sua vida. Isto, pelo menos, é o que se pode chamar normalidade. Casos existem, porém, que destoam por completo desses padrões, revelando talvez o lado monstruoso da espécie humana. Os avarentos, por exemplo.

Agora, no Rio, morreu um cidadão que, embora simulasse uma situação de precariedade econômica, possuía a *insignificância* de 40 milhões de cruzeiros depositados em bancos, ou representados em apólices e prédios. Basta dizer que em cada estabelecimento de crédito com sede nesta Capital, ele possuía uma média de cinco milhões de cruzeiros! Não obstante isso, fazia poupanças nas mínimas coisas, lesando principalmente o fisco, ao qual já devia, só de imposto de renda, quinhentos mil cruzeiros!

Em princípio, achamos que ele estava no seu pleno direito de fazer tudo menos, é claro, lesar a fazenda pública. Não é para condená-lo que escrevemos estas linhas. Imaginando, porém, a existência desse homem, sua preocupação constante de empilhar dinheiro, seus pesadelos noturnos, em que se enxergava sempre espoliado, ficamos impossibilitados de compreender. Afinal o que desejava o avarento fazer com o dinheiro? Qual seria a finalidade de toda essa estupidez? — se é que a estupidez pode ter alguma finalidade.

DURMA

feliz
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Seção dirigida por GIBERT DE PARIS

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

SABONETE DE REUTER

Esse algo intangível que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis deliciosamente asseada. Use diariamente o

SABONETE DE REUTER
para conso-
guita.

LSK

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as espinhas e a tendência para a pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e saudável volta a inspirar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

O Pêso bruto



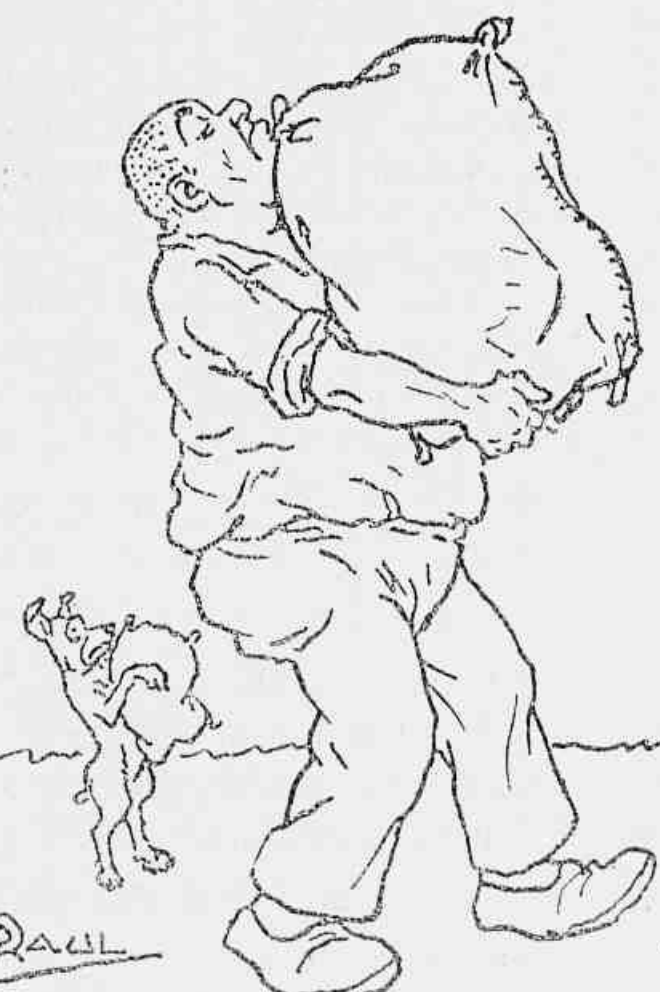
Nas costas



Na cabeça

No hombro

Nos hombros



Na proa



No lombo

A ESPOSA DE ANDRIANATORO

CONTO DO ESCRITOR MALGACHE *ANDROTSARA*

Nesta região de Madagascar os arrozais não davam para o consumo. Por acordo unânime, os homens da aldeia de Ambohimamborina resolveram deitar à floresta, para utilizar o terreno. Os últimos clarões do incêndio confundiam-se no horizonte com a púrpura dos raios do sol posto. Da floresta, virgem de passos humanos, só ficaram cinzas espessas, fumegantes ainda, que as lufadas do vento levavam em turbilhão. E a noite veio rápida, sem crepúsculo. Desceu sobre a terra uma paz absoluta. Nenhum Malgache se atreveria a passar por ali, com medo de encontrar os espíritos da floresta morta. Só o disco sangrento da lua cheia ousava contemplar aquele cenário.

Quando a luz do dia inundou a aldeia, todos os Betsileo estavam prontos para o trabalho da terra. E muitas mulheres, com as suas roupas de cores garridas, acompanharam os maridos ou os pais ao planalto onde o fogo devorador acabava de criar uma fonte de riqueza.

Uma rapariga, envolta num pano azul celeste se distinguia das companheiras pela beleza duns grandes olhos cor de safira que extraordinariamente contrastavam com um rosto do mais formoso ébano. Usava o penteado nacional, feito duma infinidade de pequeninas madeixas enroladas acima das orelhas e que punha em relevo a harmonia dum perfil de fazer inveja a muita Latina. Essa moça, que se chamava Mangamaso e era o fruto da união duma negra com um branco, só tinha de comum com as vizinhas a cor aproximada da pele. E seu padasto, o ganancioso Rainimangamaso, guardava o segredo daqueles amores, porque lhe convinha ser tomado pelo verdadeiro pai, já porque este, tendo resolvido voltar à Europa natal, o subornara com presentes magníficos.

Mangamaso, ignorante da sua origem, fôra criada como todas as da sua tribo. Tinha, porém, às vezes, idéias, modos estranhos. Surpreendiam-na em melancólicas, longas meditações que deveras intimidavam os homens. E chegava-se a dizer que a mecha de cabelos cuja falta se lhe podia notar, atrás duma das orelhas, fôra cortada por um feiticeiro para com ela preparar um feitiço fatal...

Grande animação reinava agora no planalto por onde a floresta estendera a sua exuberância frondosa. Os homens faziam buracos no chão com um pau aguçado; as mulheres deitavam em cada uma dessas pequeninas covas alguns grãos de arroz e depois calcavam a terra com o pé. Essa sementeira durou muitas horas. Depois, todos se foram embora deixando a Deus o cuidado de fazer brotar o arroz. Mangamaso, porém, não voltou sósinha.

O rico Andrianatoro reparara nela muitas vezes, nas ruas da localidade. Naquela manhã mesma a contemplara, estando ela separada da outra gente, a cismar, com o coração cheio dos impossíveis desejos que lhe vinham do sangue do branco. Por fim, aproximou-se de Mangamaso e manifestou-lhe o desejo de a tomar por esposa — a ela, filha dum rústico.

Mangamaso contava dezoito anos e ainda não tinha amado — caso bem raro entre as mulheres da sua raça. E tal condição mais cativou o opulento Andrianatoro. Sendo este, além do mais, bonito rapaz e andriana (1) Mangamaso aceitou-lhe a proposta. E eis porque, finda a sementeira do arroz, os dois voltaram juntos a casa de Rainimangamaso.

As condições do futuro sogro excederam grandemente os limites do razoável. Andrianatoro, porém, deu-lhe todos os presentes que ele exigia, para ter o direito de levar a joven esposa, conforme a tradição, dali a tres dias. Assim, sem outra formalidade, a linda Betsileo de olhos azues foi levada para a residência — à margem do rio Mangoka — daquele que, bem sucedida a experiência de acordo com os costumes da tribo, se tornaria definitivamente seu marido.

A estranha criatura em quem tanto influia o sangue vazava (2) mostrou-se

a mais gentil e suave das companheiras. Os primeiros dias do casamento correram numa continua delícia. Mangamaso, a quem só então fora revelado o amor, adorava o esposo com toda a paixão de que é capaz uma Betsileo e ainda delicadesas, graças, docuras de que nenhuma Betsileo seria capaz. O seu requinte sentimental chegava a causar a Andrianatoro, verdadeira admiração. Com a formosa cabeça encostada ao peito forte do companheiro, Mangamaso murmurava numa voz que era uma surdina de ternura humana:

— Escuta... O rio não deixa um momento de afagar as ribanceiras nem o vento brando de beijar as ramagens. Ouves essas vozes, ora amigas ora apaixonadas? Pois o rio e o vento me dizem: "Entrega o teu coração a um único e eterno amor. Meu senhor, eu quero conservar puro de qualquer maldade e isento de qualquer tristeza, esta ventura do coração, embriaguês mais doce que o mais doce hidromel! Vim ao mundo no funesto mez de Alahasaty, mas sei que o teu amor vencerá o feitiço fatal do meu nascimento. Quizera sentir bem breve a alegria de ser mãe. Irás então dar a toda a gente a grande nova. E voltarás depois a casa de meu pai, para trazer definitivamente aquela que te deu o penhor da perpetuidade. Finda a festa, partiremos. Serei então definitivamente tua esposa. Trarei debaixo do braço o cântaro vasio — o cântaro que não deverás quebrar se não quizeres, ao mesmo tempo, marcar o termo da minha vida. Por que, se o teu coração deixar de querer a Mangamaso, Mangamaso irá para a companhia dos crocodilos, seus irmãos.

— Como poderia eu deixar de te amar? respondia o andriana. — Tu és o lotus, a flor marinha, o aroma da balsamina, a estrela da manhã. Os teus cabelos teem o brilho negro das azas da andorinha; as tuas so-brancelhas foram traçadas pela mão dum sonho; os teus olhos refulgem como uma lâmpada de ouro; e os teus lábios são mais finos que a corda dum arco. Como poderia eu não te amar? Na tua presença, os feitiçeiros esquecem a sua ciência e os seus livros; treme lhes o corpo inteiro; e para eles o inverno se converte em verão. Eu te amo como os crentes amam Ambohimanga, a santa. O talhe do teu corpo é mais gracioso que os caniços do lago; e o cheiro da tua pele mais doce que o perfume do betsa-betsa. Oh, minha bela, de olhos profundos como o mar! Aperta-me nos teus braços, guarda-me assim, contra o teu peito! E tu, mês de Alahasaty, rubro mez da desgraça, some-te nas entranhas da terra!

Decorreu um ano. Infelizmente a experiência não deu o resultado que tanto se desejava. Mangamaso não pôde proporcionar a Andrianatoro a glória da paternidade; e ele não devia conservar perto de si a mulher que lhe não dava os filhos exigidos pelos antepassados para a continuação do culto. Resolveu, portanto, fazer voltar para casa do pai a criatura que não podia ser integralmente sua esposa. E Mangamaso aceitou, sem protesto nem queixume, aquela decisão natural.

Alguns minutos antes de deixar para sempre a casa dos seus amores, Mangamaso desatou as finas tranças dos seus cabelos e cortou-os. Deixou-os ficar, juncando o chão. Depois envergou o seu mais belo vestuário branco e assim, pela ultima vez, se apresentou, visão trágica de luto, a Andrianatoro...

No dia seguinte foi levado àquela rica residência o corpo sem vida da criaturinha de olhos azues que as águas do Mangoka tinham docemente carregado para a margem. Os crocodilos haviam respeitado a formosura da sua irmã.

(Continúa na pagina 43)

USANDO O
ROUGE E O BATON
La Laque

Suas faces refulgirão, seus labios ficarão maravilhosos com a harmonia dessa feliz combinação, aumentando a fascinação de seu rosto encantador.

À VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO



HUGH WALPOLE FALA SOBRE LITERATURA

Onde estão os Gigantes?

SIR HUGH WALPOLE, O ILUSTRE ESCRITOR INGLÊS FALECIDO O ANO PASSADO, ERA, ALEM DE ROMANCISTA DE GRANDE ENVERGADURA, PELO ESTILO, PELA EMOÇÃO E PROFUNDIDADE SUBSTANCIAL HUMANA DE SUAS CRIAÇÕES, UM CRÍTICO ARGUTO E PENETRANTE. ESTA PAGINA, DE 1938, É BEM CARACTERÍSTICA DE SUA MANEIRA LITERÁRIA NESSE SETOR

mas e centenas de livros novos e interessantes publicados durante o ano, livros que podem ser lidos por uma pessoa de discernimento e de gosto, sem razão de queixa pelo tempo perdido.

E' MUITO frequente dizer-se hoje que não ha grandes escritores vivos nas letras inglesas e quando digo inglesas quero dizer, embora pareça ofensivo, britannicas. Ninguém, ao que eu saiba, falou nunca em literatura "britannica" e não serei eu que vá principiar tal coisa.

Isto posto, haverá então algumas grandes figuras? Ha W. B. Yeats, George Bernard Shaw, Sir James Frazer, H. G. Wells, o Professor Whitehead, George Trevelyan e Virginia Woolf. Esses, confirmo, são gran-

Talvez nunca o nivel geral do cometimento literário tenha estado mais alto na Inglaterra do que hoje. Então, porque essa impressão quasi universal de que não temos grandes homens de letras, e especialmente de que, nos ultimos dez anos, tenha havido uma lamentavel falta de novos escritores de pulso e de personalidade?

A resposta a esta pergunta é, penso eu, que sempre foi assim. Ha a famosa carta de Macaulay, escrita ha perto de cem anos, queixando-se de não haver bons escritores vivos na Inglaterra e que talvez nunca mais os houvesse isto num tempo em que Thackeray e Dickens, Tennyson e Browning, Carlyle e Edwin Fitzgerald estavam vivos e bem vivos.

O brilhante grupo de rapazes que se reuniam em Hampstead no começo do século dezenove tambem prestavam muito pouca atenção ao seu periodo. Admiravam Wordsworth e Coleridge, até os encontrarem cara a cara, — mas a admiração de Hazlitt, Lamb, Keats, Shelley e Byron eram quasi todas pelo passado.

Eu diria que hoje, nos principios de 1938, podemos orgulhar-nos dum poeta como Yeats, dum dramaturgo como Shaw, dum historiador como Trevelyan e duma romancista como Virginia Woolf, todos vivos e prodezindo.

Ao ler outro dia a recente tradução do "Journal des Goncourts", eu pensava de mim para mim como era maravilhoso aquele grupo de escritores do Segundo Imperio — Balzac, Flaubert, George Sand e os demais: e então refletindo um pouco mais cheguei á conclusão de que em Shaw nós temos um dramaturgo melhor do que qualquer um deles; que Virginia Woolf era uma romancista mais admiravel e mais sensível do que George Sand, e que nenhum romance dos irmãos Goncourts poderia comparar-se a "Old Wives's Tale", de Arnold Bennet, e que Balzac, vamos dizer honestamente, por maior genio que fosse, escreveu muito romances bem ruins.

O fato é que não podemos ler nossos contemporaneos como a Posteridade os lerá: Nós queremos apenas assegurar-nos de que a torrente da literatura inglesa ainda esteja fluindo poderosamente. E aqui abordamos a verdadeira questão. Essa torrente, agora, é mesmo viva e impetuosa? Não estou bem certo.

A falar com franqueza, penso que não são tão numerosos os escritores novos, dos ultimos dez anos, com personalidade e energia. No romance, os três jovens romancistas dos quais se podem esperar, creio eu, belas coisas, são Graham Greene, R. C. Hutchinson e Christopher Isherwood. Isherwood é, para mim, o mais promissor desses, pois Mr.

Greene, ultimamente, tem se perdido numa critica provinciana muito azeda, e Mr. Hutchinson ainda não limpou de todo seus "decks" técnicos para a ação, mas esses três homens têm todos, em seu diferente modo de ser, vitalidade e são verdadeiros criadores com um genuino ardor criativo.

Eu sou, naturalmente, um velho antiquado, pertencente aos Tradicionalistas e portanto tudo o que diga acerca do romance moderno deve ser considerado com desconfiança, mas acho que muitos bons juizes concordam comigo em

(Conclue na pag. 42)

JOSEPH CONRAD.



BERNARD SHAW, numa caricatura argentina.

des nomes e a lista pôde sofrer confronto vantajoso com qualquer periodo literário na história inglesa, exceto com os periodos verdadeiramente grandes. Sim, mas que gente velha é essa! Apenas a senhora não é veneravel.

Quem é que ha, de menos de sessenta anos, hoje vivo, com um nome possivelmente grande nas letras inglesas? Ha E. M. Foster, Aldous Huxley, J. B. Priestley, Sean Casey e Rose Macaulay. E ha, abaixo de quarenta anos: H. W. Auden, Stephen Spender, Cecil Day-Lewis, Christopher Isherwood, Arthur Bryant, Ruth Pitter, R. C. Hutchinson e H. E. Bates.

Considerem por um momento esta relação de escritores ingleses vivos. Não é desprezível e a seu lado e por trás dela ha cente-



H. G. WELLS.



O homem sem impressões digitais

(Condensado do COLLIER, por J. Edgar Hoover e Frederick L. Collins)

O ESTRANHO CASO DE ROBERT PITTS, O ÚNICO HOMEM QUE JÁ CONSEGUIU REMOVER AS IMPRESSÕES DIGITAIS PARA IMPEDIR O RECONHECIMENTO DE SUA IDENTIDADE. SEU FANTÁSTICO PLANO E COMO ELE FOI DESCOBERTO CONSTITUEM UMA DAS MAIORES HISTÓRIAS DA CAPTURA DE CRIMINOSOS, DO BUREAU FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO DOS EE. UU.

No tempo de Dillinger falava-se muito em alteração de impressões digitais. A maior parte dos grandes *gangsters* tentou esse expediente. O próprio Dillinger gastou 5.000 dólares com um cirurgião, na tentativa de ocultar sua identidade. Porém nenhum deles conseguiu resultado satisfatório.

Pensava-se que o assunto estivesse encerrado, quando subitamente volta ele à tona, em Outubro de 1941, quando um rapaz de 32 anos, alto, loiro, de ar inteligente, dando o nome de Robert Pitts, foi preso perto de Austin, no Texas, por falta de certo cartão de registo do Serviço Seletivo.

Pitts não tinha absolutamente impressões digitais.

Aqui estava um problema único na história da moderna legislação penal. Há na divisão de identificação do Bureau Federal de Investigações mais de 57 milhões de séries de impressões digitais. Impressões adicionais chegam ainda na média de 125.000 por dia. Esta vasta coleção é tão bem arranjada que um dos centenares de prontos em impressões digitais pode identificar em menos de 3 minutos as impressões recém-chegadas, com qualquer dos 57 milhões de séries existentes. O perito, com a lente de aumento compara os sulcos, *deltas* e *cores* que aparecem no novo cartão com as do antigo.

Não há duas impressões digitais iguais, mesmo as dos gêmeos mais parecidos. As impressões do quinteto das Diones são tão diferentes entre si como as do Presidente Roosevelt e as de Adolf Hitler. A identificação, no entanto, é imediata, infalível. No caso de Robert Pitts, todavia, tal identificação era impossível.

Quem era este homem sem impressões digitais?

Que cirurgião as teria removido?

O camarada não queria dizer. Ele não parecia ser um homem que tivesse negócios com a polícia. Seus olhos azul-cinza eram claros e vivos, a pele não tinha a palidez da prisão. Apresentava certos sinais distintivos, especialmente uma longa cicatriz num lado do rosto, que atribuía a uma queimadura, havendo porém indícios claros de uma tentativa para disfarçá-la.

Robert Pitts não estava tão seguro no seu anonimato como julgava. O B. F. I. tratava do caso, com os seus 56 departamentos e suas 20.000 milhas de equipamento teletipo cobrindo o país.

Soube-se que, nove anos antes, um rapaz, correspondendo ao seu tipo, aparência e medidas, mas sem qualquer cicatriz e dando o nome de Robert J. Phillips, fôra preso em Roanoke, na Virginia, acusado do roubo de um automóvel; e poucos meses depois em Chillicothe, Ohio, um certo Robert James Phillips fôra sentenciado a 18 meses pelo mesmo crime. As impressões digitais dos dois prisioneiros eram idênticas. Idênticas eram também as de várias "outras" pessoas presas sob diversos nomes e por vários delitos, em diversas partes do país, durante os 8 anos posteriores.

Confrontado com a evidência que o Bureau penosamente ia reunindo, o homem da prisão de Texas, que pensava convictamente que sua identidade nunca seria descoberta, admitiu, não somente que se parecia com Robert Phillips, mas também, o que aliás os homens do Bureau bem sabiam, que suas impressões inidentificáveis não eram um fenómeno natural mas resultado de certa manipulação inteiramente inexplicável. Mas nem isso nem outra qualquer declaração que o prisioneiro fizesse poderiam revelar a identidade do renegado cirurgião autor daquele sinistro milagre.

Tudo o que podíamos saber na importante pesquisa que agora se iniciava era que a operação devia ter ocorrido entre 28 de março de 1941, quando Pitts fôra preso em Miami com as suas impressões digitais intactas e 30 de outubro de 1941, ao ser preso sem as mesmas impressões. Achar o cirurgião entre os 160.000 médicos dos E. Unidos era, tínhamos que admitir, um caso sério. Ainda mais porque o operador poderia não ser médico.

Pitts não adiantava nada. Seus antigos companheiros, porém, pareciam mais promissores. Com esta ideia, procurámos e interrogámos sujeitos implicados na longa série de crimes de que Pitts era acusado e com os quais ele estivera em contato durante o encarceramento. Finalmente um desses cedeu e admitiu que Pitts lhe mencionara um nome ligado à sua operação, nome esse parecido com Brandenburg.

Com este fio da meada, agentes especiais de Charlotte, cidade natal de Pitts, apertaram um irmão do criminoso, de nome Ted, freguês habitual, também, das prisões americanas, e esse acabou admitindo que Robert havia falado numa operação sofrida "no Norte", em New Jersey, acreditava ele.

Nome: — Brandenburg.

Logar: — New Jersey.

Ocasão: — Entre 28 de Março e 30 de Outubro de 1941.



Robert Pitts com as cicatrizes do busto.

Era alguma coisa e imediatamente as autoridades se puseram em campo, localizando um médico, Leopold W. A. Brandenburg, um cidadão gorducho e pesado, contra o qual aparentemente seria difícil arguir-se alguma coisa.

Para evitar complicações desagradáveis, os agentes do Bureau deixaram o médico em liberdade e entraram em indagações. Havia indícios de duas acusações contra ele, por aborto provocado, em 1928 e 1942, porém de ambas se vira livre, ao fim do processo, com a demonstração de sua inocência. Também se soube que o médico, em 1934, fôra preso por ter receitado narcóticos sem o devido registo legal.

O verdadeiro Mr. Hyde não começou a emergir de sob o volumoso Dr. Jekyll senão quando se descobriu que ele fôra preso em 1934, como acumpliciado num assalto postal com o roubo de 100.000 dólares, na mesma cidade de Charlotte. Sua parte no caso fôra puramente financeira, pois cinco dias depois do roubo fôra depositar 10.000 dólares, sob nome suposto, num banco de New Jersey. As autoridades não custou a identificar o dinheiro como fazendo parte do lote roubado e o médico escapou à internação no presidio de Alcatraz unicamente por não se poder provar que soubesse da procedência das notas.

Tudo isso provava que o médico não era bôa bisca, porém não demonstrava que fosse o autor da operação em Pitts.

Pouco a pouco, as autoridades conseguiram descobrir que um dos assaltantes, Dutch Schmidt, chefe do bando, dissera uma vez a Pitts que se algum dia se visse em complicações procurasse o dr. Brandenburg. Uma vez mais a acusação era insuficiente, ainda mais partida da boca dum patife conhecido.

Uma coisa, contudo, a investigação descobrira: Pitts confessara ter tomado parte noutra assalto posterior pelo que se arriscaria a 16 ou 20 anos de prisão — o que o teria provavelmente levado a procurar o dr. Brandenburg.

Pitts tinha dado um passo mais arriscado dessa vez — já dera muitos antes — pois 16 anos de prisão para um rapaz de 32 era demais, para ser aceito sem luta. Era preciso ter dinheiro para contratar advogados que alterassem sua confissão ou lhe reduzissem a sentença. Pela segunda vez, lembrou-se do conselho de Schmidt: "Quando estiver apertado, procure Brandenburg".

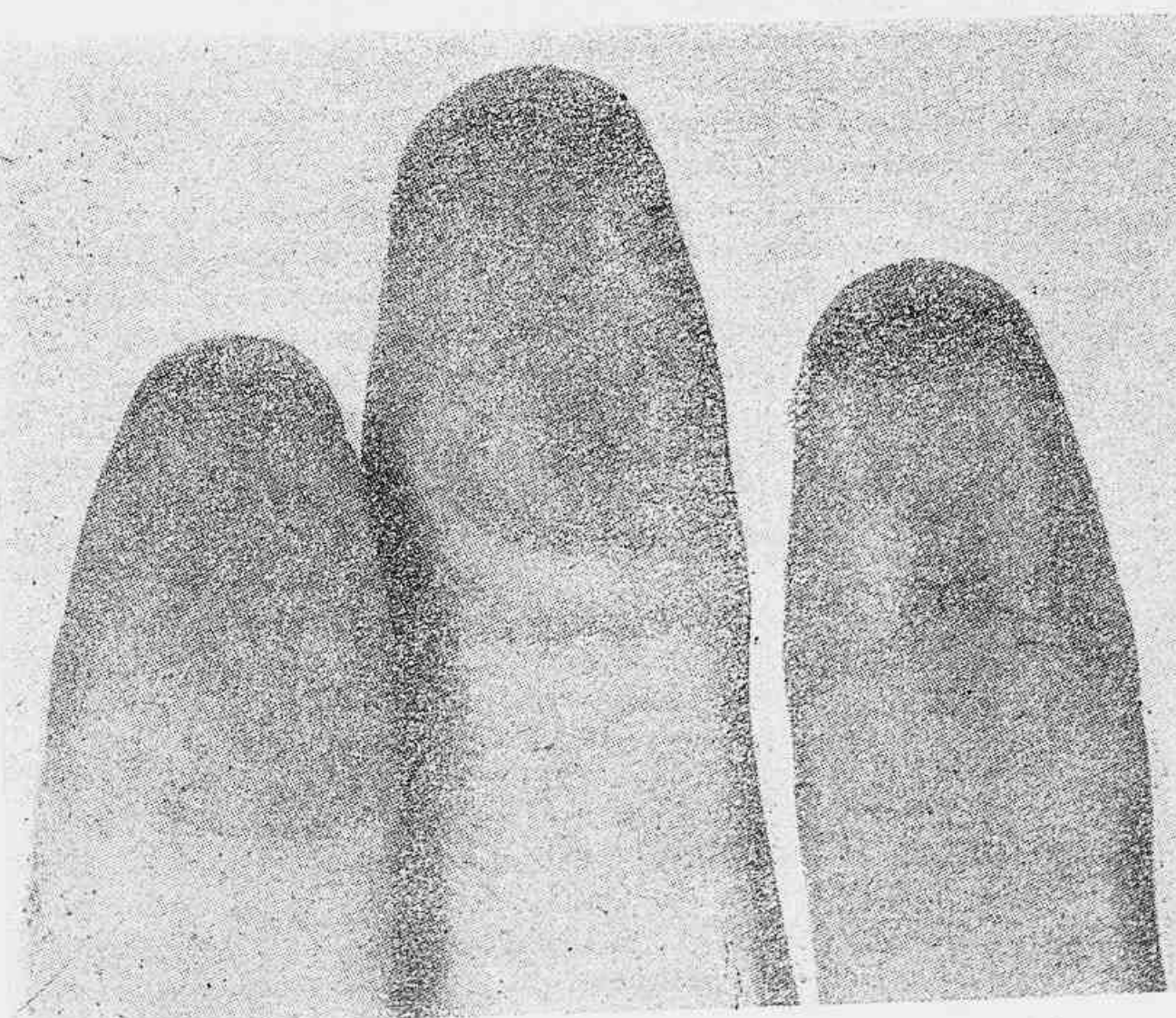
Da prisão de Raleigh, Pitts despachou um bilhete datilografado, endereçado a "Mr. Bob Everett, Beach Haven, New Jersey", o qual foi parar por engano nas mãos duma mulher que o abriu e achou, dentro do envelope exterior, outro envelope onde estava também datilografado:

"Bob, por favor, corra com esta carta ao Dr. Brandenburg, porque é importante: não mande pelo correio. ... Bob. Caluda, caluda, caluda, caluda!"

A carta pedia que Brandenburg mandasse imediatamente 800 dólares em notas de 100 dólares a uma mulher em Charlotte; dizia para que precisava do dinheiro e declarava que o Bureau o havia procurado, sugerindo que as autoridades dariam um bocado para que ele identificasse o médico que lhe alterara as impressões digitais.

O inquerito revelou que tinha havido muitos contactos entre Brandenburg e um certo Robert Everett em Beach Haven. Ao mesmo tempo os laboratórios técnicos do Bureau procuravam verificar se os tipos da carta eram os mesmos da máquina a que Robert Pitts tinha acesso na prisão.

A ligação entre Brandenburg e Pitts e a identificação do primeiro como sendo o cirurgião que operara o segundo eram agora evidentes — ao menos na forma documental.



As polpas dos dedos do criminoso depois da operação.

Continúa na página 42

ESCRAGNOLLE DORIA

BIBLIOGRAFIA

EM 1815, político avisado, Luiz XVIII, rei de França pelo precipitar de Napoleão, dissolvia Câmara dos Deputados ultra-realista alcunhada de *Chambre Introuvable* e esquecida do *pas trop de zèle*, recomendado sempre por Talleyrand a seus subordinados. No conter excessos de zelo se encontravam o rei burbonico e o político raposo, ambos se tragando pela força das circunstancias no imperio dos sucessos. Causa de todos os tempos.

Em oposta ordem de idéas, o *introuvable* é tormento de bibliófilos tão frequentemente bibliotafos, ou avaros de seus livros, na verdade expostos a pedidos de empréstimos com a reserva mental imediata da não restituição honesta.

Na antiga Europa, pois a futura por muito tempo em nada se parecerá com a antiga, a bibliofilia era levada aos maiores extremos, rios de dinheiro a correrem para aquisição de um livro, que dizemos, de um opusculo *introuvable*. Bem o souberam leilões celebres e bibliopolas finórios ao explorarem bibliófilos na venda de livros raros, sobretudo se vestidos de encadernações luxuosas.

Por motivos que não vem a pêlo expôr, a nossa bibliofilia foi sempre modesta. Nossas bibliotecas publicas, ainda menos as particulares, pôdem competir com as congeneres europeias, o dolar americano procurando imital-as na obtenção de raridades bibliograficas. Todo o amor é pouco na conservação de cimelios, toda a vigilância indemniada na guarda de incunabulos considerados "Sonhos da bibliofilia", sonhos do Estado ou do bibliófilo.

Uma das preciosidades *introuvables* da nossa bibliografia é elegante, nítido e pequeno opusculo de tiragem restringida a cincoenta exemplares para mortificação dos volumes dos quais basta avulsar folha de rosto para apresentação de sucessivos milheiros. A operação facil nem a todos engana, no reino dos tolos sempre alguns precavidos.

Na folha de rosto do opusculo acima lembrado se lê:

Traduções Poeticas
De
F. Octaviano
Publicadas Pelo
Dr. Amorim Carvalho
Rio de Janeiro
Typ. e Lith. Moreira
Maximino e Cia Rua da
Quitanda 101
1881.

Não ha necessidade de dizer quem foi Francisco Octaviano de Almeida Rosa. E' saber historia politica, parlamentar, diplomatica e jornalística do Segundo Reinado, de tantas figuras impressionantes.

Prefaciou o opusculo o Dr. Joaquim José de Amorim Carvalho, depois a subscrever-se Joaquim José de Carvalho Filho. Medico e professor, manteve collegio secundario no Rio de Janeiro, educandario com escolhido corpo docente obedecendo á orientação pedagogica do Barão de Tautphoeus e contando em seu gremio notavel professor de Historia Universal, Gustavo Williams Pockells, exigente e justo, douto e modesto, um docente emfim.

Refalecendo-se para S. aulo, il tirar. Carvalho Filho a o D eu, sempre de-lhica a letras. Em 1881 estava Carvalho Filho a prececer de explicação o opusculo das *Traduções Poeticas* de Octaviano.

Dizia Amorim Carvalho — seja-lhe conservado o seu nome de 1881:

"Jamais figura meu nome no rôl dos que tem a subida honra de comprimentar aos Augustos Soberanos, sem que menos sinta eu a afeição e respeito que lhes são devidos, sem que menos sincera em mim seja a adhesão justa.

Entretanto, ainda não ha muito, fui pedir a S. M. o Imperador a graça de conceder-me a leitura de manuscritos que lhe foram offerecidos por poetas nossos.

Jamais figura meu nome, vejam-o ainda, na lista dos requerentes e solicitantes assíduos ás audiencias ministeriais. Faltam-me merecimentos e qualidades para conseguir vantagens e melhoria de posição.

Ha, porem, uma classe de homens, tão limitada é ella! que tenho a ventura de frequentar até mesmo importunando. São os principes da litteratura, são os barões da intelligencia, são os representantes das sciencias, são os ministros das idéas do progresso, são os abastados do talento.

Esses sim, esses queixam-se de mim, que tenho constantes solicitações a fazer-lhes, esses quanto mais me concedem mais ambicioso deixam-me; e não me arreccio de pedir-lhes, nem de protecção careço para alcançar seus favores.

E' que esses dão de thesouro que é bem proprio e privativo, e que elles assim convertem em fortuna nacional e publica. Dão antes de thesouro publico para só furtivo proveito individual.

Ha dias penetrei o palacio de um principe, ia receber o cumprimento de uma promessa immediatamente feita ao meu primeiro pedido."

O principe procurado por Amorim Carvalho era não o senador Octaviano, sim o poeta habitante de longa data do dominio das letras patrias.

Ao procurar Octaviano teve Amorim Carvalho alguns momentos de sala de espera, Examinou-lhe os adornos, estatuetas de alabastro, um album aberto com as fotografias das heroínas de Goethe, sobre uma mesa belo e raro exemplar, de nítida e numerada edição, do *Tu só, tu, puro amor* de Machado de Assis, com dedicatória autografa do autor: "A F. Octaviano, ao poeta eternamente moço".



FRANCISCO OTAVIANO DE ALMEIDA ROSA
(RIO DE JANEIRO — 1825 - 1889)

A casa do eternamente moço, faltou dizel-o Amorim Carvalho, era na praia do Russell num dos pontos mais venustos da orla de uma Guanabara livre de impecilios em suas aguas a refletirem «os de vária luz solar ou lunar.

Otaviano levou o visitante á biblioteca onde a sua intelligencia se comprazia na familia sem rixas de seus livros. Era ali o seu refugio, o silente asilo dos seus pensamentos intimos, desse só a só gratissimo aos que recordam depassando vida ou julgando semelhantes na luz que merecem.

Presava Otaviano os poetas ingleses, tão ingleses, tão eles, por fugirem da imitação abrindo caminho á vulgaridade e ás asnicas versificadas.

Em fim de visita, Otaviano presenteou Amorim Carvalho com um exemplar dos poemas de Thomaz Hood, poemas já em vigesima-segunda edição. A' primeira da-diva o poeta acrescentou outra, a de ineditos seus, e Amorim os desejou logo editar. Lembrou a Otaviano o nome de poetas e literatos nossos dignos de prefaciá o futuro livro. Recusou-se Otaviano á indicação, finalmente declarando que o prefaciador seria quem se propunha a publicar o livro, de edição limitada.

A lista dos contemplados com o opusculo, fóra de comercio e rubricados por Otaviano, parecendo de simples enumeração é bem sugestiva para quem conheceu o Brasil do fim do Imperio ou dele sabe pela cultura propria.

O exemplar n. 1 ficou de D. Pedro II: *A tout empereur tout honneur*. Seis senhoras mereceram exemplares, entre elas D. Eponina Otaviano, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e D. Adelina Lopes Vieira.

Eis os demais contemplados:

Exemplar n. 8 — Francisco Otaviano.

N. 9 Conselheiro Cardoso de Menezes

N. 10 Conselheiro Barão de S. Felix

N. 11 Conselheiro Beaurepaire Rohan

No 12 Conselheiro Pereira da Silva

N. 13 Conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza

N. 14 Barão de Tautphoeus

N. 15 Dr. Ramiz Galvão

N. 16 Joaquim Norberto de Souza e Silva

N. 17 Dr. Salvador de Mendonça

N. 18 Dr. Bernardo Guimarães

N. 19 Dr. Luiz Guimarães Junior

N. 20 Dr. Mello Moraes Filho

N. 21 Dr. Eunapio Deiró

N. 22 Dr. Sylvio Romero

N. 23 Joaquim Maria Machado de Assis

N. 24 Dr. Antonio de Castro Lopes

N. 25 Gonçalves Crespo

N. 26 Dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay

N. 27 Dr. Manoel Jesuino Ferreira

N. 28 Dr. Joaquim Serra

N. 29 Dr. José Maria Velho da Silva

N. 30 Dr. Carlos de Laet

N. 31 Dr. Franklin Tavora

N. 32 Dr. Teixeira de Mello

N. 33 Dr. Menezes Vieira

N. 34 Alfredo do Valle Cabral

N. 35 Capistrano de Abreu

N. 36 Dr. João Saldanha da Gama

N. 37 Dr. Theophilo das Neves Leão

N. 38 Dr. Fernandes de Oliveira

N. 39 Dr. Joaquim Nabuco

N. 40 Epifanio José dos Reis

N. 41 Dr. Fausto Barreto

N. 42 Conselheiro Thomaz Ribeiro

N. 43 Dr. Bittencourt Sampaio

N. 44 Guilherme Bellegardé

N. 45 Dr. João Pedro de Aquino

N. 46 Dr. Amorim Carvalho

N. 47 Bibliotheca Nacional e Publica da Côte

N. 48 Bibliotheca Fluminense

N. 49 Bibliotheca da Marinha

N. 50 Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura.

Hoje impossivel seria reunir siquer a maioria dos exemplares do precioso opusculo de 1881 trasendo o nome de cada um dos possuidores. O tempo, dispersando as cousas de valor após a morte dos donos, o descaso de herdeiros, a ausencia dos mesmos muito levam para o desaparecimento total em despreveito do futuro.

Considere-se entretanto a lista dos brindados com as *Traduções Poeticas* de Otaviano e se verificará que nenhum dos aquinhoados deixa de ser alguém na antiga cultura nacional. E' lêr nome por nome, e mesmo aquele nome que á primeira vista parece de menor notoriedade literaria não deixa de valer. Assim sucede a Manoel Jesuino Ferreira tradutor em hendecassilabo solto de parte da *Divina Comedia*, alem de poligrafo util e numeroso.

No recinto funerario da abadia de Westminster, na qual de lapide em lapide se estuda a historia da Inglaterra, existe o *poet corner* ou o canto dos poetas entre mortos julgados merecedores de consagração nacional. A Grã Bretanha é mui justamente avara daquelas consagrações, que por excepcionais adquirem importancia sem par. O opusculo de 1881 tem igualmente os seus "cantos", o dos poetas com Otaviano, Cardoso de Menezes, Bernardo Guimarães, Luiz Guimarães Junior, Gonçalves Crespo, Joaquim Serra, Teixeira de Mello, Pedro Luiz, Bittencourt Sampaio, Mello Moraes Filho. Outros "cantos" do opusculo pôdem receber homens de pena: Machado de Assis, Taunay, Joaquim Serra, Carlos de Laet, Franklin Tavora, Salvador de Mendonça. Nem falta o "canto" dos historiografos, dos educadores, dos eruditos e assim por diante.

Resta-nos desejar a bibliófilos o feliz achado de um dos cincoenta exemplares do opusculo de 1881. Caso o encontrem aferrolhem e — psiol — não co muniquem.

NOS primeiros anos da nossa colonização, pelo vulto que a descoberta de Cabral foi apresentando e pela repercussão da grandeza e opulência da terra, surgiram alguns estudiosos estrangeiros que nos dedicaram páginas definitivas de análise e de observação.

Muitos desses estudiosos conseguiram certo vínculo com a nossa história, e há críticos, ainda hoje, que, embora sem conhecê-los nas suas exatas expansões, costumam citá-los como boas fontes documentárias.

Poderíamos, de uma só vez, apontar vários nomes, repontados nos nossos primeiros séculos, figurando entre eles, como dos mais aceitos, Southey, Humboldt, Wallace, Frederico Hart, Koster, Saint-Hilaire, Martius e Agassiz.

E esse velho Augusto de Saint-Hilaire tornou-se, pôde-se dizer, pelas suas descrições científico-populares, pelas curiosidades que soube catar entre o povo, tanto no sul como no reconcavo, uma figura litero-democrática, ao sabor, diga-se de passagem, até mesmo dos nossos bondosos sub-letrados.

Lá para o nordeste, galgando as encostas da Borburema, nas terras brejosas, ou palmilhando o Cariri e os longínquos sertões do Piranhas e do Piancó, o naturalista francês Luiz Brunet não conseguiu deixar impressa a sua passagem, na terra ardida, senão através de algumas cartas, ainda desconhecidas, que consegui salvar e traduzir, existentes na Biblioteca Pública da Paraíba.

E' a esse naturalista boêmio, boêmio no sentido de desprendimento e aventura, a esse gauzeiro ousado, perdido entre um sol ensinado e um céu escaldado de sol, que devemos o primeiro aparecimento de Pedro Americo, focalizado mais tarde no cenário universal, e saído do cume verde da cidade de Areia, berço de acontecimentos emocionantes, onde Felix Antonio soltou o seu afoito brado de rebeldia e Borges da Fonseca, em 1848, gisou uma epopéia guerreira.

Numa carta de Brunet, datada da cidade de Souza, no alto sertão da Paraíba, e dirigida ao Presidente da Província, lê-se o seguinte trecho:

"J'ai continué à garder avec moi le jeune dessinateur Pedro Americo de Figueiredo Melo".

Esta é a primeira notícia do menino areense, que havendo pintado, com perfeição rara, uma espingarda e um galo, empolgou o estudioso francês, que, desapercebido, longe estava de imaginar o vulto genial do jovem companheiro, ao con-



O grande pintor brasileiro, em 1888, numa fotografia de A. BROGI.

Pedro Americo

por Luiz Pinto

(Da Academia Paraibana de Letras)

O Brasil se prepara para festejar, com homenagens excepcionais, o centenário do nascimento de Pedro Americo

vidá-lo para desenhista da sua excursão ao "hinterland" paraibano.

Em Pedro Americo, aquele aforismo de que os gênios não têm pátria, porque se universalizam, como que se desfazia, pois com ele vivia a imagem da pátria, sentimento que lhe era, ao mesmo tempo, uma apoteóse de fé e um brado de amor.

Esquecido, debatendo-se sozinho contra toda sorte de infortúnios, perdido na vastidão horizontal do mundo, o decepcionado genial da arte, mesmo assim, nunca deixou de pensar constantemente no Brasil.

E a evidência da afirmativa, a substância eloquente do conceito, nós a encontramos no registro de um simples fato da sua vida atribulada. Quando eram mais densas as suas dificuldades; após haver vencido profundas contrariedades, que lhe geraram a inveja e a ingratidão humana; quando o gênio da palheta traçava o seu grande quadro "A Carioca", ei-lo de olhos fechados a vantagens e interesses, pondo á margem o volume colossal de suas aflições íntimas, para doar ao Brasil a tela magnífica do seu engenho.

Parece que se ajusta a todos os imortais aquele conceito de Joaquim Nabuco, no seu original estudo sobre Luis de Camões:

"O homem é o nome póstumo. A parte individual da nossa existência, se é a que mais nos interessa e comove, não é por certo a maior. Além desta, há outra que pertence á Pátria, á ciência, á arte e que, se quasi sempre é uma dedicação obscura, é, ás vezes, uma projeção imortal. A glória não é senão o domínio que o espirito humano adquire de cada parcela ou inspiração, e os centenários são as grandes renovações simbólicas dessa posse perpétua".

Eis sábiamente traçado o destino dos gênios.

Hostilizados, combatidos, destroçados, não lhes resta em vida nem aquele consolo do polipo, argumentado por Euclides da Cunha, que se despedaça para se multiplicar.

Quer seja Camões, morrendo na miséria; quer seja Dante ou Pedro Americo, todos se envolveram no colear terrível desse fatalismo.

Os olhos gananciosos da humanidade só os enxergam depois, quando se acalma o vendaval das paixões e dos despeitos, para surgir e agigantar-se no painel da verdade, o perfil daqueles que, na bigorna da vida, souberam conquistar a glória da imortalidade.

PENSAMENTOS

As mulheres começam por amar as nossas pecadas e acabam por suportar as nossas virtudes. Esta é a tragédia do amor.

Coma pode uma mulher saber se envelhece? Pelo número de anos que já viveu? Isto nada significa.

Há mulheres velhas aos trinta anos, outras que aos quarenta ainda são sedutoras.

Pelo espelho? Também não!... Uma marquesa do século XVIII, no declínio da idade, viu-se certo dia ao espelho e exclamou:

— Já não sabem fabricar espelhos!

SABONETE

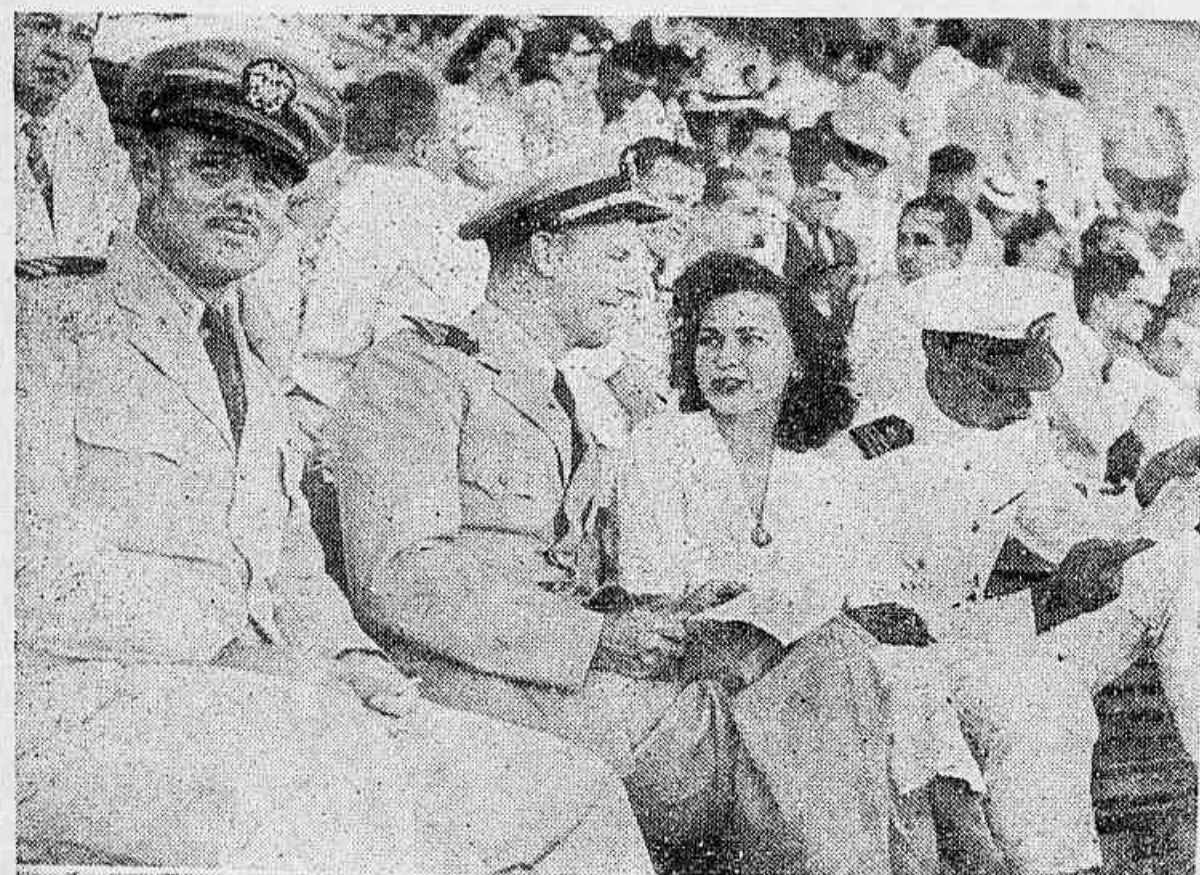


Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

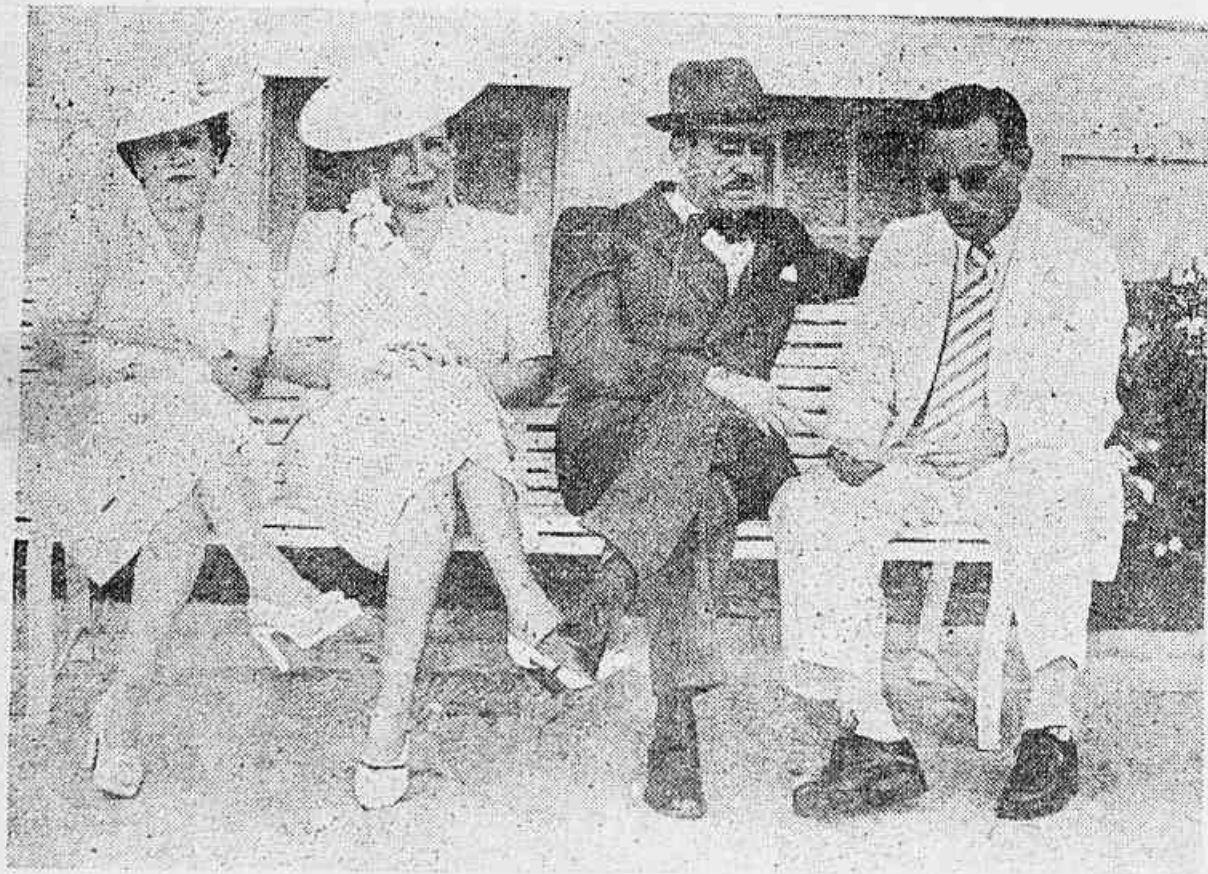
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL



Com assistência numerosa realizaram-se domingo no Hipodromo da Gavea as corridas que estavam programadas. Tudo o que o Rio possui de mais distinto em sua sociedade aflúe para o pitoresco recanto do bairro mais lindo da cidade, afim de sentir em toda a sua plenitude as emoções das apostas ou o prazer de exhibir lindas "toilettes". E' dessa tarde encantadora de elegancia e beleza que estampamos diversos flagrantes nesta pagina.

Jockey Club Mundano



MOVIMENTO

ASPECTOS DA LITERATURA BRASILEIRA — Mário de Andrade — Americ-Edit. "Dirigida pelo sr. Alvaro Lins, nome dos mais ilustres na crítica literária brasileira, foi criada pela novel Americ-Edit uma coleção sob a epigrafe "Joaquim Nabuco", cuja estréia ocorreu agora, com este livro do sr. Mário de Andrade.

No prefácio, evidencia o sr. Alvaro Lins a ausência de qualquer interesse financeiro de sua parte, assumindo os compromissos de organizar a presente coleção; acha que a sua posição de "crítico-oficial" o impede de um interesse dessa ordem numa iniciativa editorial. Explica, também, as razões que determinaram a escolha do título: "Com o título Coleção Joaquim Nabuco desejamos colocar esta série de livros sob a égide de um nome individual que atingiu uma categoria simbólica. Uma categoria de símbolo das melhores tendências e das mais altas aspirações da literatura brasileira. Joaquim Nabuco representa, antes de tudo, a linha de união entre a velha cultura europeia e a nova cultura americana. Foi um autêntico civilizado que se conservou fiel às raízes brasileiras da sua infância em um engenho de Pernambuco. Sente-se em todas as suas páginas e em todas as suas ações um fundamento nacional, sem jacobinismo, uma visão universal, sem cosmopolitismo".

O livro constitui-se de nove ensaios escritos em épocas diversas, mas guardando todos uma unidade, essa unidade que caracteriza a obra dos grandes espíritos. Distingue-se, entre outros, "A poesia em 1930", "Machado de Assis", "Castro Alves", "Memórias de um sargento de milícias", e "O Ateneu".

No que diz respeito à parte gráfica, trata-se de um volume bem apresentado, que em tudo vem confirmar o que o publico esperava do editor francês Max Fischer, aqui estabelecido.

ESTUDOS BRASILEIROS — Temos em mão o n.º 24, volume 8, ano III (maio e junho de 1942) desta publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, encerrando os seguintes trabalhos: A universidade e a segurança nacional (conferencia do sr. José Faria Gois Sobrinho); Dupla personalidade de um botânico — Regnell e o "Dr. André", de Caldas (conferencia do sr. Carlos da Silva Araújo); Economia azidental (conferencia de Frederico Hermann Jr.); Aspectos e evolução de previdência social no Brasil (conferencia do sr. Oscar Saraiva), além de algumas notas sobre livros, de autoria dos srs. Hélio Viana e Roberto Seidl. Cada conferencia vem seguida de um resumo dos debates levados a efeito por outros sócios do Instituto.

Obedecendo à orientação de sempre, este numero de "Estudos Brasileiros" é mais uma esplêndida realização dessa plêiade de intelectuais congregados no I. E. B. para discutir e elucidar os problemas sociológicos e históricos do Nosso País.

ESQUADRÃO 303, por Arkady Fiedler — Editora Pan-Americana S/A.

Duas espécies de livros constituem o que se chama vulgarmente *literatura de guerra*. Os primeiros seriam justamente aqueles que procuram analisar e interpretar os acontecimentos, descrevendo, com um máximo de imparcialidade, causas e efeitos, são trabalhos que se enquadram mais ou menos no domínio da história e da sociologia. Os outros são representados pelos textos meramente descritivos, pela crônica, no estrito significado da palavra, dos fatos relacionados com o conflito.

Neste grupo colocaríamos o presente volume. *Esquadrão 303* foi escrito com a preocupação quasi jornalística de dar ao leitor a impressão viva dos fatos. Lendo-o, sentimos emoções talvez tão intensas quanto aquelas conhecidas pelos bravos aviadores de que fala. São azes polonezes, patriotas que lutam desesperadamente nos céus europeus por um sagrado ideal de liberdade.

Traduzido pelo sr. Japí Freire, com um prefácio do sr. Mário Martins, o presente volume é mais um precioso documento sobre o espírito reinante na cooperação inter-aliada, em boa hora posto ao alcance do público brasileiro.

ITALIA E AMÉRICA — (Atlantica Editora)

Entre os diversos aspectos interessantes desta conflagração, destaca-se um pelo seu quasi ineditismo histórico. É aquele que diz respeito à adesão dos nacionais, de um país, à causa defendida por outros. Pugna-se por princípios, e não por hegemonias imperialistas, por ideias, e não por presas de guerra, justificam-se plenamente esses atos que, noutros tempos seriam rotulados de *traição*. Assim, na América vem se destacando, no seu esforço em prol das Nações Unidas, a Legião dos

Italianos Livres, chefiada pelo Conde Sforza, ex-Ministro das Relações Exteriores da Itália.

Surgiu com isso uma situação delicada, como considerar os italianos anti-fascistas domiciliados na América? Visando esclarecer os pontos principais do problema, este folheto reúne algumas opiniões de personalidades importantes da política yankee e trechos esparsos recordados da imprensa de Tio Sam defendendo, de um modo geral, a tese de que *a vitória da América será a liberdade da Itália*. Trata-se, pois, de uma publicação oportuna, destinada a circular amplamente em Nossô País.

ASPECTOS DA AVIAÇÃO COMERCIAL, de Luiz Tenan.

Vertiginoso tem sido nestes últimos anos, o desenvolvimento da aviação comercial brasileira. Desdobram-

se as linhas através do *hinterland*, aumenta o número de aeronaves, cujo conforto, aliás, cresce sempre. Nos lugares mais longínquos de nossa carta geográfica, aparecem, dia a dia, aeródromos novos, aumentando a segurança das rotas aéreas. E o mais notável é que tudo isso vem sendo feito com gente nossa, especializada nas escolas mantidas pelas próprias companhias.

Entre os valores humanos dessa aeronáutica de comércio de que estamos falando, situa-se o sr. Luiz Tenan, piloto-chefe da Panair do Brasil, S. A. Neste volume de 135 páginas, dedicado aos aspirantes aeronautas daquela Companhia, ele aborda — sem minúcias técnicas — os problemas gerais de voo, numa série de capítulos, interessantes à leitura não apenas dos aviadores, mas de todos aqueles que sentem alguma curiosidade, mesmo que seja remota, pelo mais moderno dos meios de transporte.

A. M.

QUANDO BEBO
MALZBIER
O LEÃO SOU EU!



NA PARTE da manhã, à tarde, ou à noite — sempre é recebida com prazer a Malzbier da Brahma! E o fato tem uma explicação simples: — é que pelo seu sabor, pela sua baixa graduação alcoólica e pelo seu elevado teor nutritivo, a Malzbier da Brahma refresca e alimenta, fornecendo ao organismo grandes reservas de energia. No almoço, no lanche ou no jantar, tome sempre Malzbier da Brahma — a saborosa cerveja que completa suas refeições!



J.W.T

Malzbier DA BRAHMA

CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO



Participando brilhantemente das comemorações do 1.º Centenário da cidade de Petropolis, o Banco Fluminense da Produção inaugurou, á tarde do dia 16, a sua nova Casa Matriz, instalada no Edifício Mauá, á Avenida 15 de Novembro.

O ato inaugural, que foi presidido pelo interventor Amaral Peixoto, revestiu-se da maior solenidade, tendo um comparecimento invulgar em festas dessa natureza, evidenciando assim a repercussão que teve em todas as classes sociais mais essa grande realização do vitorioso estabelecimento de credito.

Dando inicio á cerimonia, o sr. Augusto Martinez Toja,



INAUGURADA A NOVA SÉDE DO BANCO FLUMI- NENSE DA PRODUÇÃO S.A.

A CERIMONIA FOI PRESIDIDA PELO INTERVENTOR AMARAL PEIXOTO

diretor-presidente do Banco, congratulou-se com o chefe do governo fluminense por mais esse empreendimento, seguindo-se com a palavra o sr. Ary de Andrade Figueira, que dissertou sobre o papel dos bancos na economia fluminense. Finda essa oração, o comandante Amaral Peixoto deu como inaugurada a nova séde do Banco Fluminense da Produção, debaixo de prolongados aplausos, tendo nesse momento felicitado a diretoria pela ação segura e eficiente posta em pratica no sentido do desenvolvimento da instituição. Abençoou o imovel D. José Pereira Alves, bispo de Niteroi, tendo sido servida aos presentes uma taça de "champagne".



Dois flagrantes da solenidade. No de cima, o interventor Amaral Peixoto está ladeado por d. José Pereira Alves, dr. Rubens Farrula, e pelos diretores do Banco, srs. Augusto Martinez, Albere Cantinho, Alberto Corrêa de Barros e Alberto de Castro Neves Filho, além de outras pessoas presentes. No de baixo, quando era procedida a benção.

A' esquerda, quando falava o comandante Amaral Peixoto.

Máquinas do nosso engenho

A America livre e unida terá mais essa arma de utilidade industrial, para reforçar os laços de comercio entre os 21 povos que se abraçam.

"DIMA"

UMA CREAÇÃO NACIONAL QUE ENCHE DE ORGULHO A NOSSA INDUSTRIA MECANICA.



COMO se fora uma mulher bonita, em sua imponente estética e na sua rara simpatia, "Dima" chegou, viu e venceu, entre milhares de técnicos na arte de costurar e vestir. Encontrando o meio diretamente interessado em adquirir um aparelho produtor de tal valia, ela entrou faceira e vitoriosamente, de logo, em todos os lares felizes. A palavra de duas sílabas — "Dima" — já soa como voz de Fada, através do continente sulamericano. Desse modo, estamos atestando por essas terras em fora a capacidade técnica e produtiva do país. Máquinas do nosso engenho — 100% nacionais — a sua produção ultrapassa a cifra de 1.000 aparelhos por mês.

Grito de emancipação industrial do Estado Novo, essa realidade da nossa inteligência e capacidade técnicas veio preencher grandes claros importadores. E' que "Dima" aparece, justamente, em obediência á palavra de ordem do Chefe da Nação, a que todos os brasileiros, do Norte ao Sul, têm dado ouvido, numa atitude de profundo respeito e alta consideração.

Admirar a "Dima" e preferir-la, dentro quantas enchem o nosso mercado, é dever de brasilidade e imposição defensiva de ordem econômica — duas atitudes que devemos ter em mira, sempre, e mormente agora que a Pátria nos pede cooperação e sacrifícios. Entregue aos cuidados da Fábrica "Helo" S/A., sita á rua Bananal, 187, São Paulo, a fabricação da "Dima" foi uma resultante das necessidades coletivas.

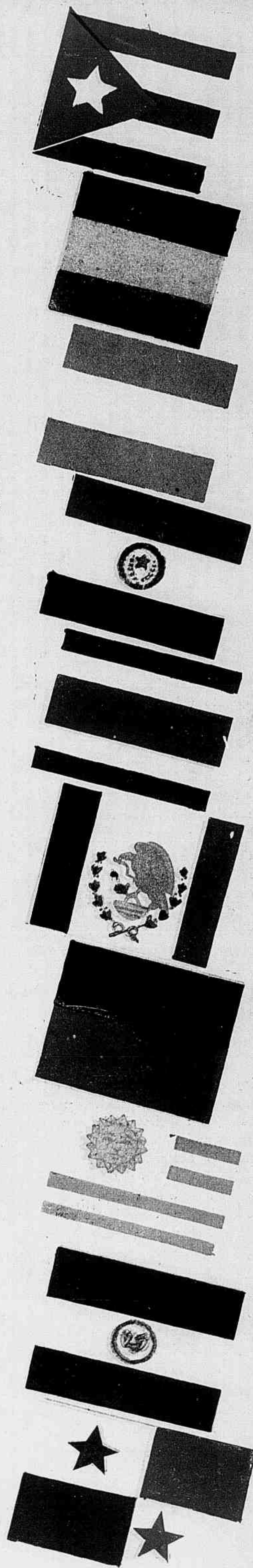
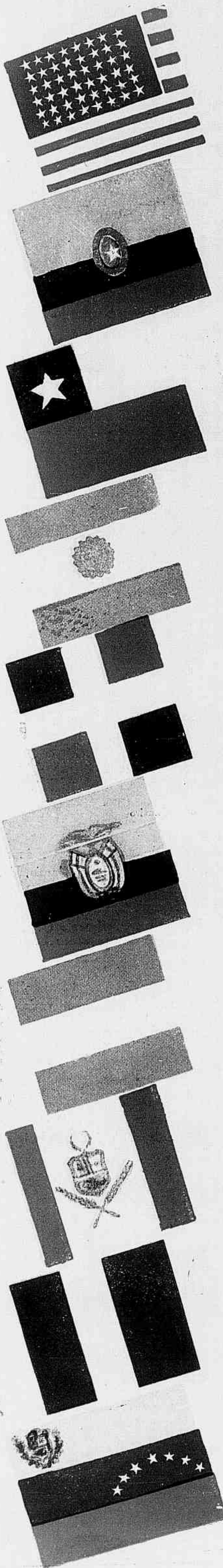
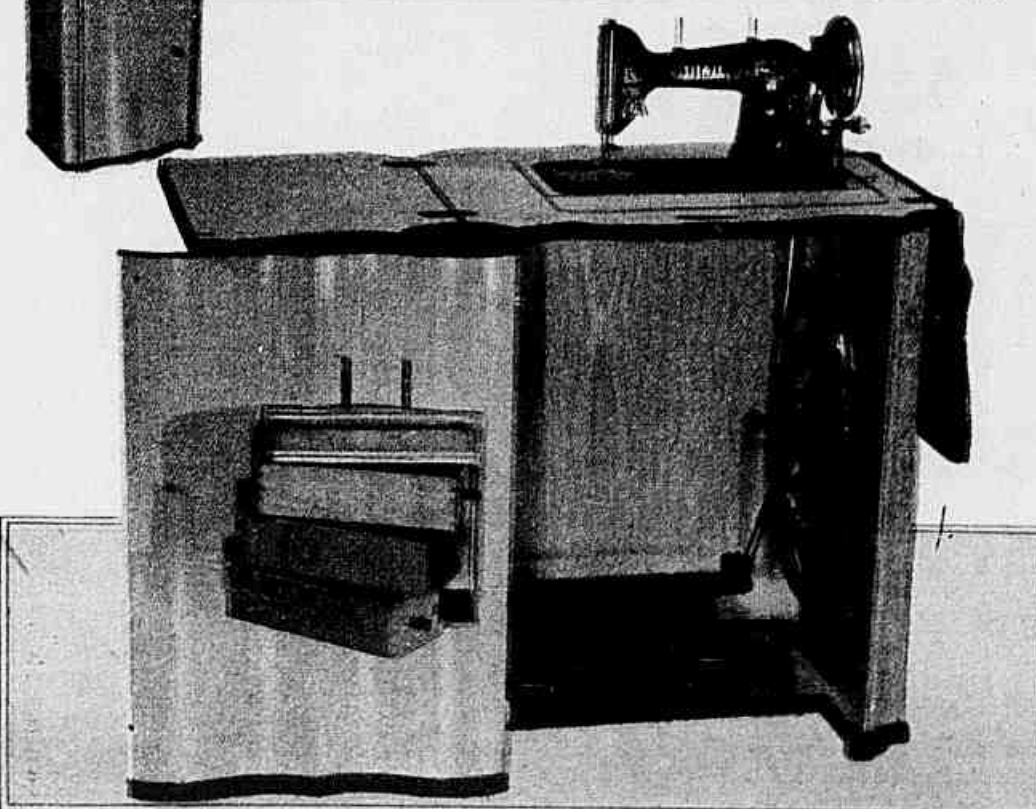
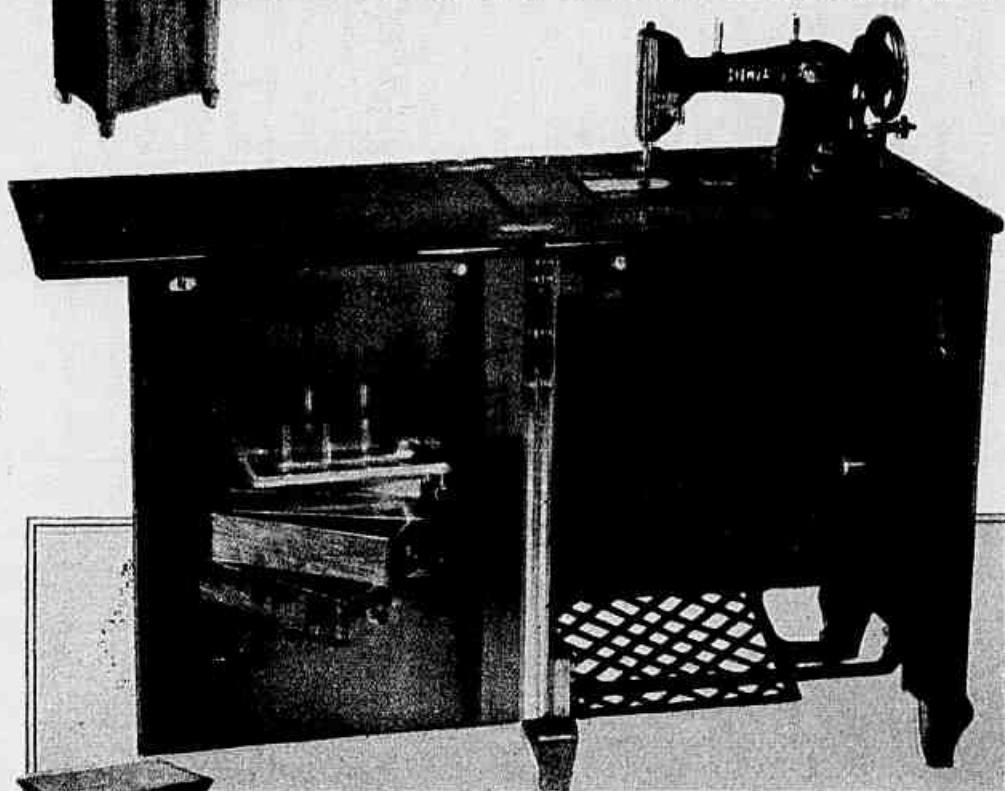
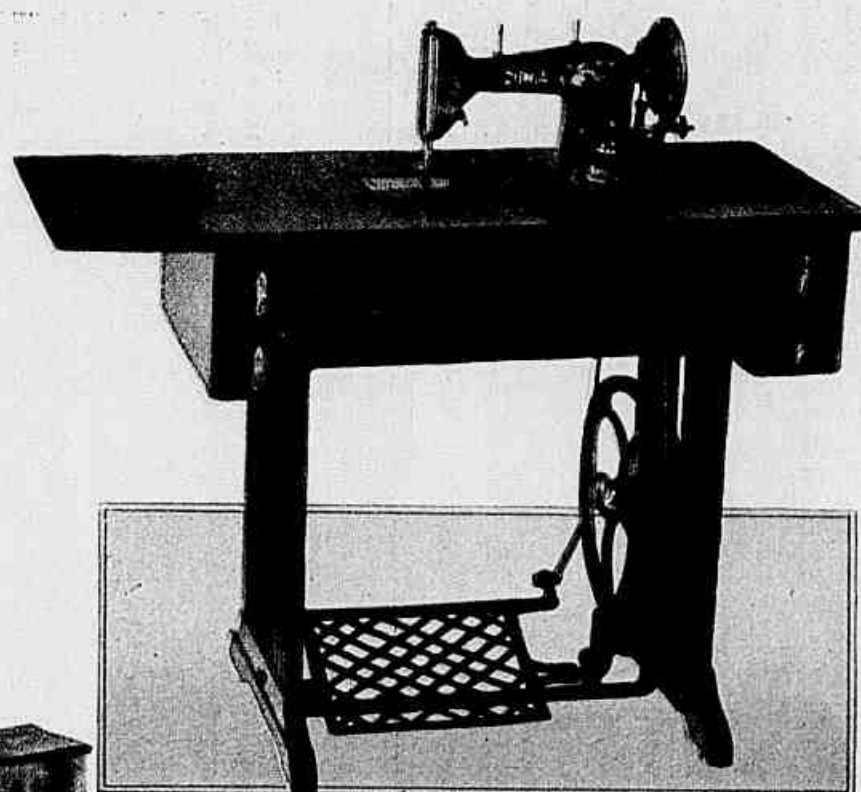
Não só técnicos de alta costura, mais também alfaiates humildes e modistas experimentadas — todos ansiavam por uma máquina 100% brasileira, tal como essa, que vem afirmar a nossa capacidade e os nossos tinos mecânicos.

De todo anseio que pairava, recalçado, na alma inquieta das populações, tanto nos campos como nas cidades, nasceu a idéia e, de pronto, a patriótica execução dessa máquina admirável, cujas campanhas triunfais estão a cargo da Dima S/A., sua distribuidora.

A' rua Senador Feijó, 176 — 9.º andar São Paulo, onde se acham os escritórios da "Distribuidora de Máquinas Brasileiras", Dima S/A. — chegam milhares de pedidos, diariamente, entre os quais — vale apenas acentuar — encontram-se os de murtos centros importantes das Américas.

Inferre-se daí que a "Dima" transpôs, num abrir e fechar de olhos, as fronteiras sagradas da nossa terra, levando com a sua excelencia os valores reais do progresso nacional.

Enquanto as forças do Bem concertam planos de paz, é na "Dima" que se cozem agora os vestidos da Vitória.





Pela passagem do 25.º aniversário da fundação do Banco Português do Brasil S/A, a sua Diretoria fez celebrar missa de ação de graças na Igreja da Candelaria, sendo o flagrante acima um aspecto da mesma. Vemos, da esquerda para a direita: Dr. Genesio Pires, Dr. Alberto de Faria Filho, Evaristo M. Novais, Dr. Raymundo O. de Castro Maya e Ruy Lowndes.

Numa eloquente comprovação de quanto vale o conagração de capitães luso-brasileiros, acaba de completar o seu 25.º aniversário de fundação o BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S/A. Essa ocorrência deu-se a 18 de Março ultimo e teve larga repercussão nos círculos comerciais desta praça.

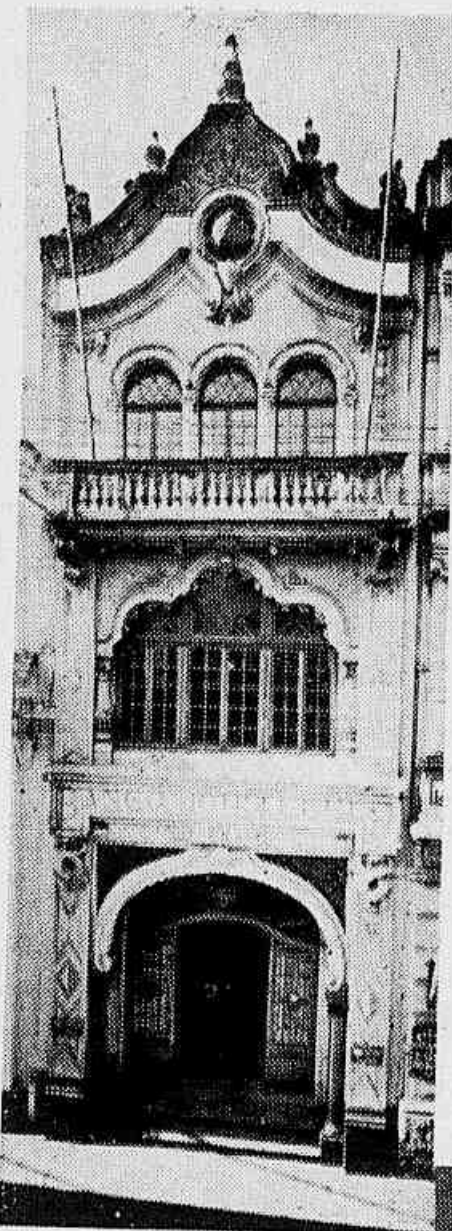
O aniversário desse conceituado instituto de crédito, que alcança neste momento um quarto de século de existência frutuosa e progressista, reveste-se sem dúvida duma significação especial, em virtude de sua origem e de sua composição, nas quaes se conagraaram esforços e capitães tanto brasileiros como portugueses numa demonstração cabal de quão estreitamente ligados se encontram os interesses financeiros dos dois povos irmãos.

Recuando até aos primórdios da fundação desse importantíssimo estabelecimento de crédito, encontraremos as figuras mais respeitáveis do comércio português no Brasil, destacadamente o sr. Candido Sotto Maior, da firma Sotto Maior & Cia., e o saudoso Visconde de Moraes, como elementos congregadores de capitalistas brasileiros e portugueses.

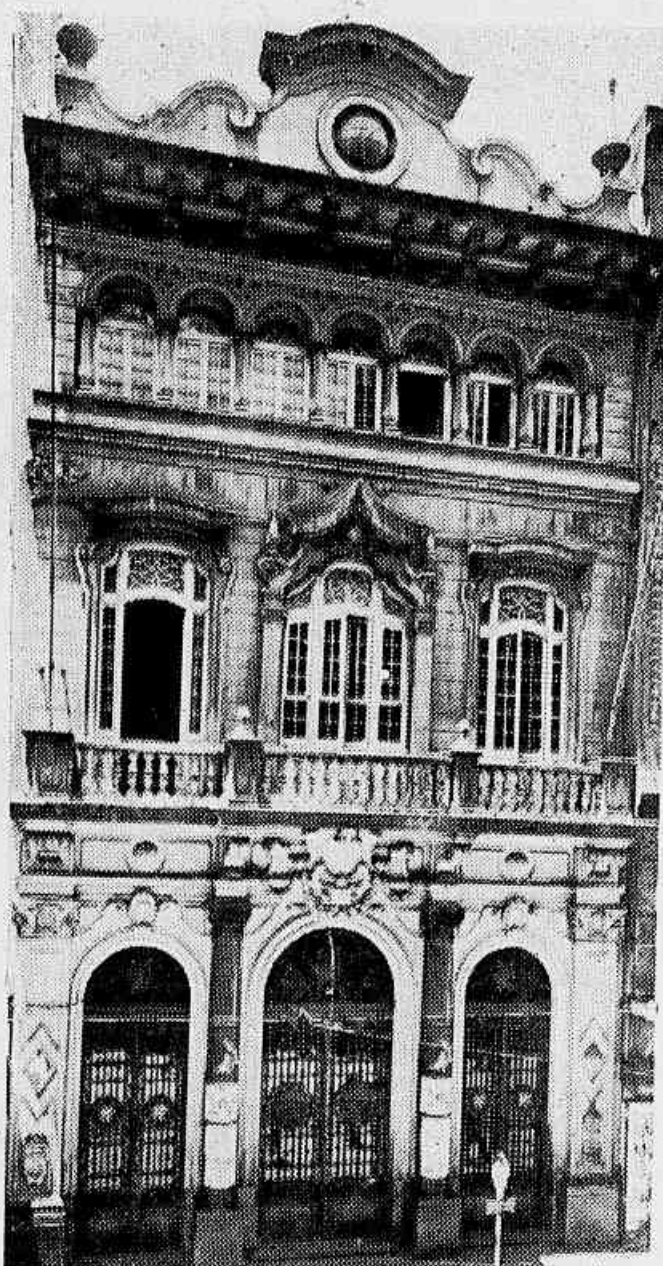
Apesar de ser justamente considerado como núcleo da colaboração lusitana em nosso país, o BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S/A sempre contou, no entanto, em seu corpo diretor, com personalidades de destaque no mundo das finanças brasileiras.

Atualmente a situação desse Banco é das mais sólidas e invejáveis. A orientação de sua Diretoria, palmilhando sempre rumos certos e criteriosos, alcançou para esse estabelecimento de crédito uma respeitabilidade inexcédível.

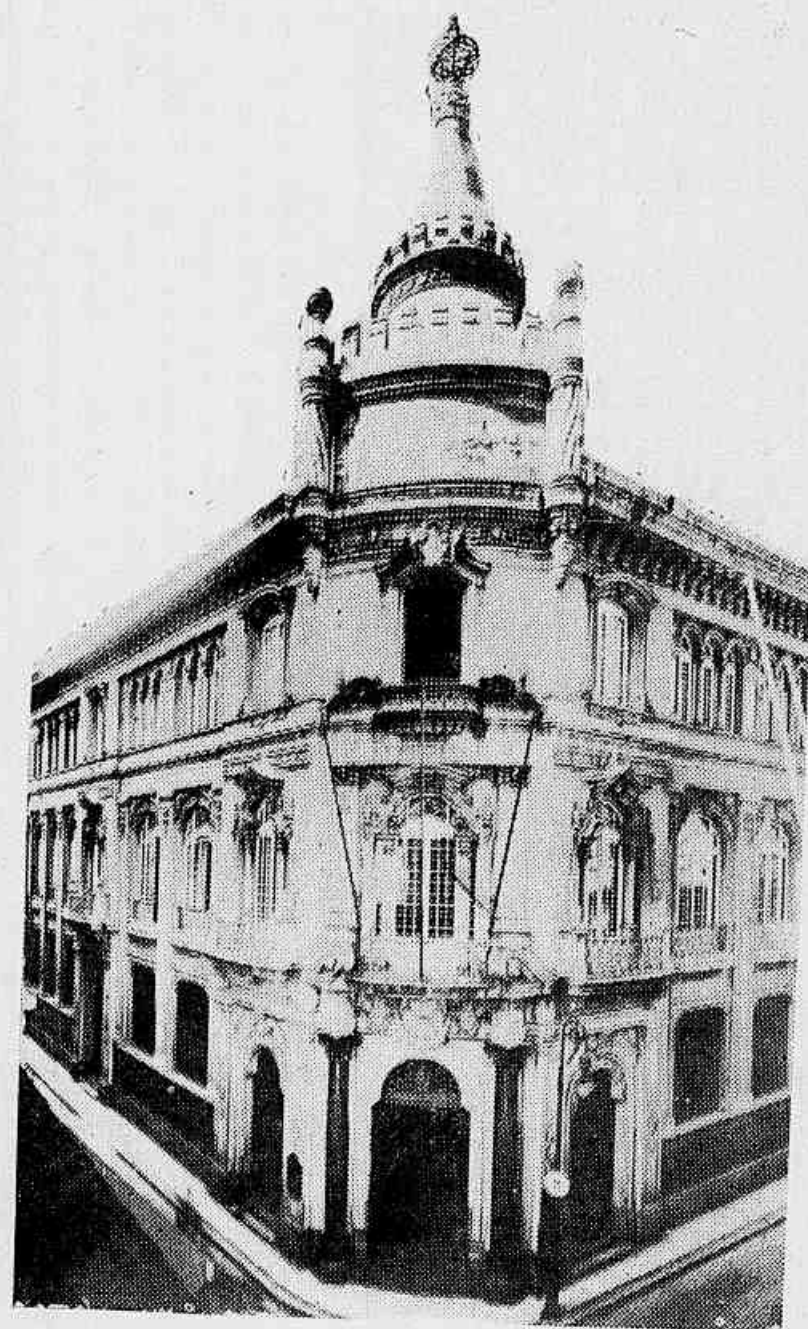
Funcionários que contam 25 anos de casa. Da esquerda para a direita: Eduardo Ruch Filho, Manoel Viagas de Carvalho, Felix da Costa Teixeira (Contador Geral), Francisco José Alves (Sub-Gerente), Augusto E. de Castro Rodrigues (Procurador), José Paradanta Filho (Procurador), e Antonio Corrêa de Araujo (Procurador).



Filial — Santos.



Filial — São Paulo.



Séde — R'io de Janeiro

São actuaes directores do BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S/A os snrs. dr. Antonio Leite Garcia, dr. Alberto de Faria Filho, Raymundo O. de Castro Maya, Evaristo M. de Novais, Genesio Pires e Ruy Lowndes, e seu presidente o sr. Ernesto G. Fontes, todos inegavelmente figuras de grande relevo na vida financeira e comercial do Brzsil.

Como resultado brilhante da orientação seguida firmemente pela sua ilustre Diretoria, basta assinalar as rubricas dos depositos em Contas correntes do BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S/A (cerca de trescentos milhões de cruzeiros), e as de emprestimos e titulos descontados (Cr\$ 229.632.578,60) constantes do ultimo balancete.

A REVISTA DA SEMANA tem o prazer de publicar nestas paginas diversos flagrantes da festa de aniversario do BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S/A.



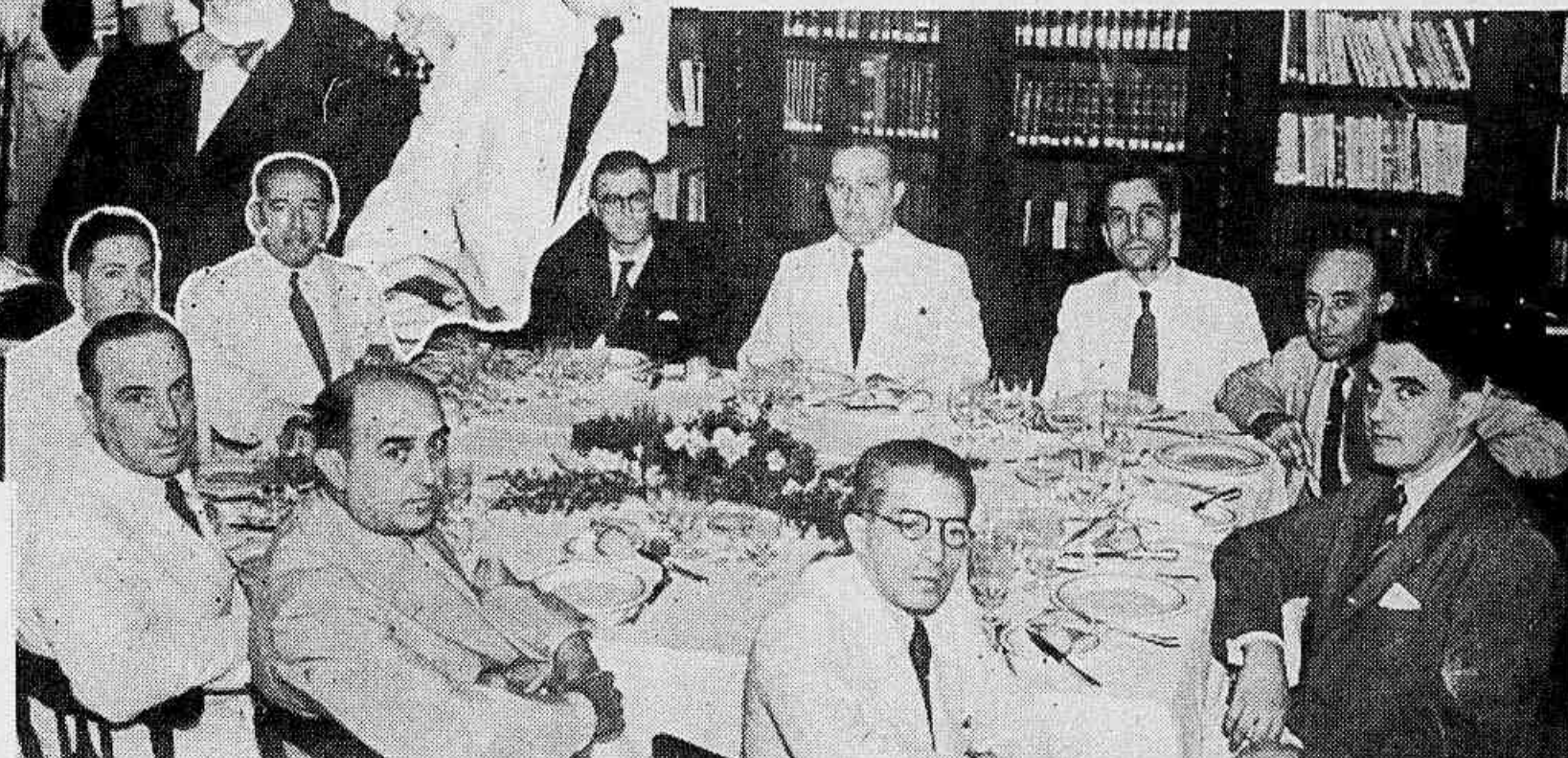
BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL S. A.



A foto acima representa um momento do discurso do Dr. Raymundo O. de Castro Maya (presidente em exercício) quando o mesmo felicitava os velhos servidores do Banco Português do Brasil pela passagem dos seus vinte e cinco anos de serviço.



Dr. Raymundo O. de Castro Maya, presidente em exercício, fazendo entrega do prêmio ao funcionário do Banco, sr. Augusto E. de Castro Rodrigues.



Como encerramento das solenidades do dia de aniversário, os Diretores ofereceram a todos os funcionários, um almoço de conagração no Ginástico Português, estando presentes, entre outros, os snrs. Floriano Moreira, Genesio Pires, Antonio Corrêa de Araujo, Francisco José Alves, Dr. Raymundo O. de Castro Maya, Felix da Costa Teixeira, Dr. Alberto de Faria Fich, Eduardo Ruch, Filho, Augusto E. de Castro Rodrigues e José Paradanta Filho.

O conservador do Banco, sr. Antonio Corrêa de Araujo, agradecendo, em nome do funcionalismo, as homenagens prestadas pela Diretoria do Banco.



Na ocasião da entrega de prêmios, a nossa objetiva focalizou o aspecto acima, no qual se vêem, da esquerda para a direita, os snrs: Floriano Moreira, gerente; Genesio Pires, Ruy Lowndes, Dr. Raymundo O. de Castro Maya (presidente em exercício) Evaristo M. de Novais e Dr. Alberto de Faria Filho (Diretores) e Dr. Themistocles Marcondes Ferreira (Jurisconsulto do Banco); em segundo plano, demais funcionários do Banco Português do Brasil.



HAVIAM-SE conhecido num meio-dia de sábado, em plena feira. Ela, vivaz e airosa mulatinha, de olhos acesos e cabelos cortados á moda, fazendo compras para a casa onde servia, á rua da Matriz. Ele, conhecido fogueteiro no alto do Rosario, que viera apreçar umas canas.

Encontraram-se deante de um vendedor de umbús.

— Estão doces? — indagara a rapariga.

— Prove — aconselhou o matuto.

Ela espremeu um dos frutos entre os dentes e fez uma careta.

E sorriu-se para o fogueteiro que era homem já meiado em idade, mas simpático.

Partira dali o namoro.

Desde esse dia, achavam sempre jeito de se ver, até que, casados, foram viver lá no Rosario, caminho de Pau Santo, lugar afastado da cidade e triste.

Unindo os destinos, não uniram, todavia, as almas. Galdino era trabalhador, contentava-se do pão de cada dia, sentia-se de todo feliz com a mulher que escolhera. Adelina, porém, passados os primeiros enlevos das nupcias, começou de sentir tristezas, aborrecimentos, fastio daquela existencia monotona, tão distante do bulicio urbano, tão afastada das suas conhecidas...

Que saudades dos tempos em que se vestia toda pachola, ia ao cinema, ao pastoril, á hora santa, ás tocatas da Nova Euterpe no pateo da igreja! E sempre bonita, de vestido novo, de meias de seda, de cheiro no lenço, graças ao mascate que lhe vendia a prestações.

Hoje! Aquele ermo, aquele buraco! De chita no corpo, chinelas nos pés, feita negra no trabalho... Nem filho Deus dera, para distração.

Correram os meses, os anos. E, de repente, o marido deu em experi-

mentar sensações continuadas de fraqueza nas pernas, de formiguciros pela pele, de dores vagas no espinhaço. O andar não lhe era firme como antes, por vezes tropeçava...

A mulher mesmo já lhe notara o passo vacilante, tibio. E, em voltando ás vezes da cidade, onde fora comprar polvora, sacudindo-se na rede, murmurava com desalento:

— Estas pernas já não servem para nada.

— Você não mostra ao doutor...

— Doutor só serve para ajudar a gente a entrar na cova, mulher!

Porém, avançando o mal, ele fora ao dr. Silvino, na cidade, depois de ouvir os conselhos do major Sinval da farmacia. O doutor examinou-o detidamente, bateu-lhe nos joelhos com um martelinho, abriu-lhe as palpebras mirando-lhe bem nos olhos e, depois, com ligeiro franzido de testa:

— Isso passa... isso passa... Tome este remedio, uma colher de sopa depois da comida...

E não passava nada. Antes crescia a debilidade dos órgãos locomotores, com agravo das dores na região dorsal. Galdino andava como ebrio, tinha de se apoiar ás arvores do caminho, descia as ladeiras quasi de rastos. Por fim, ficou em casa. Mal se arrastava até o canto onde fazia os foguetes, os foguetes encomendados, como de costume, para a festa da Conceição.

Festa de arrojo sempre, com girandolas todas as noites, morteiros, até fogos de vista! Um dinheiro grosso que lhe chegava todos os anos, dinheiro com que comprava a roupa nova, o vestido mais caro que vestiam, ele e a mulher, na noite de Natal.

Naquele ano, entretanto, quedê alegria? O seu espirito se azedara com a doença, e, ainda mais, por ver que Adelina suportava a vida em comum com ele visivelmente aborrecida, enfastiada. De rosto ensombrado, de olhar para fóra, de choros escondidos... Galdino bem sabia não ser mais querido, não ser mais acarinhado, ser, sim, um estorvo... Com aguda lucidez, apertando o coração que se votara ardentemente ao amor de Adelina, ele

CONTO BRASILEIRO

O FOGUETEIRO

Por **MARIO SETTE**

percebia, de envolta com a sua invalidez, a perda do afeto da companheira. Ela vivia ali como uma prisioneira...

Chumbado á rede, inutil para tudo, mirava a louçania de Adelina, advinhava-lhe os desejos de liberdade, a ansia de gózos, de prazeres, de vaidades, maxime quando lá na cidade corriam as deliciosas novenas da Conceição. E a rapariga a servir de arrimo a um paralitico, no bisonho alto de Rosario, entre as catingas asperas.

Numa das noites, Matilde, vizinha de um quarto de legua adeante, passara, em caminho da cidade, de vestido côr de rosa, radiante por se destinar á novena. Passara e dera um instante de prosa á porta de Galdino.

O fogueteiro trabalhava ainda e viu o rosto cheio de inveja da esposa.

— Adelina, vá se vestir...

— Oxente! Mode o que?

(Conclue na pag. 42)



A multidão apinhada na borda da enseada do pequeno porto de Santana, ao Rio Vermelho, na ocasião dos festejos a Janaina.



Aspecto dos presentes de Janaina, quando eram conduzidos para os barcos.

NOSSA TERRA

TRADIÇÕES POPULARES DA BAHIA

A FESTA DE IEMANJÁ

Interesse popular -- Ritual de uma crença afro-brasileira -- Lenda e substituição -- A poesia de uma raça

Reportagem de MILTON FIGUEIREDO

"Minha sereia
Rainha do mar
O canto dela
Faz admirar".

Como os antigos cancioneiros, Dorival Caiati canta em lindas melodias, sobretudo, os costumes e a vida dos pescadores da Bahia. Se esses seus cantos praiheiros não são os mais célebres, todavia são os mais belos e mais poéticos, onde geme, em fundas repercussões, a nostalgia ancestral. Seus cantos nos vieram à lembrança quando assistimos o verdadeiro espetáculo que os festejos de Janaina, no Rio Vermelho, constituíram.

A lendária sereia, cuja origem remonta, talvez, a milênios e que marca o período de transição em que os homens deixaram de adorar astros, coisas e natureza para cultuar num só Deus a sua semelhança, foi, regamente, festejada.

O bairro do Rio Vermelho oferecia aspecto desusado, mesmo na época concorrida de suas tradicionais festas. Desde cedo, ao amanhecer, foguetes espoucavam vibrantemente. Às 9 horas, uma chuva impertinente ameaçava estragar a alegria do povo. Os bondes despejavam centenas de pessoas que afluíam para assistir à comemoração popular do dia de Janaina, a rainha do mar, metade mulher e metade peixe.

COMEÇO DA FESTA

Às 10 horas, num terreiro improvisado, à frente da Casa da Mãe d'Água, os "agogs", "atabaques" e "alêlê" feriam o ar com uma sonoridade a um tempo solena, lamurienta e distante como o eco de um gemido — é o "Odum de Iemanjá", o dia de Janaina, e ouve-se, alternando com o ritmo dos tantans, o estribilho — "Agorilê mocu abô odê", a que um coro responde lamentosamente.

São as boas vindas a todos os presentes que foram adorar Iemanjá. "Iludexá", o encarregado dos cantos, já começou a entoar hinos em louvor à festejada.

Canta-se também a "Ogum", "Oxalá" e a outros santos que não são outros senão os do catolicismo com essa denominação africana. À Casa da Mãe d'Água, acorre verdadeira multidão. Uma infinidade de presentes são ali depositados. Pentes, sabonetes, caixas de pó de arroz, frascos de perfume, fita e flores em profusão. Também, são depositadas cartas e bilhetinhos com pedidos cheios de ingênua fé.

Junto à cêsta dos presentes, ricamente ornamentada, está uma "baiana" com vestes típicas, cordões e figas de ouro fino. É a encarregada dos presentes — "Ialorixá", que atende não só à gente humilde, mas, também, a grunfinhas que vão fazer pedidos misteriosos.

Conta Manuel Querino que, ao tempo da escravidão, a mais afamada destas festas se realizava no terceiro domingo de Dezembro, em Itapagipe, no antigo Forte de S. Bartolomeu, há muito demolido, onde se apresentavam cerca de dois mil africanos.

A do Rio Vermelho, este ano, realizada, ha-

bitualmente, a 2 de Fevereiro, contou com a presença de mais de cinco mil pessoas.

O bairro estava engalanado, mal se podia andar. Bando de violões, pandeiros, violas e batucadas percorriam suas ruas, entoando sambas sacudidos.

À beira das calçadas, estavam aboletadas vendedoras de acarajés, abarás, carurú, vatapá uma infinidade de quitutes. As barracas e bares regorgitavam, enquanto os foguetes de estouro se faziam ouvir sobre a delirante algazarra da multidão.

Nas rodas de capoeira, o berimbau continuava a soluçar, profundamente, num ritmo absorvente, enquanto corpos suarentos negaceavam em investidas e recuos, movimentos elásticos e, admiravelmente, harmoniosos.

O interesse geral pelas festas típicas cresce diariamente, não só por parte do povo propriamente dito, como por parte das pessoas que colhem dados sobre os nossos costumes. Inúmeras pessoas, com máquinas fotográficas, ou como simples observadores, se encontravam ali, tomando flagrantes e apontamentos.

O CORTEJO E A CERIMÔNIA

A pequena enseada do Rio Vermelho, outrora pequeno porto comercial, onde atracavam muitas embarcações do recôncavo, abastecendo as zonas de Brotas, Amaralina, Pituba e Itapoã, hoje, é mero porto de pesca. As avenidas e

o transporte em caminhões tiraram-lhe aquela finalidade.

O seu aspecto no momento, era festivo. Inúmeros barcos de outras bandas compareceram, ali, embandeirados. Todos de pescadores, que foram tributar homenagens a Janaina, a rainha do mar que os protege contra os temporais conservando-lhes a vida, e lhes dá o peixe precioso, o ganha-pão e o alimento de suas mulheres e seus filhos que também serão pescadores, amanhã.

Cerca das 14 horas, formou-se o préstito. O espetáculo, que toda a borda da enseada oferecia então, era soberbo. Todo o cáis estava apinhado de gente, que se derramava pela praia.

As duas extremidades da enseada estavam repletas, sobretudo, a do lado esquerdo de quem defronta o mar, onde uma pequena rampa se prolonga sobre alguns recifes.

Cada qual vestido com seu traje de festa nas cores mas bizarras e variadas, com centenas encarpitadas sobre os recifes, contribuiu para nos dar, sob um sol com cintilações de metal polido, a visão de uma cena espetacular que só as grandes multidões nos proporcionam.

O cortejo, transportando os presentes uma extraordinária quantidade de flores e de objetos os mais vários, chega à praia. Os atabaques e outros instrumentos de acompanhamento seguem o colorido préstito.

Ouve-se, então, o estribilho de um novo canto, sempre respondido por vozes de mulheres numa oitava acima, que anuncia a entrega das oferendas a Iemanjá — "Icá odê acorê carado".

Os "babalorixás", ou sejam os prosélitos de Janaina, seguem o cortejo para ocuparem lugares nos barcos que irão até alto mar, onde morará Iemanjá.

Uma flotilha de barcos engalanados parte para a cerimônia da entrega dos presentes. Nessa ocasião, a multidão prorompe em ruidosa aclamação que vibra no ar como um formidável grito de júbilo. No lugar determinado, tem início, ao som dos instrumentos típicos, um novo canto que oferece à deusa dos mares as dádivas recolhidas, após o que, estando todos descobertos, são estas atiradas ao mar, onde submergem numa coroa de espumas. Flutuando, ficam apenas as flores — rosas, angélicas e margaridas, como a pureza dos sentimentos daquela gente humilde e simples, cuja poesia nasceu do sofrimento da irremediável tragédia de uma extensa e inconsolável saudade.



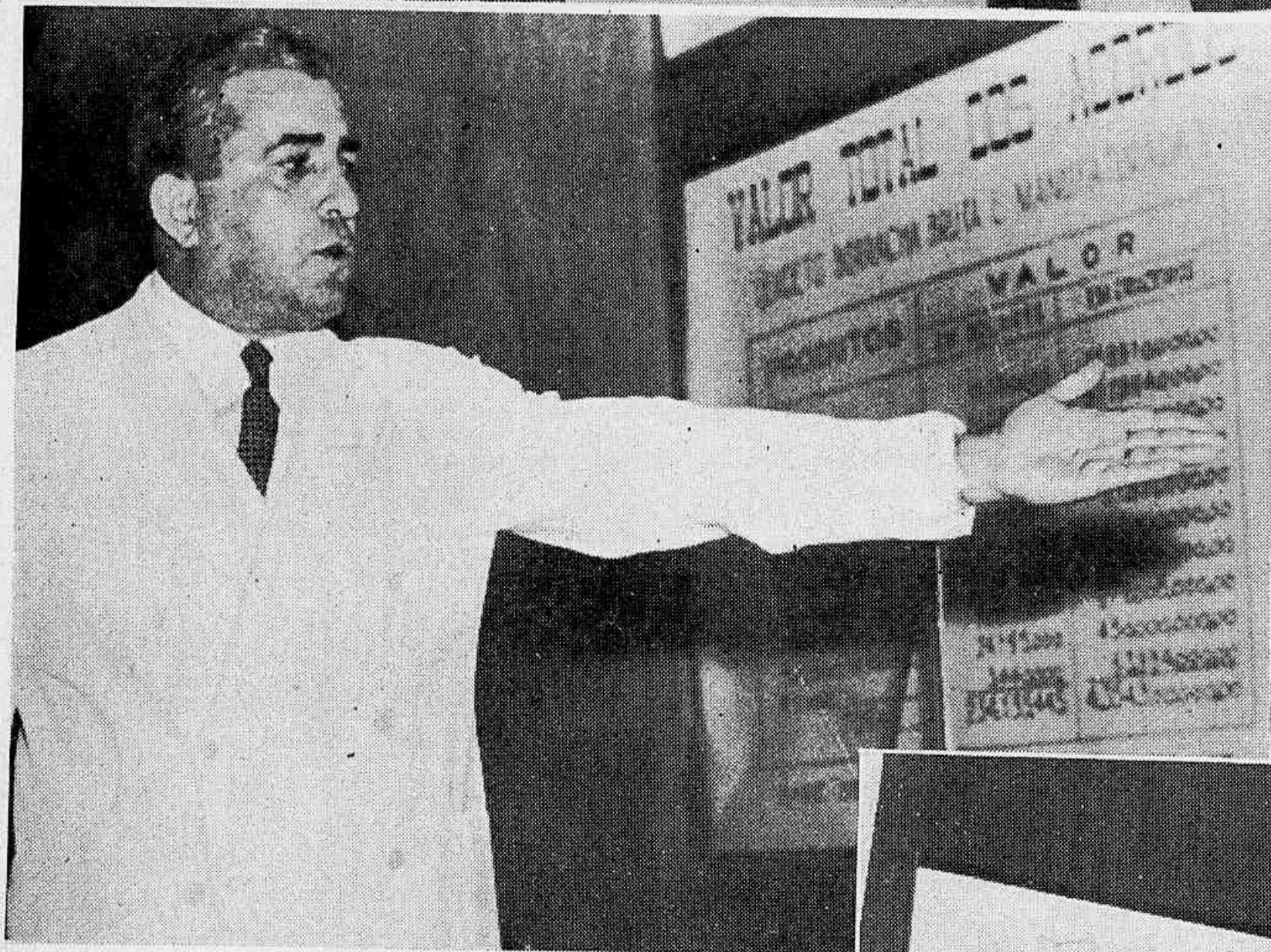
Mãe de Santo, dansando ao som dos atabaques, agogs, alêlê, em louvor à Mãe d'Água.

Os acordos de WASHINGTON

Aspectos e trechos da conferência realizada em 18 do corrente, no auditorio da A. B. de Imprensa, pelo sr. Valentim F. Bouças diretor-executivo da comissão de controle dos acordos de Washington, patrocinada pela Liga de Defesa Nacional, sob o tema: "O Vale do Amazonas - O Vale do Rio Doce - Os Acordos de Washington e O Esforço de Guerra do Brasil".



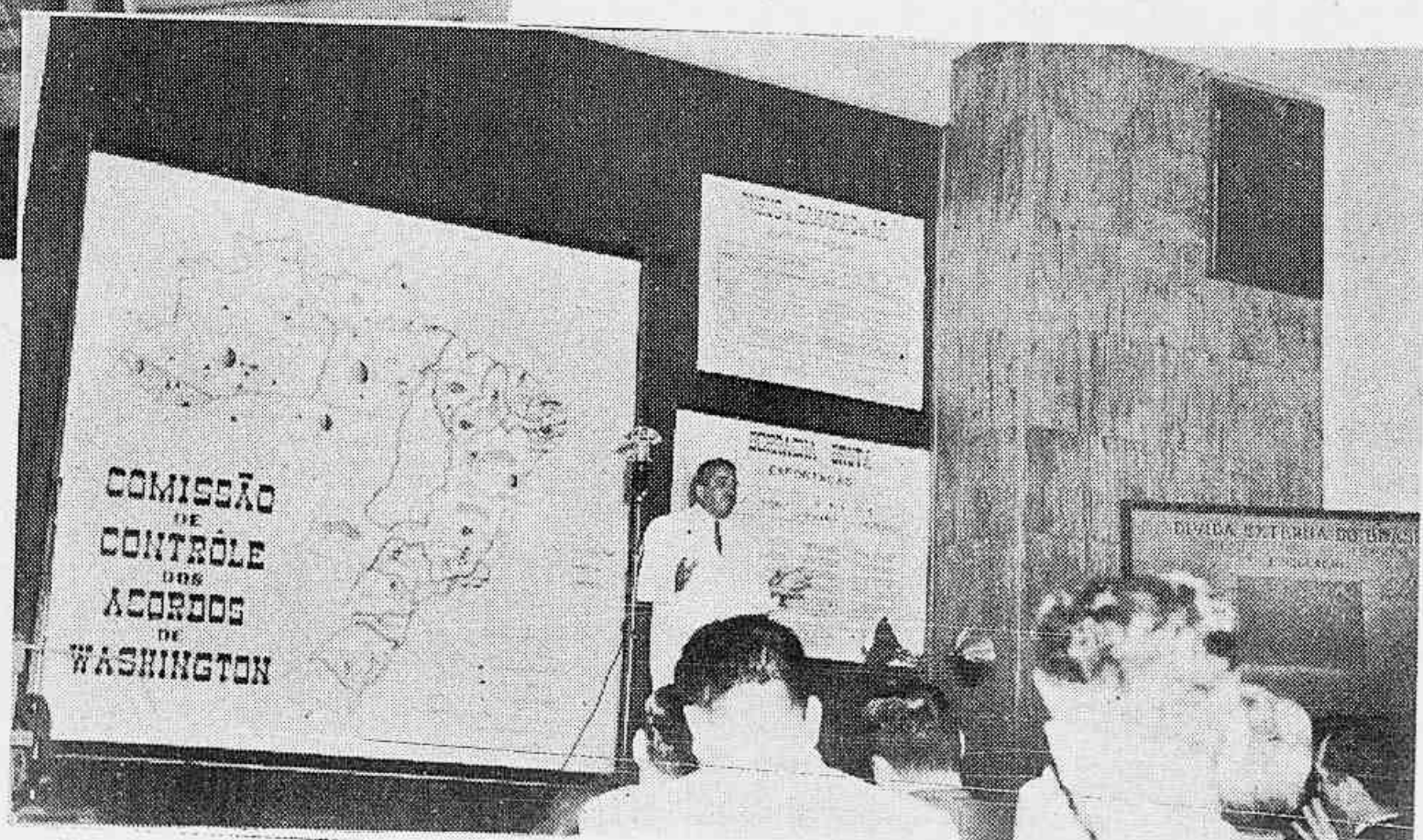
Se continuássemos a produzir borracha pelos velhos métodos indígenas, jamais poderíamos conseguir a estabilidade econômica desse produto que é o alicerce da riqueza amazônica. O Sr. Valentim F. Bouças, focalizando sabiamente o assunto, faz uma esplanção da nova técnica empregada para a produção da borracha, ressaltando que o Presidente da República, já no seu célebre discurso do Rio Amazonas, em 1940, ao recomendar e incentivar a prática de processos aperfeiçoados para tratamento da nossa produção gomífera, objetivava a consecução de uma indústria solidamente estabelecida, e capaz de proporcionar uma nova era social às populações amazônicas.



Referindo-se aos benefícios que os acordos firmados pelo Senhor Ministro Souza Costa em Washington, em março de 1942, e aos demais que se lhes seguiram como corolário, o ilustre conferencista salienta que eles representam para a economia nacional uma renda de cerca de nove bilhões de cruzeiros, além de assegurar mercado compensador para doze dos nossos principais produtos de exportação. O Sr. Valentim F. Bouças aludiu ainda ao fato desta política inaugurar uma nova fase na qual o Brasil irá basear a sua economia sobre produtos vitais, fortalecendo-lhe a estrutura através da diversificação das atividades produtivas.

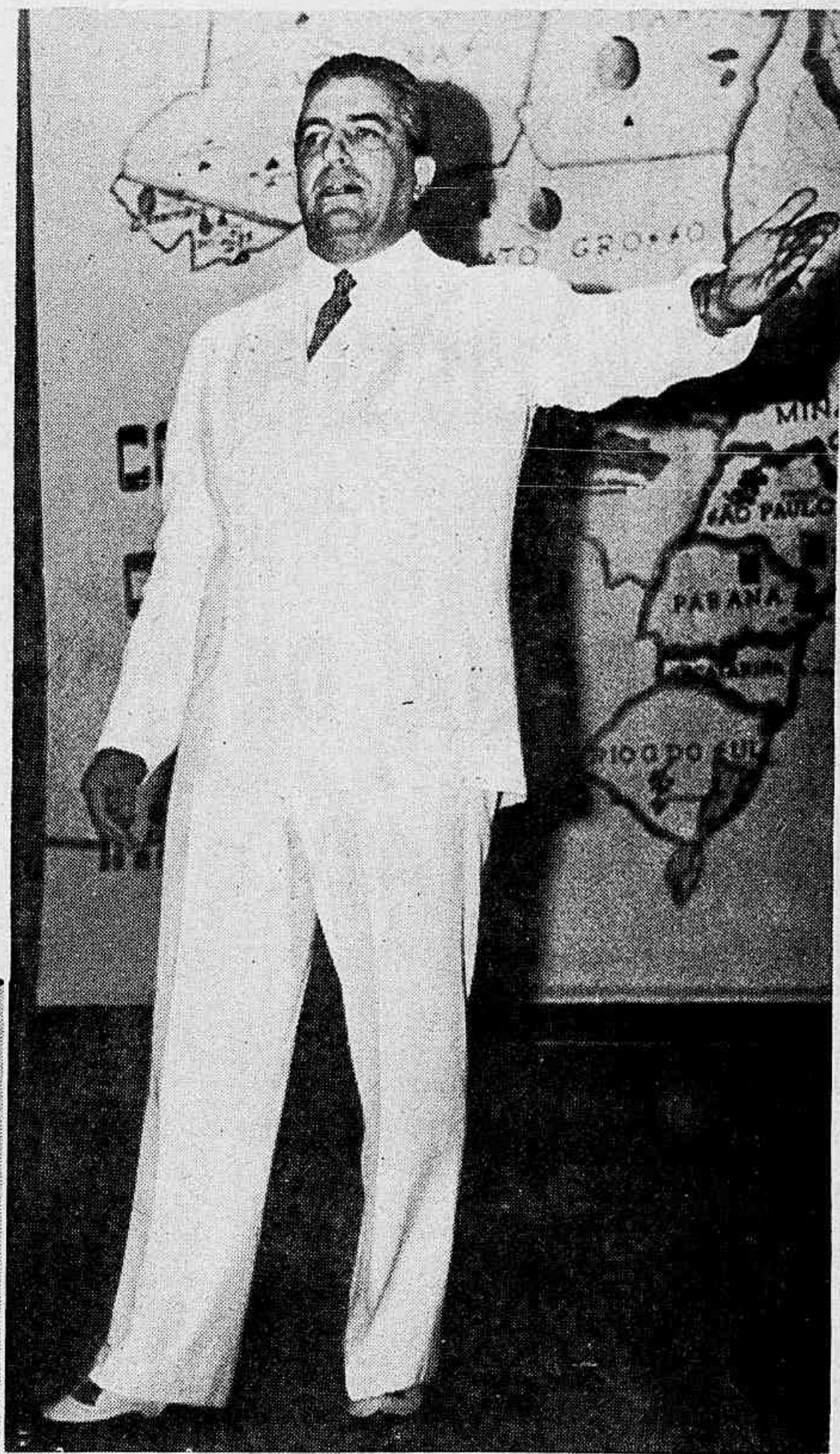
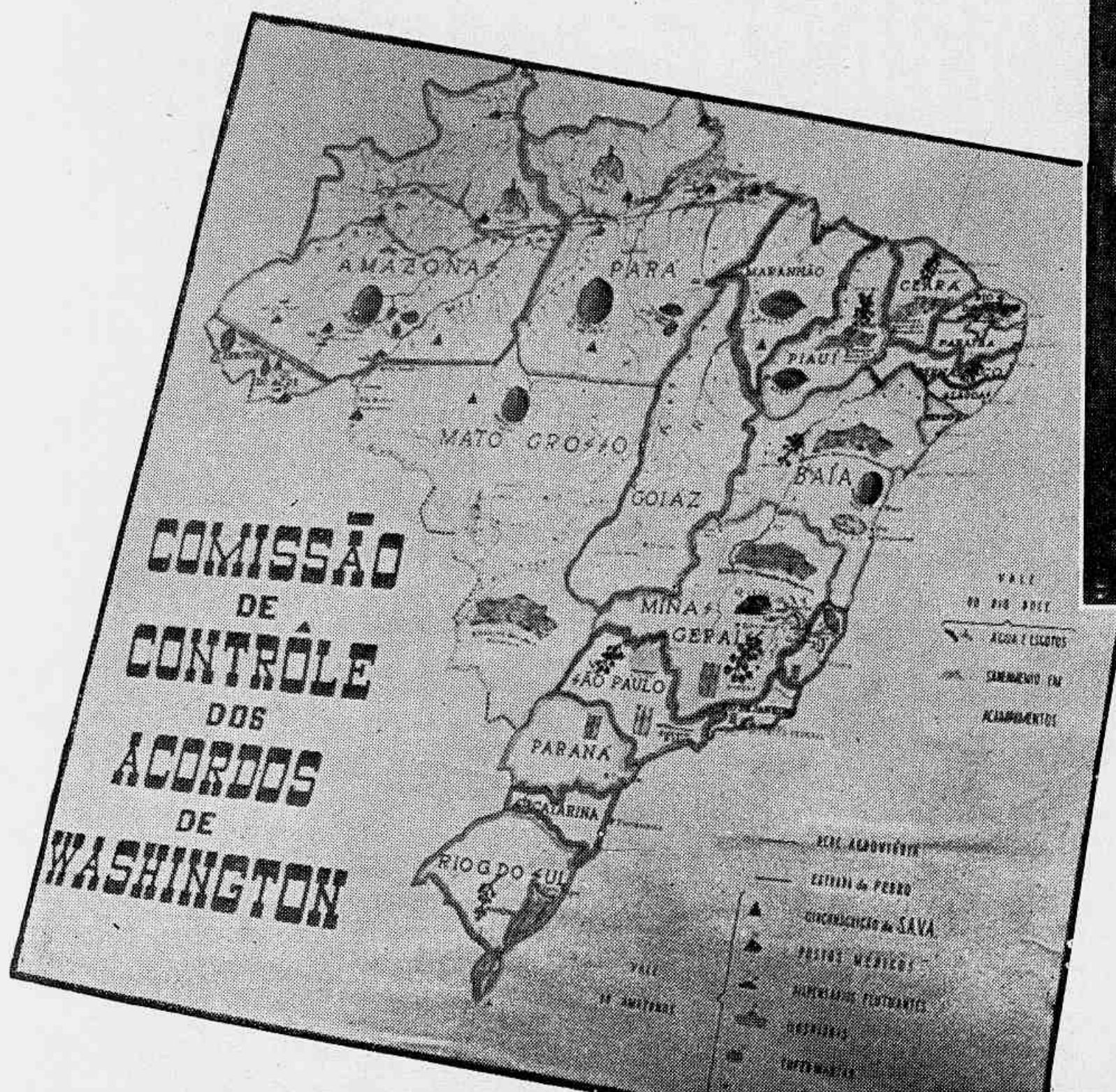
Além disto, diz o conferencista, o programa presidencial para o ressurgimento da Amazonia está construído sobre o princípio da fixação do homem à terra, tendo, para tanto, sido criado um completo serviço de assistência sanitária, econômica e educacional, que virá dar ao trabalho do seringueiro o sentido de um esforço livre e conciente. A cabana primitiva do seringueiro será substituída pela casa simples, mas confortável; a solidão deprimente da selva pela alegria de um lar feliz.

Iniciando a sua conferência, o Sr. Valentim F. Bouças, reportou-se ao ano de 1931, para dizer que naquela época não fazíamos idéia do montante das nossas obrigações externas. Continua dizendo que o Presidente Vargas determinou que elas fossem apuradas e devidamente classificadas por um estudo retrospectivo, posteriormente ao qual, pelo Decreto-Lei n.º 23.829, de 1934, chamado esquema Oswaldo Aranha, e pelo Decreto-Lei n.º 2.085, de 1940, elaborado pelo Ministro Souza Costa, foram ajustadas as bases do seu pagamento, numa época em que muitos países procrastinavam o cumprimento de suas obrigações, quando não as repudiavam. Embora paradoxal, é exatamente a partir de 1930, depois de um período de 80 anos, durante o qual a dívida externa brasileira poderia ser graficamente figurada por uma linha ascendente, que observamos a primeira curva de decréscimo das nossas obrigações financeiras. Com esta sábia e honesta política financeira é que o Brasil se impôs à confiança dos países amigos, possibilitando a realização de tão vasta obra.



Neste mapa do Brasil, organizado pela Comissão de Controle dos Acordos de Washington, da qual o ilustre conferencista é Diretor-Executivo, vemos assinados todos os produtos cuja exportação está sujeita ao regime dos Acordos. Diante dele revela-nos o Sr. Valentim Bouças como o Brasil vem concorrendo rigorosamente para o esforço de guerra das Nações Unidas, fomentando a produção das matérias primas estratégicas indispensáveis às democracias.

A Amazonia, disse o Sr. Valentim Bouças, Diretor-Executivo da Comissão de Controle dos Acordos de Washington, ressurgirá fortalecida por uma economia sã, produzindo a borracha sobre a qual alçam vôo os pássaros metálicos da liberdade. O Nordeste, secundando esta obra ciclópica, extrai de suas florestas os óleos vegetais que fazem os explosivos que reduzirão o inimigo ao silêncio. Minas Gerais deixa rolar do simbólico pico do Cauê a torrente de ferro e aço com que se forjam as quilhas que conservarão abertas as rotas marítimas, assegurando aos povos livres o direito de assim viverem. O Sul, e, quiçá, todo o Brasil, dando nica, quartzo, linters e todos os demais produtos de que carecem as Nações Unidas para manterem os suprimentos dos seus soldados.



O Sr. Valentim F. Bouças quando fazia, ao terminar sua conferência, veemente apelo a todos os brasileiros no sentido de contribuirem com a parcela do seu patriótico esforço para a completa realização do programa econômico do Presidente Getúlio Vargas, cuja atuação passará à nossa história como uma das mais benfazejas à economia e às finanças brasileiras.



Entre outros benefícios que nos trouxe o Governo Getúlio Vargas, despertou-se no espírito dos brasileiros o interesse pelos problemas nacionais. Confirma-o este aspecto da numerosa e seleta assistência que compareceu ao auditório da Associação Brasileira de Imprensa para identificar-se com um dos mais palpitantes temas da economia brasileira, qual seja "O Vale do Amazonas, O Vale do Rio Doce, Os Acordos de Washington e o esforço de guerra do Brasil", tratado em brilhante conferência pelo Sr. Valentim F. Bouças, Diretor Executivo da Comissão de Controle dos Acordos de Washington, sob o patrocínio da Liga de Defesa Nacional, no dia 18 do corrente.

A Guerra na Rússia

A EPOPEIA DE STALINGRADO

ESTE quadro é simbolico do inquebrantavel espirito dos defensores da grande cidade industrial do Volga, que durante dois meses enfrentou a maré alta do poderio militar alemão. Nas suas ruas, as mais furiosas batalhas da história do mundo se travavam sem cessar, durante as quais o inimigo lançava ondas e ondas de "tanks", e divisões e divisões de infantaria para vê-las estacarem deante de barricadas de toda espécie, erguidas a cada lado da rua, com canhões anti-"tanks", metralhadoras e granadas de mão — despejando uma torrente de fogo contra os atacantes. Eram combates incessantes, travados dentro das casas, nos pátios, nos bôcos, nas lojas, muitas vezes de sala em sala, cada palmo de terreno defendido até os extremos pelas forças soviéticas e pelos próprios habitantes da cidade. Enquanto isso, casas ardiam, a fumaça enegrecia tudo, as construções iam pelos ares, sepultando centenas e milhares de homens, na mais espantosa evocação do inferno que se pudesse conceber.

Duas vezes esse espantoso turbilhão de ferro e fogo abalou as margens do Volga. Do primeiro impeto, foram as forças russas cedendo palmo a palmo de seu territorio, esmagadas pelo implacavel ataque nazista. Logo mais, no entanto, veio o refluxo da maré e a mesma carnagem se desenvolveu de novo, em sentido inverso, voltando as tropas de Hitler, com a perda de 330.000, para fóra dos muros da cidade destruida mas libertada.

Esta cena, admiravelmente reconstituída pelo artista inglês Terence T. Cuneo e publicada no "Illustrated London News", vale bem como exemplo geral da luta na Rússia, caracterizada até agora pela maior violencia de todos os tempos, seja qual for a zona onde se processam os embates.





“LUNED”



A' esquerda — SALA DO TRONO — Dominando o salão, fica o trono, sob um dossel verde e amarelo. Veiu do Paço de S. Cristovão e é uma preciosa obra de marcenaria e talha, marchetada de marfim e de ouro.



O PAÇO DO GRÃO PARÁ — Domina o parque, numa pequena elevação, e tem uma grande imponência, recortando a fachada cor de rosa, entre a verdura das grandes árvores. Todo o interior é trabalhado com madeiras preciosas.

Museu Imperial

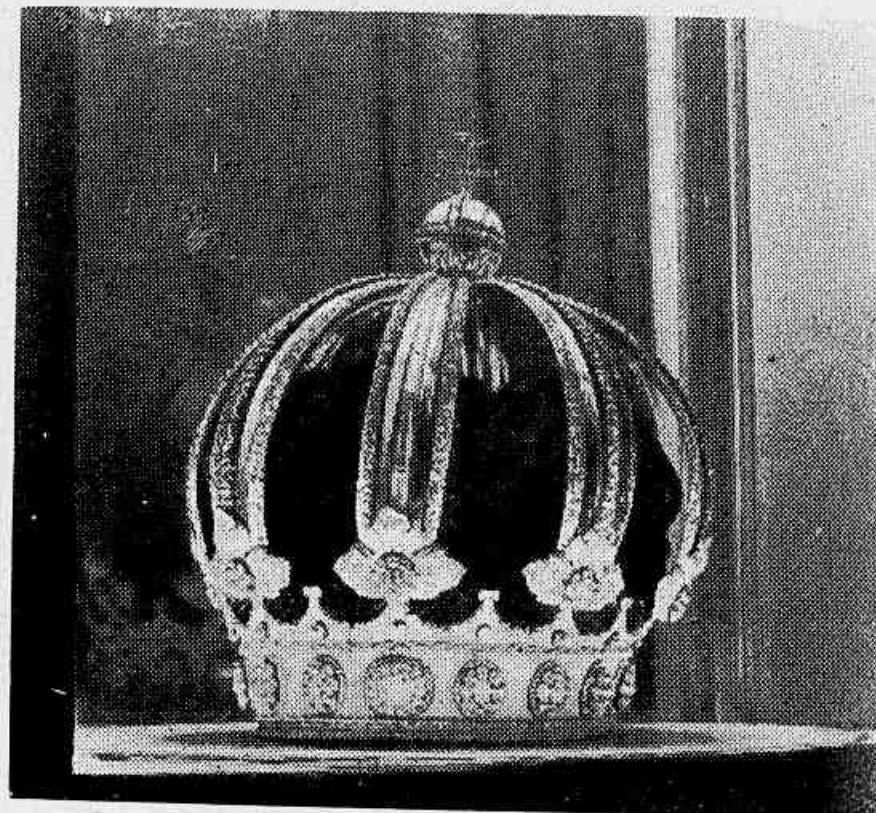
PETROPOLIS comemorou, como se sabe, a 16 deste mês, o centenario da sua fundação, pois foi justamente nessa data, em 1843, que D. Pedro II resolveu, por decreto imperial, arrendar sua Fazenda do Corrego Seco ao Major de Engenheiros, Frederico Koeler, com a condição de reservar para si uma parte dos terrenos, afim de nela ser construido o futuro palacio do Grão Pará e outra parte para arrendamento a particulares, como nucleo da atual cidade serrana.

Entre as comemorações com que o governo federal e estadual celebraram a data, figurou como numero culminante, pela sua expressão cultural, historica e artistica, a inauguração do Museu Imperial, instituido por decreto do Presidente Getulio Vargas, em 1940. A finalidade do museu é recolher, ordenar e expor objetos de valor historico e artistico, ligados á vida do imperio e á pessoa dos reais governantes do Brasil.



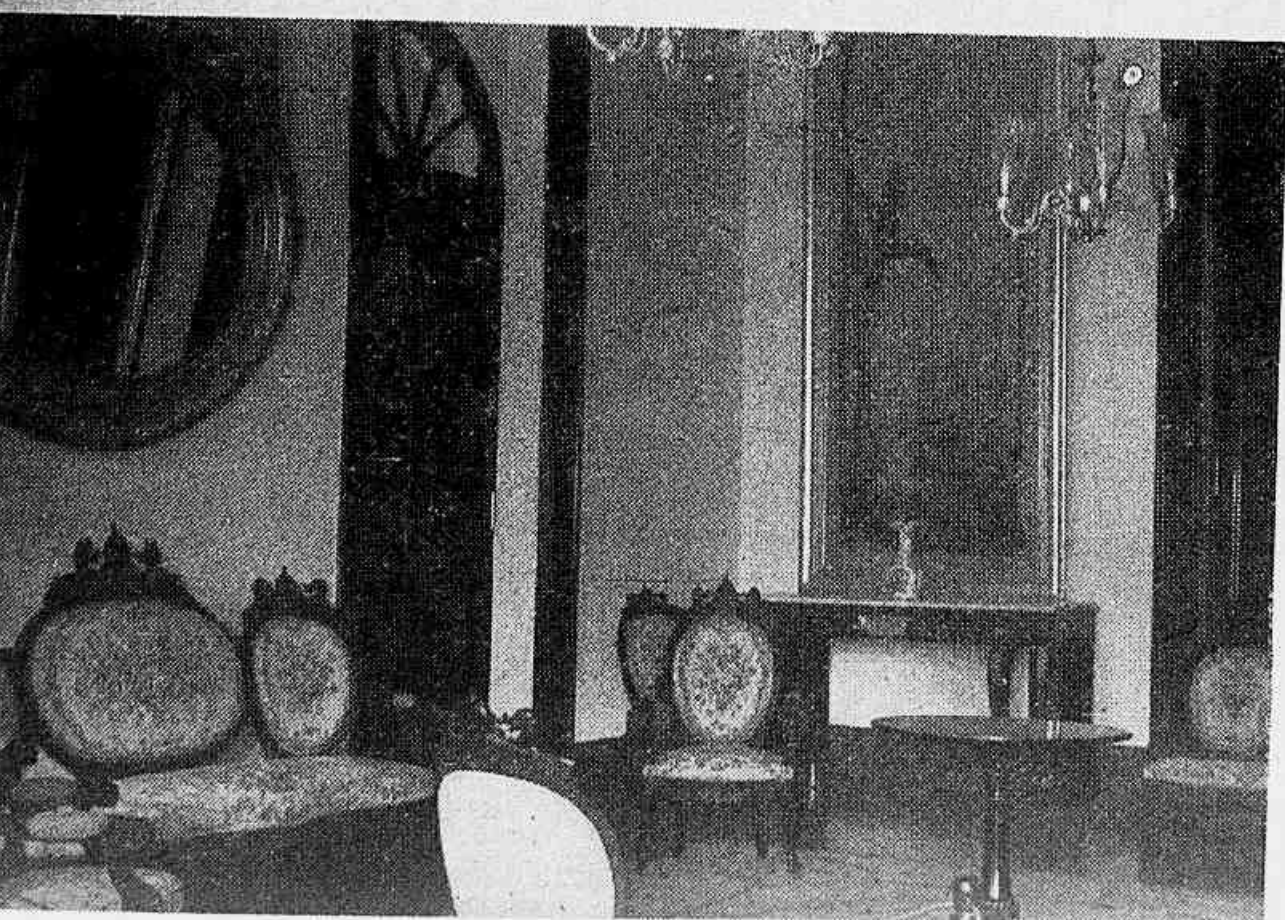
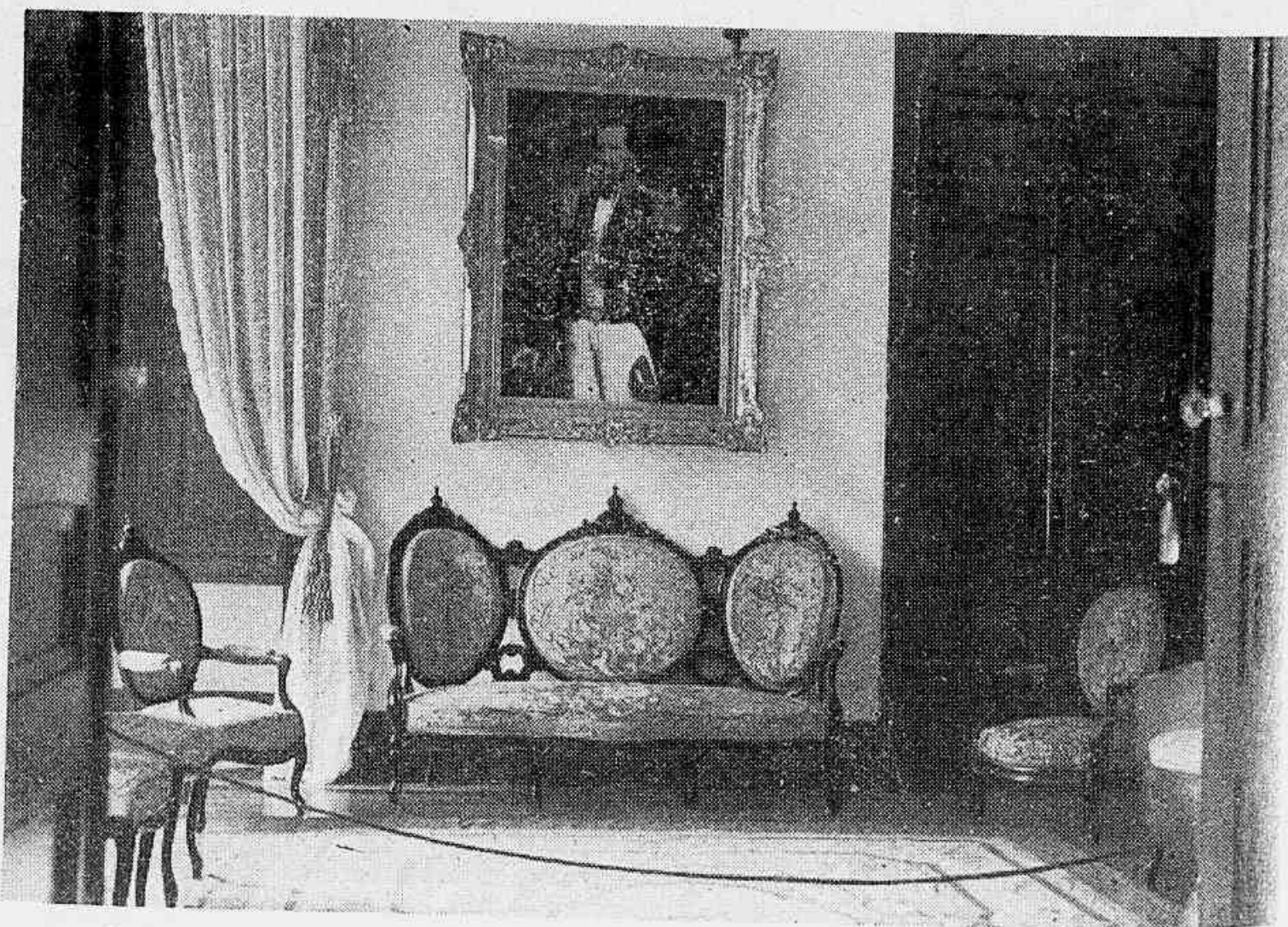
A' esquerda — SAGUÃO — O pavimento é revestido de marmore de Carrara e da Belgica, branco e preto, num belissimo jogo de contrastes. Ao fundo, uma estatua de D. Pedro II, fundida em Ponta d'Arcia, na fundição do Barão de Mauá. Foi a primeira escultura em bronze feita no Brasil. Ao lado, um grande relógio inglês, que pertencia ao Palacio.

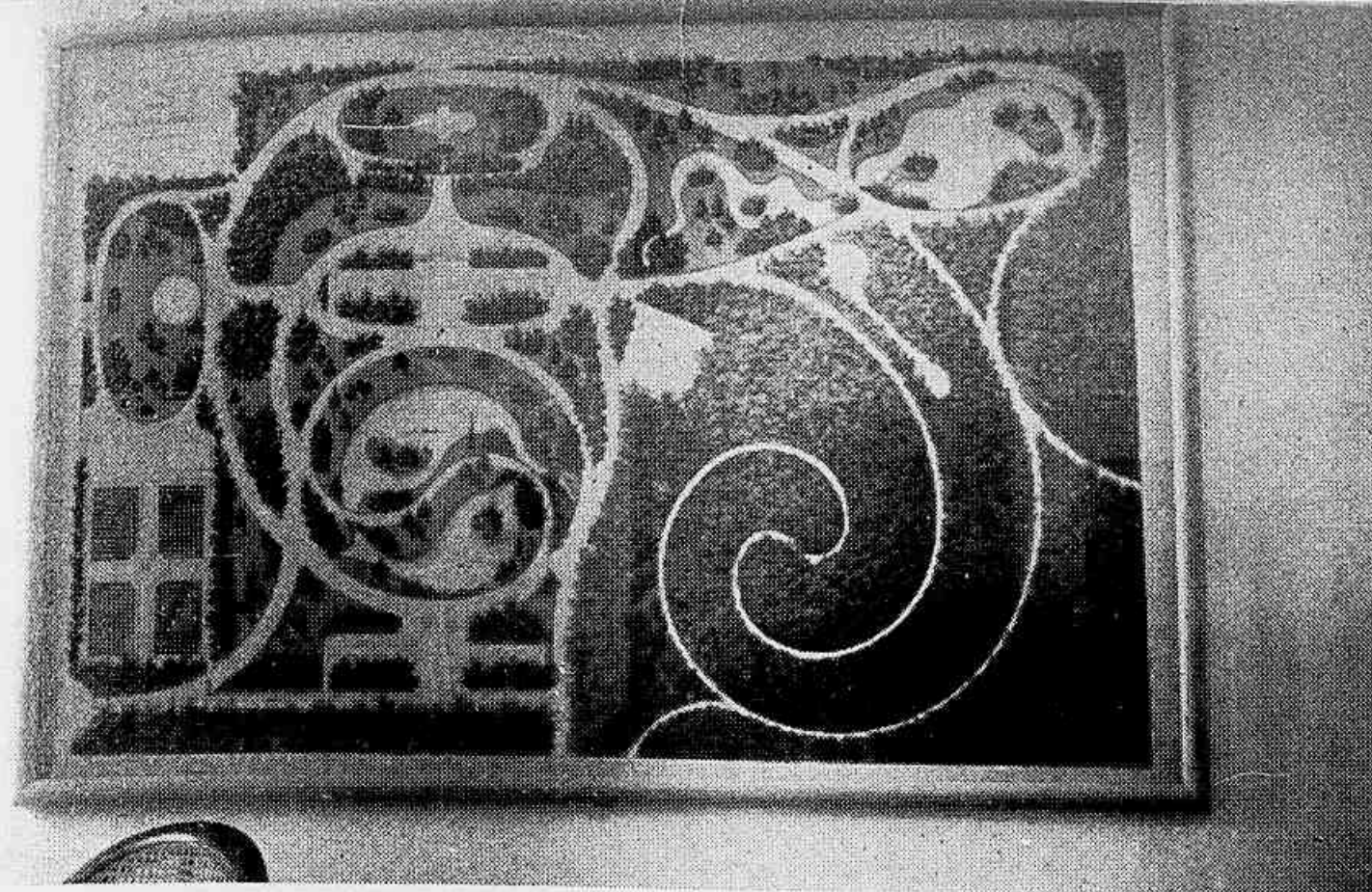
A' esquerda, em baixo — SALÃO DOS EMBAIXADORES — Um grande tapete Aubusson, Gobelins, jarrões preciosos e mobiliário do antigo Paço de S. Cristovão. A um canto a estatua *Alma*, da autoria do conde de Gobineau e por ele oferecida ao imperador.



A COROA IMPERIAL. — Conta atualmente 595 brilhantes. Foi comprada pelo governo da Republica á familia Imperial, por 1.200 contos de reis. Uma milionaria americana, ha tempos, chegou a oferecer por ela 8.000 contos.

Em baixo — SALA DA IMPERATRIZ — Tapetes Aubusson e mobiliário da sala da Imperatriz, em S. Cristovão. Dois consolos, vindos de bordo da fragata *Constituição*, que trouxe de Nápoles a Imperatriz. Cortinas reconstituídas com restos das que ornavam as janelas de S. Cristovão. Um retrato do imperador em traços de Almirante.





Projeto de ajardinamento do parque, pelo engenheiro francês Bonot. Não chegou a ser executado inteiramente. Foi pena que tal não se desse, pois já hoje é difícil pô-lo em prática, devido às construções vizinhas.

Retrato de D. Pedro, em vestes imperiais, pintado por Pedro Americo, em 1872. Ao fundo do quadro, alguns estadistas da época. D. Pedro veste o manto e segura o cetro que se acham também hoje no Museu.

de Petropolis

Fotos de *ARNALDO VIEIRA*

Num país novo, de poucas tradições, com um passado relativamente tranqüilo, nada mais justo do que preservar para a posteridade tudo aquilo que represente alguma coisa de vulto expressional desse mesmo passado. Assim, bem acertado andou o presidente Getulio Vargas, quando lançou as bases da futura casa do Imperio, demonstrando, com esse ato, a alta compreensão com que encara todos os assuntos ligados à grandeza do Brasil, no presente ou no passado.

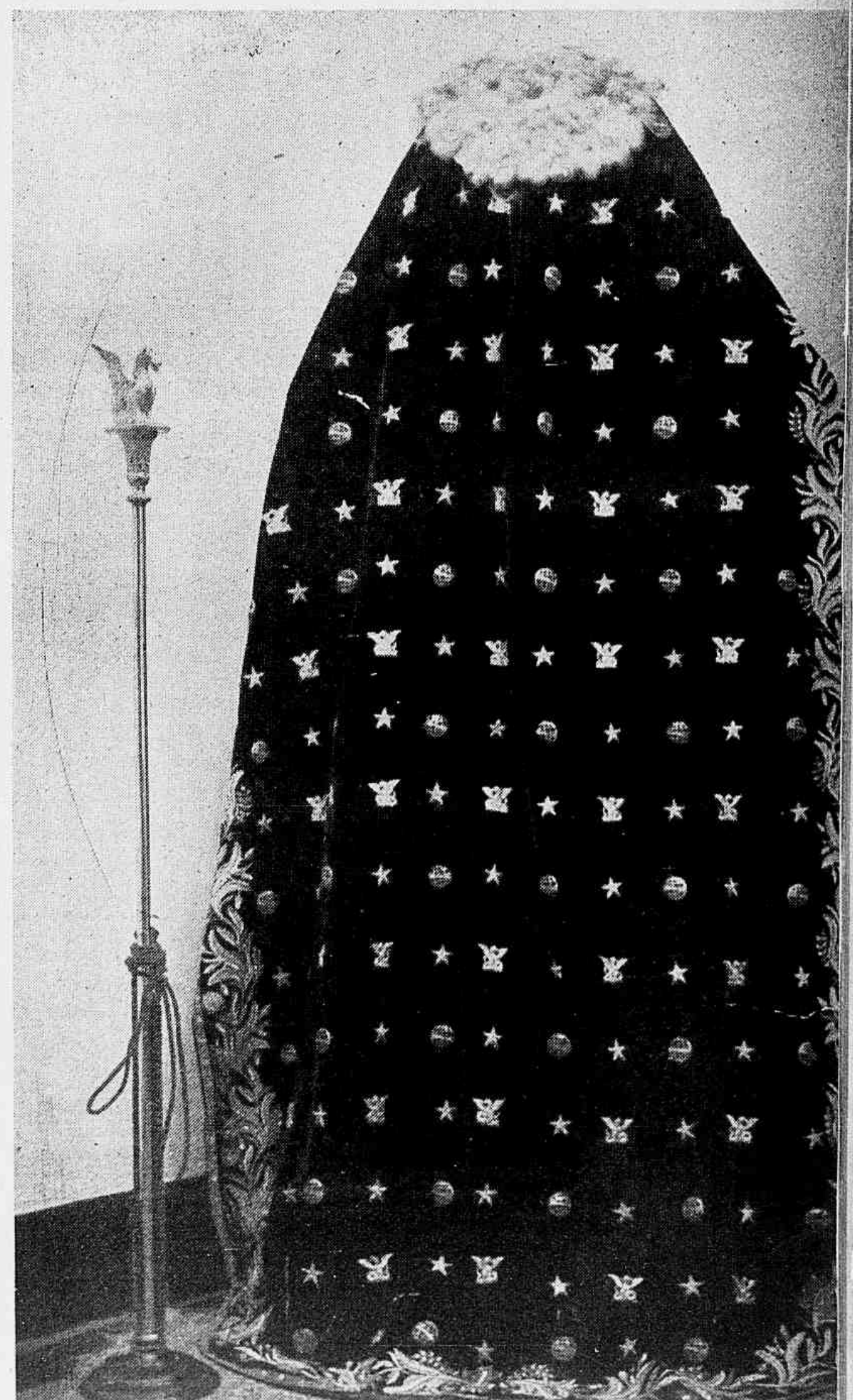
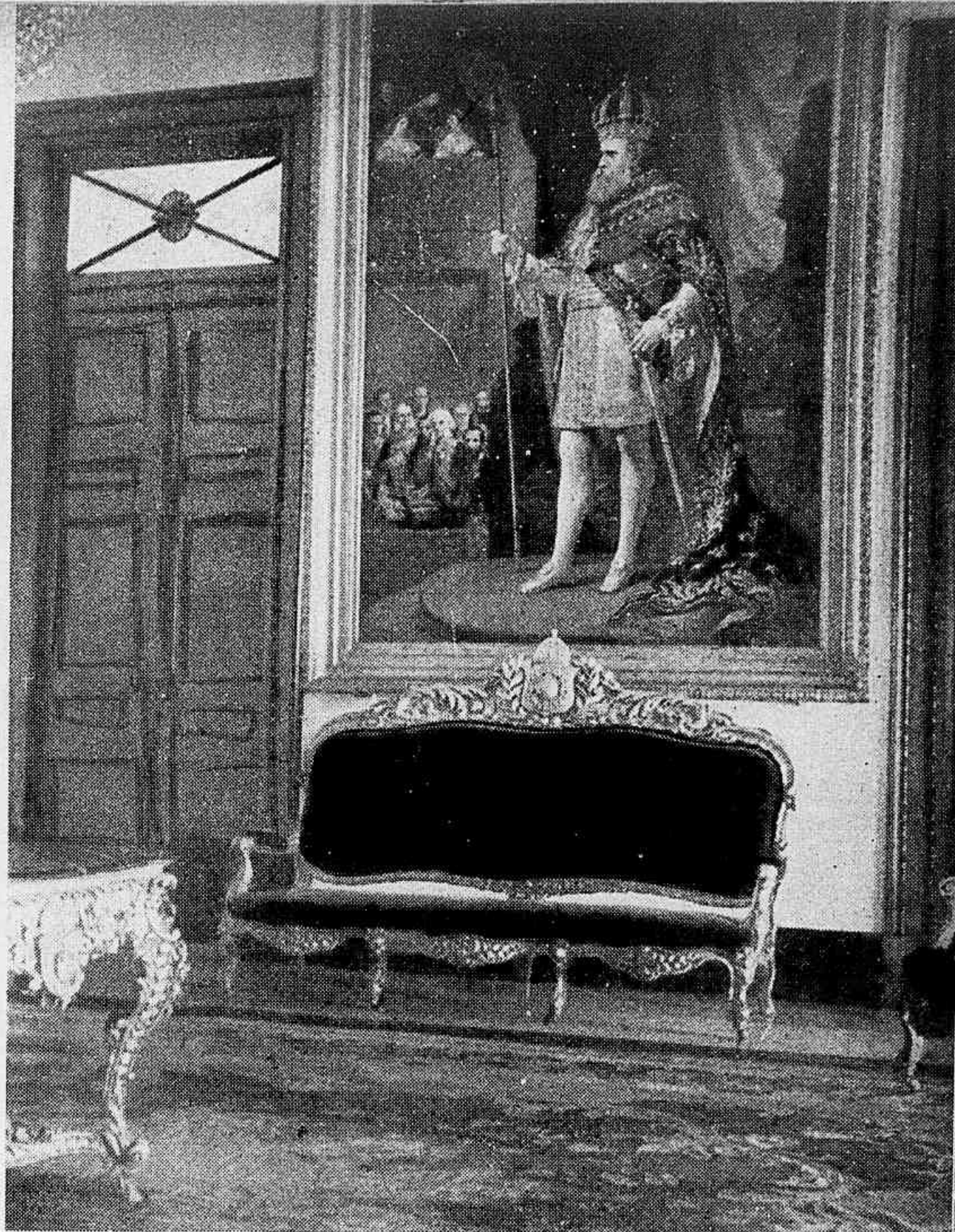
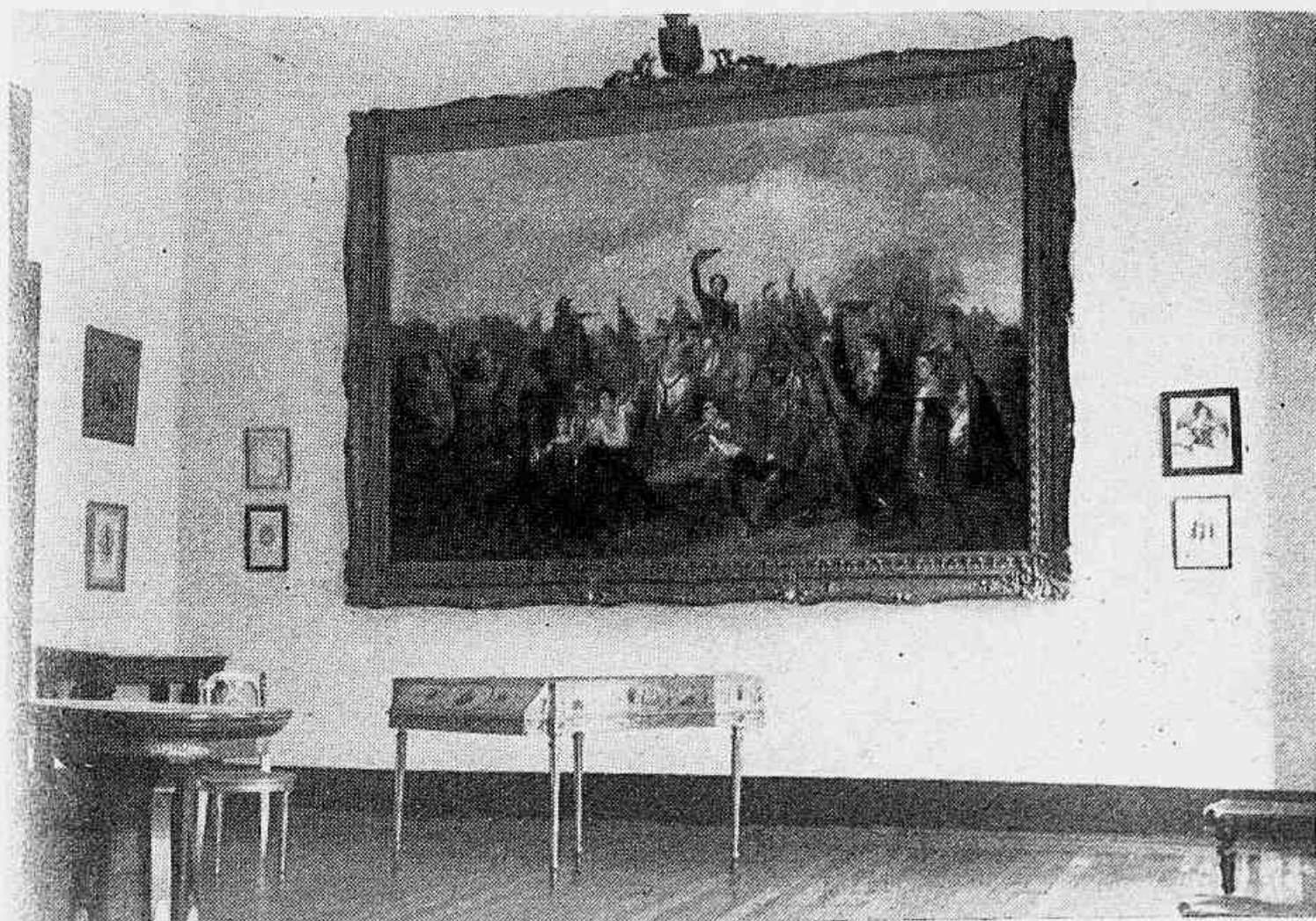
No intuito de revelarmos aos nossos leitores o que é, desde já, o Museu Imperial, fomos fazer uma visita a suas instalações, trazendo de tudo a melhor das impressões, como traduzem devidamente as fotografias destas paginas:

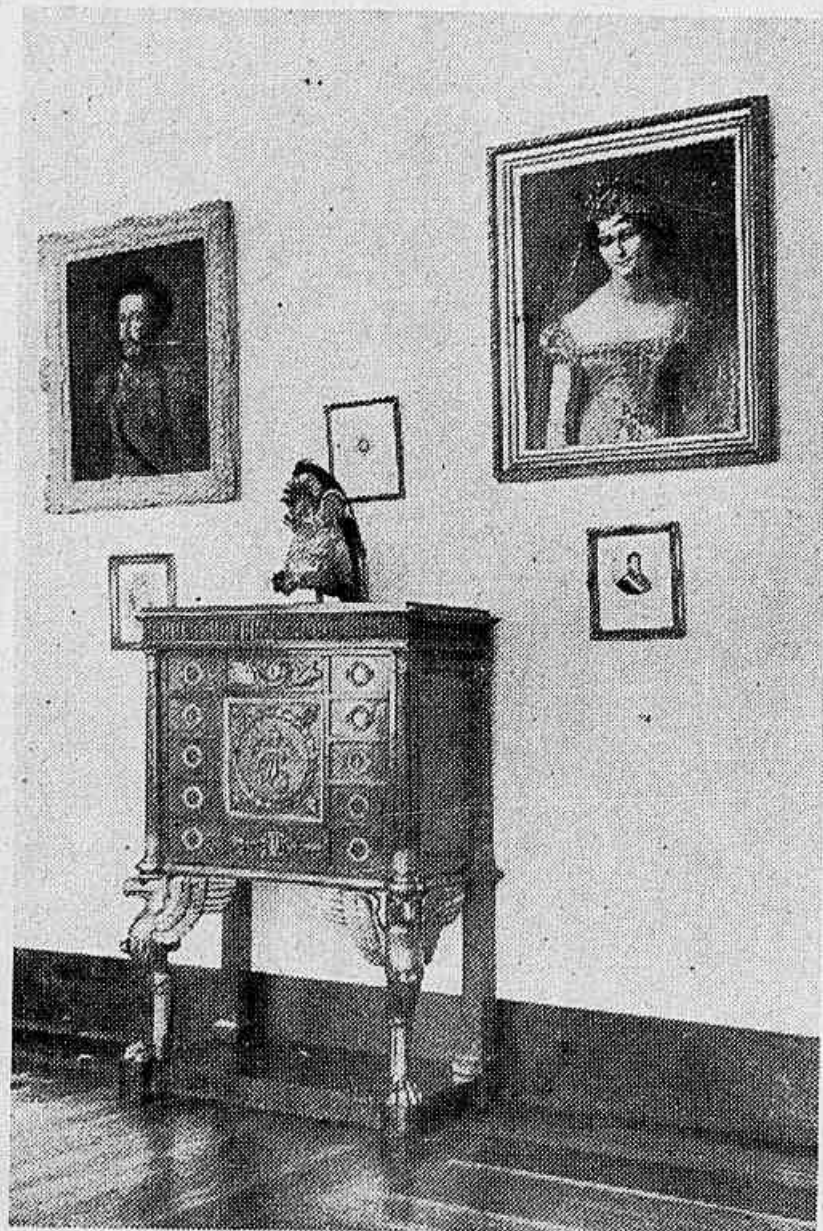


As figuras alegóricas dos dois cetres. O das grandes cerimônias e o pequeno cetro. Ambos representam o dragão de Bragança, têm um admirável acabamento artístico e são de ouro massiço.

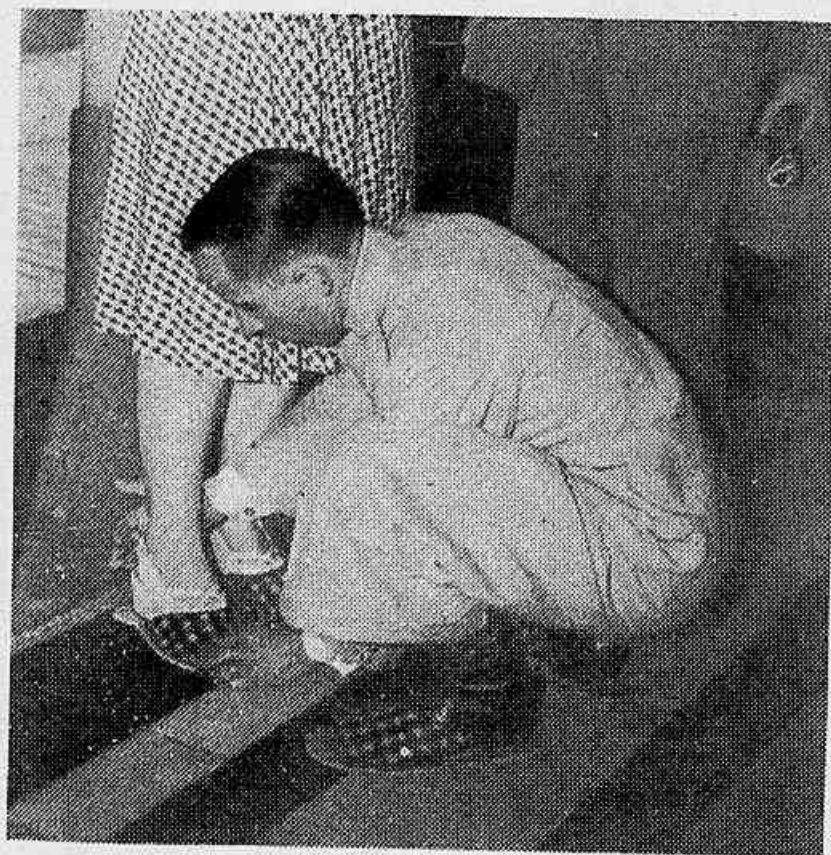
O manto imperial, das grandes cerimônias da Corte, como a abertura do parlamento, para a fala do trono. É de veludo verde, inteiramente bordado a fio de ouro e com ornatos de ouro, dragões da casa de Bragança e esfera armilar. A gola é de penas de papo de tucano. Ao lado o cetro que figura na tela de Pedro Americo. Todo de ouro, da ponteira ao dragãozinho que o encima.

SALA DE MUSICA, vendo-se uma espineta da época e diversas peças de mobiliário autentico. Ao fundo, um grande quadro de F. René Moreaux, representando outra versão do Sete de Setembro. Ha grande movimentação nas figuras, algumas delas de notavel execução plastica, excelente colorido e segura expressão emotiva. É uma tela muito pouco conhecida.

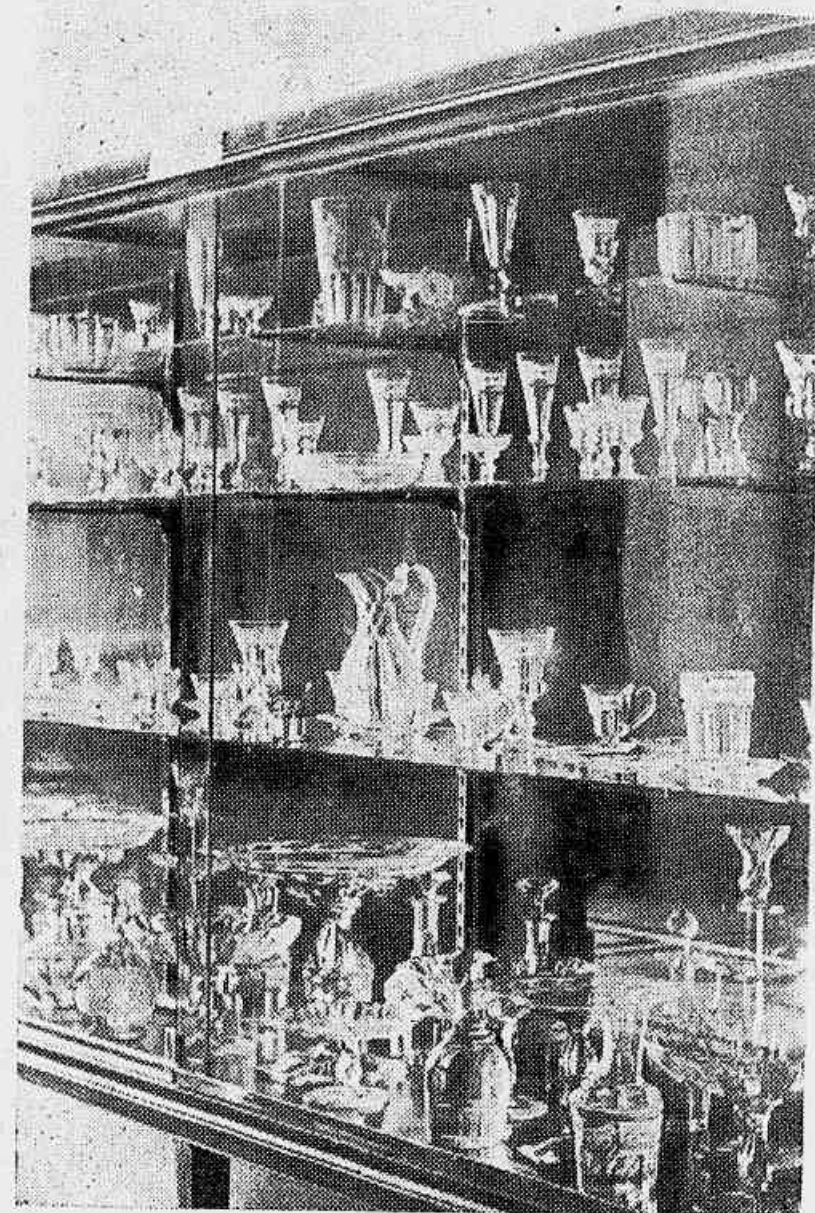




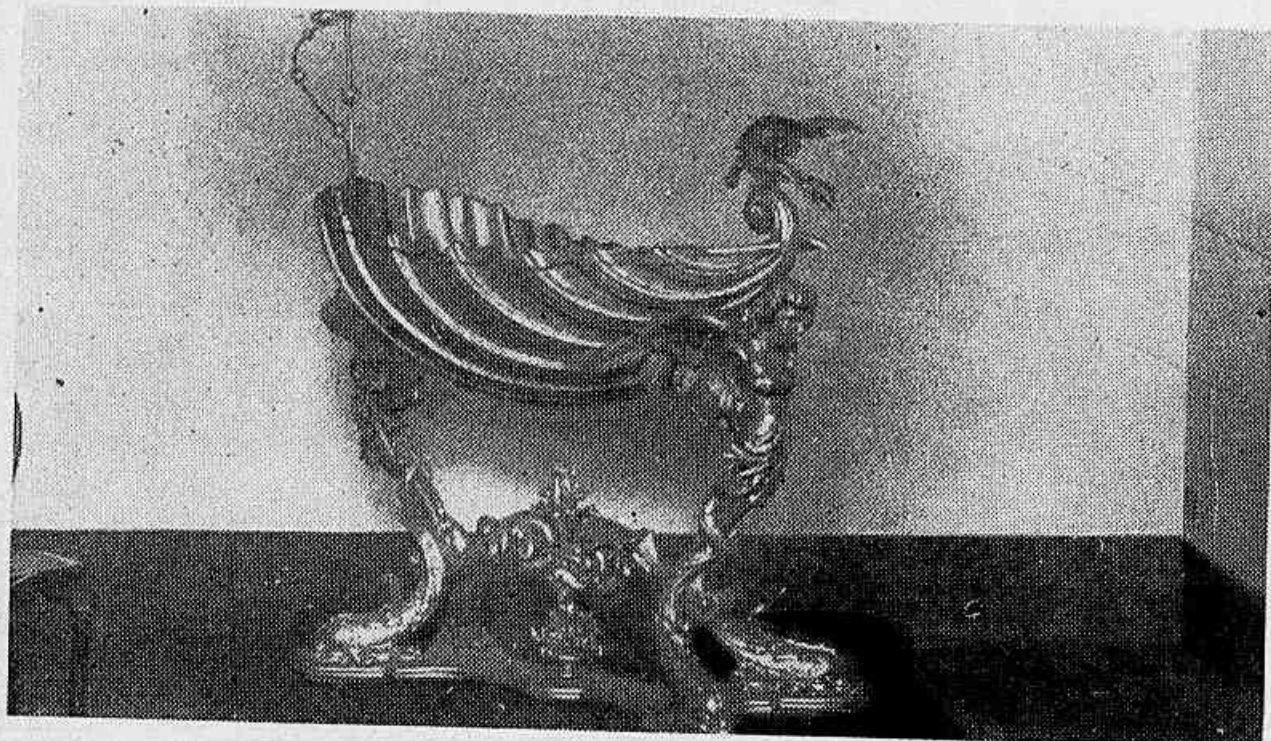
Um recanto do salão de musica, vendo-se, acima da linda arca lavrada um legitimo capacete dos antigos Dragões da Independencia. Por trás, o original do desenho da ordem do Cruzeiro, entre os retratos de D. Pedro I e de sua esposa, dois belissimos retratos, por sinal.



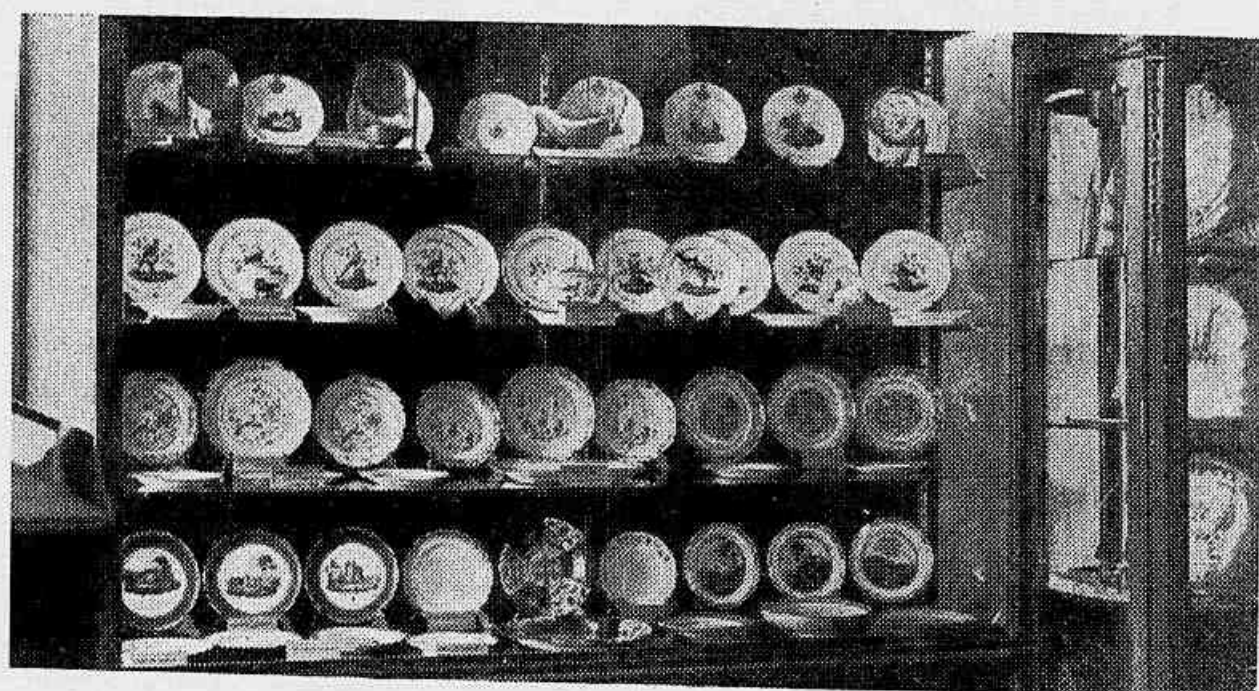
Um detalhe pitoresco. Afim de preservar os soalhos e o marmore do saguão, o visitante assim como os empregados do museu têm de calçar umas pantufas de feltro. Vemos aqui o continuo ajustando a chinela ao pé de uma visitante estrangeira.



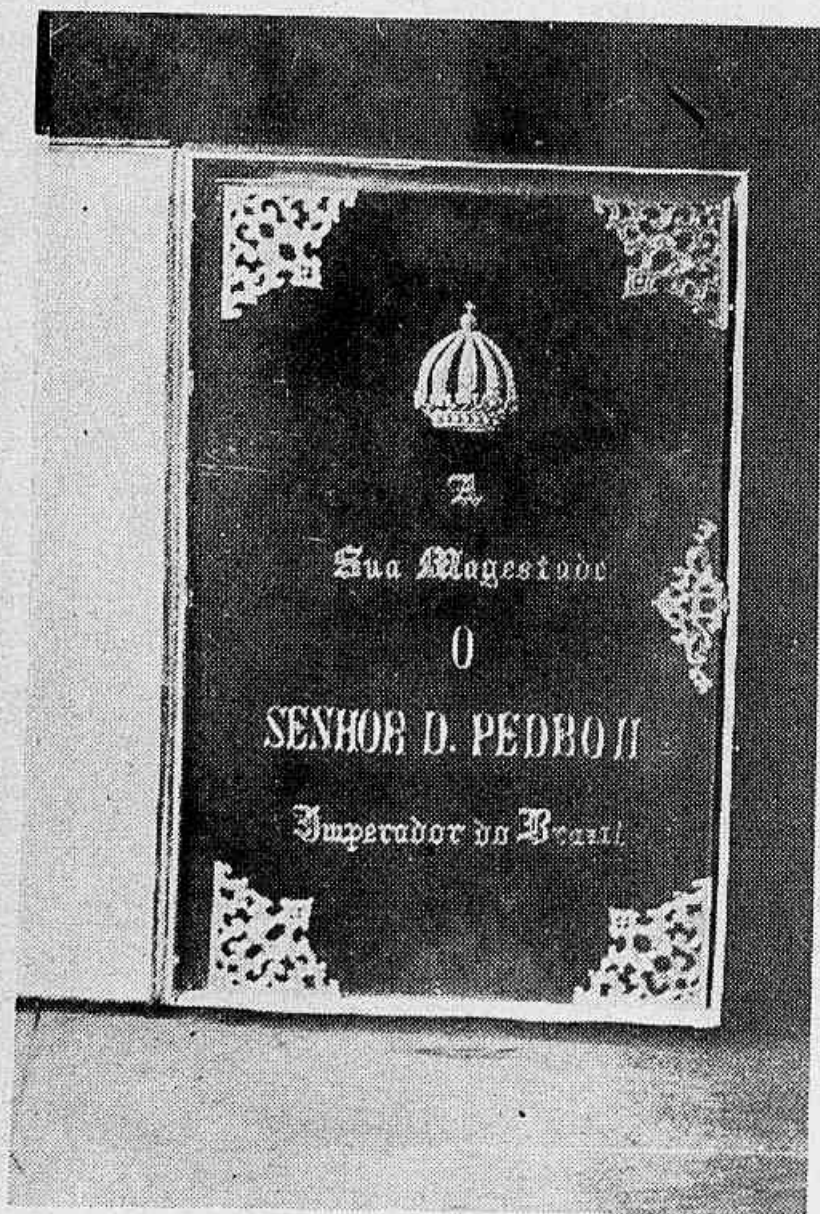
Os deslumbrantes cristais dos serviços do paço. Todas as peças pertenceram á familia imperial e são do mais fino cristal francês e veneziano.



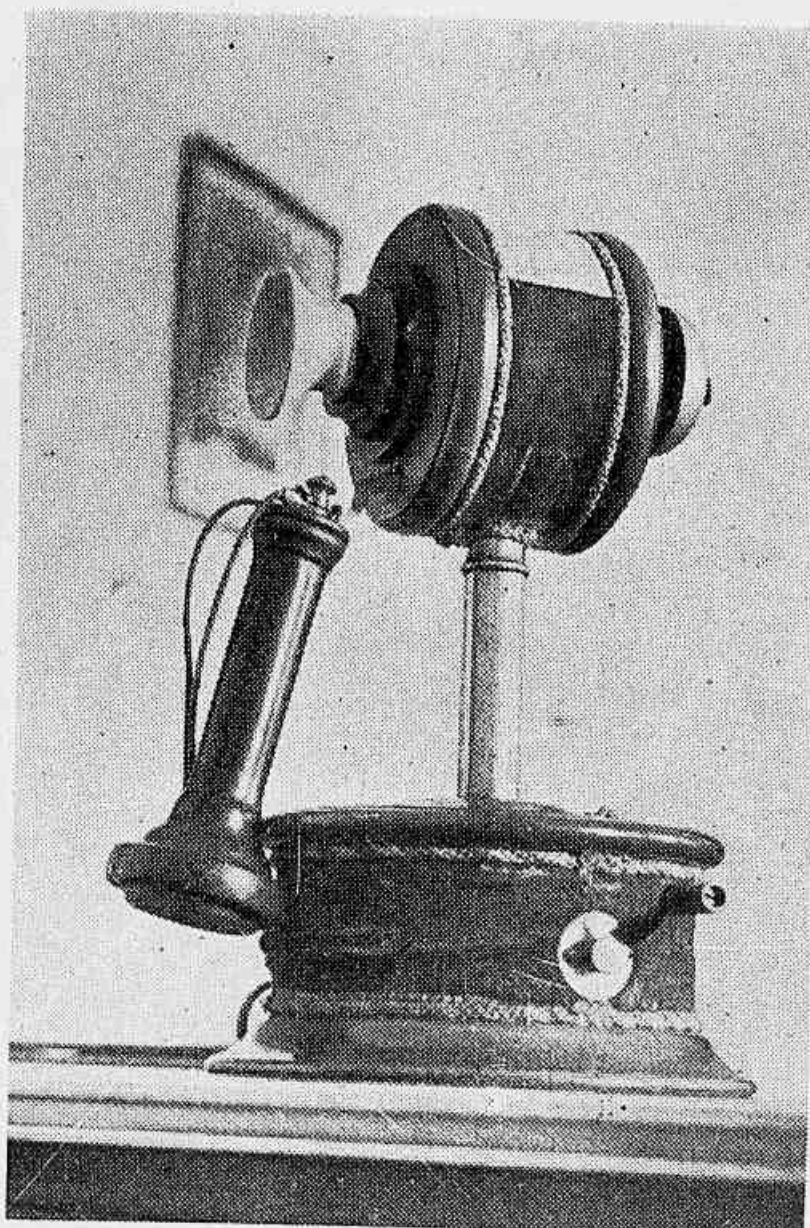
Berço de talha dourada, onde dormiu o pequenino principe, filho do Duque de Saxe, e da princeza Leopoldina. E' todo trabalhado, em ornatos dum f'nisimo relevo, delicado e sutil como uma joia.



SALA DAS PORCELANAS — Aqui estão as porcelanas trazidas de Portugal por D. João VI. São especimes preciosos, das fabricas do Rato e da Vista Alegre, assim como das celebres manufaturas da Duquesa de Angoulême. Todos os desenhos são diferentes, embora os motivos obedeçam sempre a determinado plano.



Mensagem dos portugueses residentes no Rio de Janeiro, apresentada a D. Pedro II, por motivo do termo da guerra do Paraguai. A encadernação é em marroquim verde, com letreiros e ornatos de ouro de 18 quilates. A coroa é lavrada em ouro e ornada de grandes perolas legítimas.



Telefone usado por D. Pedro II. Foi o mesmo com que ele falou com Graham Bell, na famosa exposição de Filadelfia. O bocal é de porcelana e o suporte do aparelho enfeitado de veludo vermelho.



Exemplar do Album de Ribeyrolles oferecido ao Imperador, em riquissima encadernação de couro gravado em alto relevo, com o ramo de café e uma grande estrela dourada, que serve de moldura ao retrato de D. Pedro.

Para a Praia



O verão, se nunca veio de todo, nem por isso dispensará os trajes adequados às folgas da beira-mar; os shorts e as roupas masculinas continuam assim em plena vaga. Nesta página, a leitora encontrará três sugestões agradáveis para mandar à sua costureira.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

W.D. 1943



Em baixo — AUDIÇÃO — As aspirações de coristas cheias de sonhos e ambições são história antiga para este eletrista do Copacabana; porém ele rende um preito de amável atenção a Betty De Witty, quando esta experimenta um novo ritmo, tendo-o como assistência a cem cruzeiros por cabeça.

BALLERINA — Uma Pavlowa em botão é Betty Jane Smith, que o leitor aqui vê dando este salto de gazela, ao fundo da cena. Betty Jane leva muito a sério esta questão de dança. As três sereias no primeiro plano deixaram de dançar para lhe admirarem a destreza e a graça.



RITMO — Meneando um par de ancas bem conformadas, aqui está o presente de Boston feito a Broadway: Virginia Wilson. Ela aparece por traz duma das palmeiras (sintéticas que dão ao Copacabana sua atmosfera sulamericana. Junto dela, outras sereias sugestivas.

SHOW GRATUITO — Os cavalheiros que têm por ofício polir o soalho do Copacabana assistem a um espetáculo gratuito, quando esta bailarina, ágil corista, se exhibe entre mesas e cadeiras empilhadas. A pequena foi uma vez "Miss Minnesota", quando se tratava de escolher a candidata ao título de "Miss America", em Atlantic City.

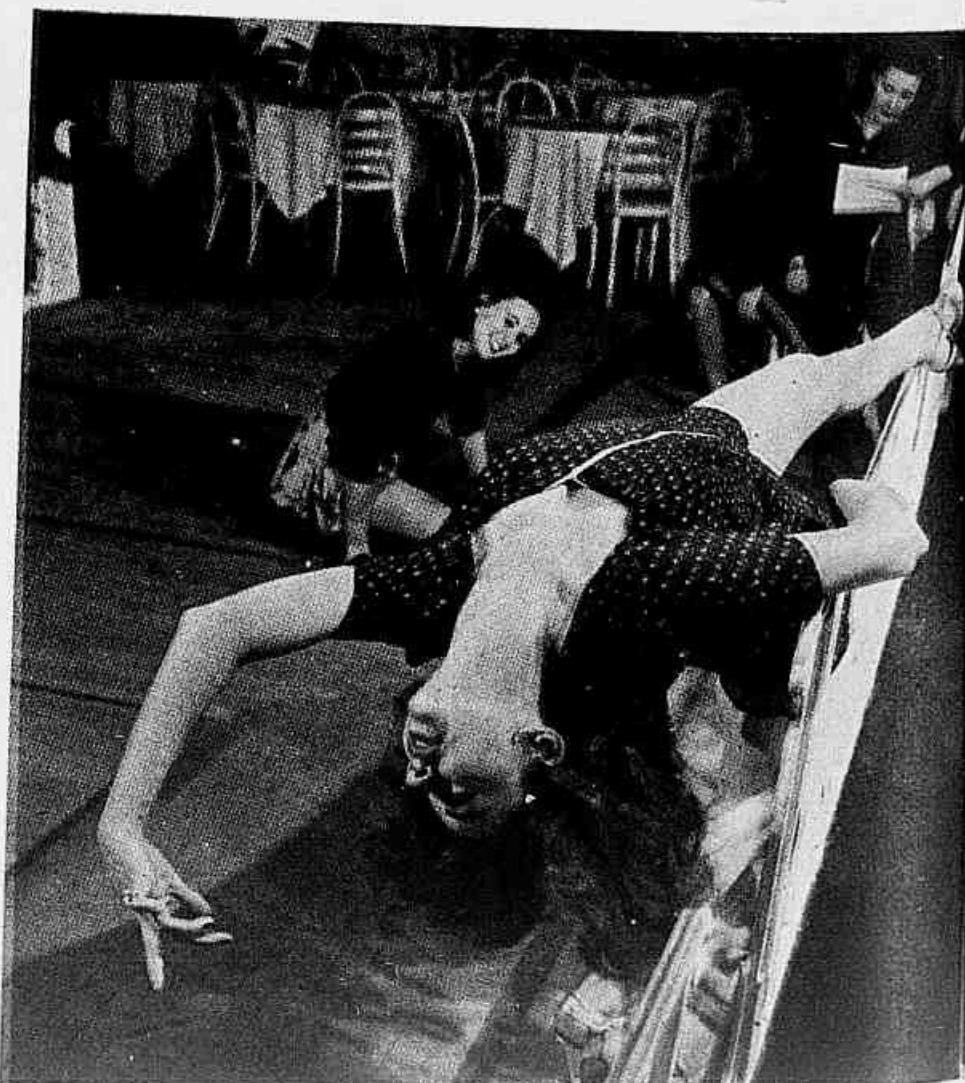
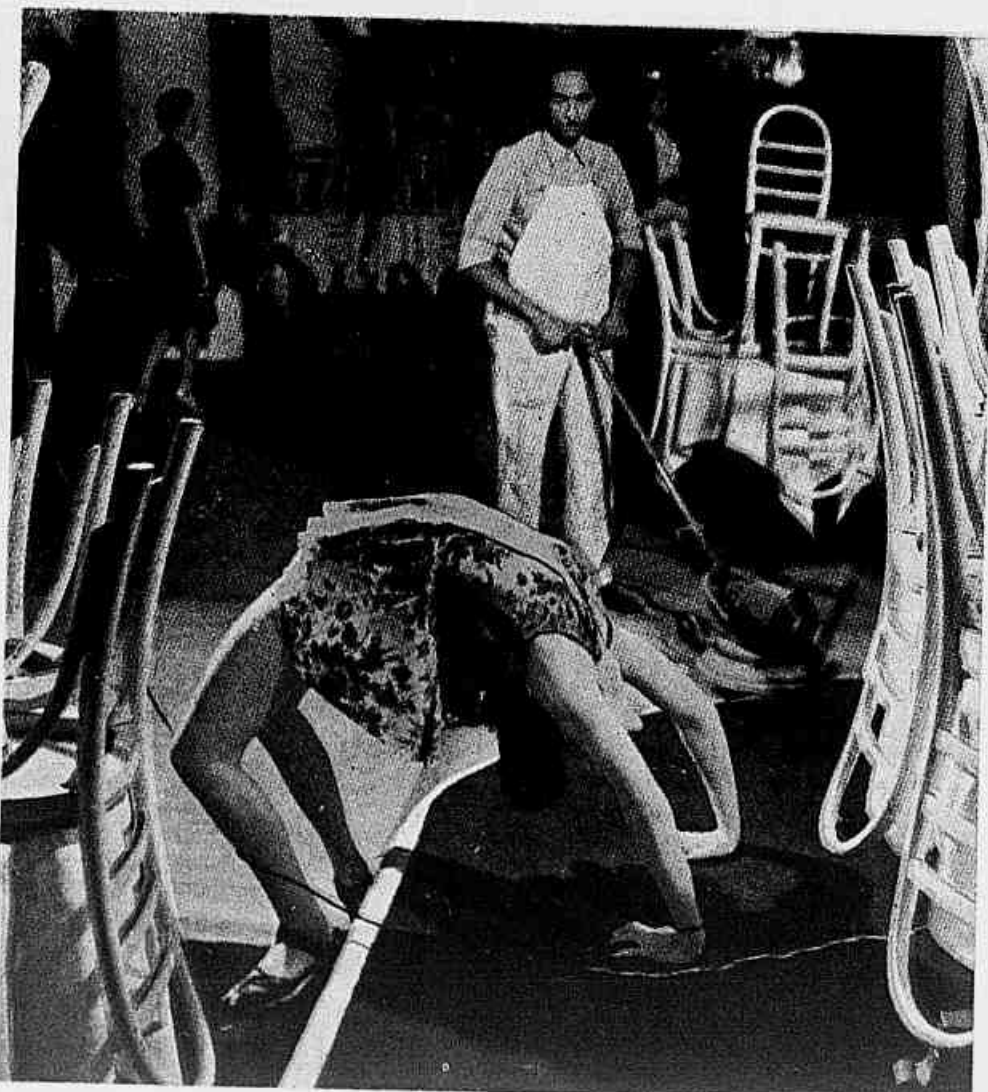
O dia num club noturno

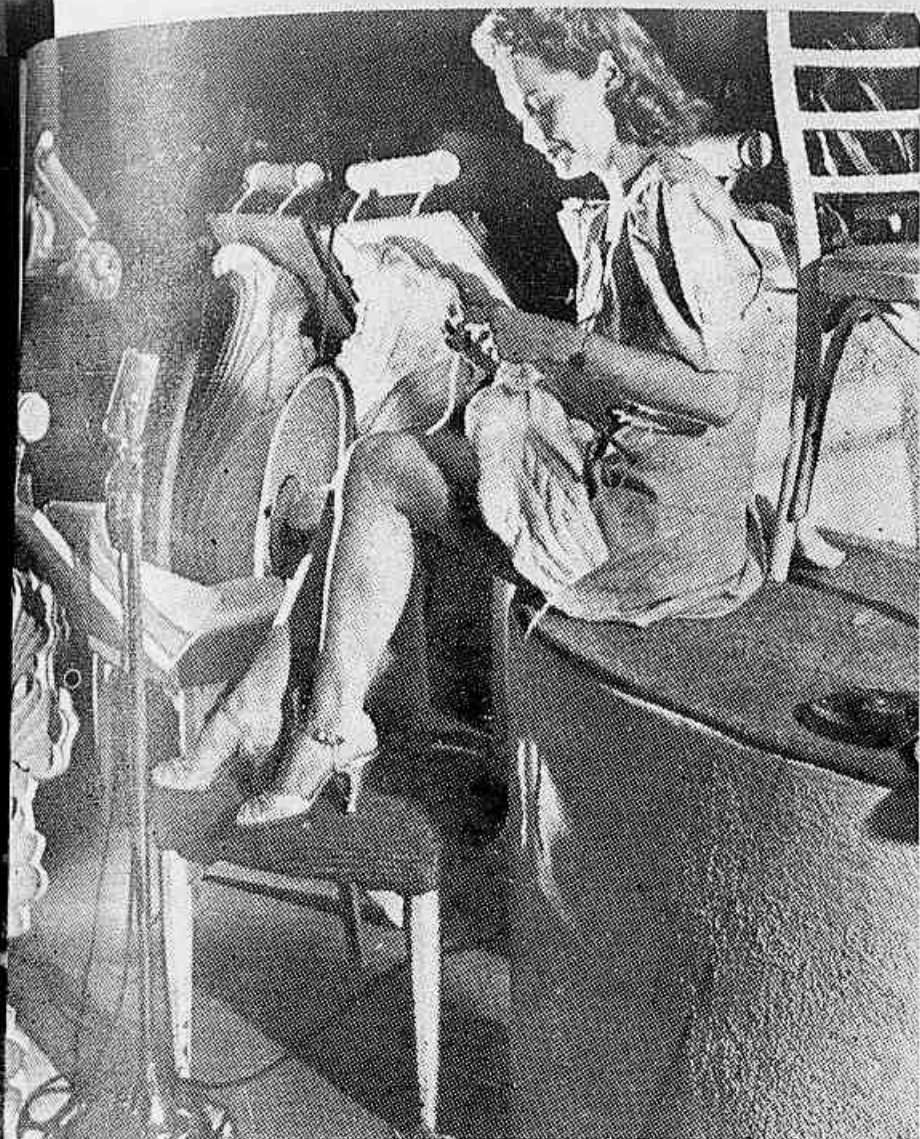
(Serviço especial da REVISTA DA SEMANA)

Nós temos um sobrinho que pergunta coisas como esta: "Para onde vão as luzes quando se apagam?" E "De que vivem as traças, quando não encontram buracos para roerem?" Qualquer dia ele vem perguntar: "Que é que há de dia nos clubes noturnos?" Mas, nessa hora, estaremos com a resposta pronta para ele, pois acabamos justamente de fazer uma visita ao "Copacabana" de Monte Frosser, um luxuoso clube noturno do lado oriental de New York, assim chamado em homenagem á famosa praia do Rio. O clube também tem palmeiras.

Parece que tudo o que há de dia num clube da noite é trabalho. E os trabalhadores mais ativos no "Copacabana" quando andamos por lá eram as Sereias do Samba, um sexteto de bonitas pequenas que todas as noites arrancam coros de "ohs" e de "ahs" da sociedade "blasée" dos casinos.

BELEZA DE BOSTON — Se o leitor virar esta fotografia a jeito, pôde ter uma idéia regular da figura de Virginia Wilson. Integrante das "Sereias do Samba", ela está aqui fazendo exercício, no clube deserto, para o "show" da noite.





FENOMENO — Meu caro, quando você vir uma pequena fazendo "tricot" num clube noturno fique certo de que não tem mais nada para vêr no mundo. A explicação é que isto acontece de dia e a "tricotouse" é uma das "Sereias do Samba". Ela faz isto, para descanso entre um numero e outro do ensaio do Copacabana.



ÚLTIMO ARRANJO — Puxa, como o tempo voa! Já é noite, e as pequenas estão se preparando para o espetáculo. Virginia Wilson está na hora de aparecer, enquanto a colega lhe dá uma ultima demão aos cabelos em trunfa. Bem bonita, não é?



PEGANDO NO PESADO — Esta pequena tem qualquer coisa de "boy scout". Parece ter a mania de dar um adjutorio a todo o mundo. Aqui está ela ás voltas com um sapato refratário que desafiou todos os esforços da companheira. A nossos olhos inexperientes, parece ser esta uma maneira bem esquisita de enfiar um sapato.

Vocês pensam naturalmente que as garotas bem gostariam de aproveitar bem o dia, depois de tantas piruêtas. A maioria das coristas, como, sabem, fica na cama até tarde, descansando para o trabalho da outra noite. Mas as "Sereias" aparentemente não precisam dormir, comer ou fazer qualquer outra coisa. Quando as vimos ensaiando elas haviam chegado justamente de Long Island, onde tinham ido fazer uma cena movimentada num filme.

Depois, ha naturalmente os limpadores, os enceradores, os envernizadores, etc., todos muito ocupados para deixarem o "Copacabana" em fôrma para a função da noite. Mas observamos que ninguem trabalha mais afanosamente do que as "Sereias". O encerador de vez em quando parava o serviço para dar uma espiadela a uma das pequenas fazendo um exercicio ou solfejando uma nota. Tivemos uma ideia, enquanto estavam observando isso. Porque não cobrar uma entrada, para se vêr como é a vida de dia num clube noturno? E' muito mais interessante vêr as pequenas ao natural do que o bando de garotas cheias de "glamour" do espetáculo. As fotografias mostram uma vista geral do "Copacabana" durante o dia. E aqui estão as "Sereias do Samba", em plena fôrma, sem que o leitor precise pagar coisa alguma pela sessão.

EM CENA — Pretendiamos mostrar aqui apenas o que se passa de dia num clube noturno, mas é bom mostrar também uma cena do espetáculo completo. As pequenas que o leitor viu estavam ensaiando, fazendo "tricot", comendo, etc. Agora são deliciosas criaturas dum outro mundo.

"LUNCHES" — A maioria das pequenas combina o café com o almoço. Quando as garotas do Copacabana comem no clube, durante o dia, a comida vem do restaurante da esquina. Não quer dizer que seja esta a cozinha da casa. E' simplesmente porque a esta hora do dia não ha comida absolutamente no casino. Todas têm um apetite excelente, mas se contentam com leite e maçãs, vejam bem.





CANTINHO PARA SONHAR... E ADORMECER



NÃO é fácil fugir ao pesadelo das ideias feitas, que uma gostosa preguiça anima e generalisa. E' assim que tanta gente se habituou a repetir, por conveniência ou pela força do hábito, uma porção de frases pomposas que nem sempre são verdadeiras, sobre tudo quanto, nesta hora atribulada, deveria concorrer para amenizar a vida.

Fala-se de conforto e logo, infalivelmente, se associa a esta ideia natural e simples uma batelada de grandes e pesados moveis que — quasi sempre — só servem para encher a casa e complicar a existencia.

No caso que hoje exemplificamos, houve da parte do Decorador o desassombro de idealizar e realizar com originalidade, sem se preocupar com "standards". Assim, ele poudé apresentar-nos, reduzido ao minimo de peças e...de preço, o ambiente ideal — macio, calmo e aprazível — para retemperar alguém das rudes lutas diarias.

O longo espelho oscilante e as pequenas prateleiras ao lado da cama exemplificam bem o criterio que guiou o Decorador na execução deste aposento que convida ao devaneio.

E para quê dizer-lhe, leitora amavel, qual é o tecido da colcha, o nome da passadeira com que foi atapetado todo o chão, o processo do acolchoado da cama, a côr do "voile" suíço das cortinas ou das listas da cadeira estofada — si temos a certeza de que, se chamar também um bom decorador, ele saberá, melhor do que nós, crear para o encanto dos seus olhos, um "arranjo" ainda melhor?

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 27: Senhoras: d. Emilia de Almeida Soares, esposa do ministro Camilo Soares, ex-presidente do Tribunal de Contas. D. Joaquina Peixoto São Paulo, esposa do dr. Erico de Lamare São Paulo. D. Umbelina Pereira Guerreiro, esposa do sr. José Ferreira Guerreiro.

Senhores: Raul Antonio da Rocha. Dr. Alfredo Tranjan. Professor Ariosto Berna.

Dia 28: Senhorita Neuza Rego Pinto. Menina Alzira, filha do casal Joaquim Zilda de Oliveira.

Senhores: dr. Vilobaldo Campos. Dr. Péricles Machado de Castro. Sr. Alvaro Aguiar. Engenheiro Sebastião Guaraci Amarante. Ministro Armando de Alencar. Dr.

Aprigio Rego Lopes. Jornalista José da Rocha Vaz.

Dia 29: Senhorita Walderith Cravinote Barroso.

Senhoras: Georgino Avelino. D. Julia Rabelo dos Passos, esposa do sr. João Maria dos Passos.

Senhores: Major Napoleão de Alencastro Guimarães. Armando Rodrigues. General Pinto Amando.

Dia 30: Senhoritas Beatriz de Brito Leitão, filha do tenente Antonio Marques Leitão, e Laurinda Coelho Lucas.

Senhora Eloisa Teixeira Duarte, esposa do sr. José Gomes Duarte.

Senhores: dr. Roberto Gonçalves Lima. José Morais de Carvalho.

Dia 31: Senhoras: d. Balbina Travassos de Faria, esposa do tabelião dr. Oldemar de Faria. D. Clélia Buarque, esposa do sr. Luiz Buarque. D. Hilda Campos, esposa do dr. Newton Campos.

Senhores: Coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen, chefe de Polícia desta capital. General Artur Silo Portela. Dr. Ernesto José Quadros. Dr. Haroldo Branco Aires, professor. Antônio Alvares Barata. João Luiz Pereira. Manuel Ribeiro Guimarães. Major Teófilo Amadeu Diniz. Desembargador Saboia Lima. Menino Roberto Henriques Delforges, filho do casal Roberto Delforges.

Dia 1: Senhorita Noemia Pava. Senhoras: d. Maria Vitória da Corte Corrêa. D. Lucila do Nascimento, esposa do dr. João Vieira do Nascimento.

Senhores: Roberto Gonçalves Luna. General João Tolomei Bordini. Vice-almirante Gustavo J. M. Coelho. Petronillo Santa Cruz Oliveira. Sebastião Melo e Lima, funcionário do Ministério da Viação. Ministro Joaquim Eulálio do Nascimento. G. B. Neel, diretor gerente da Leopoldina.

Dia 2: Senhoritas: Joia Machado Drummond, Lidia Tomassi. Senhoras: d. Ana Domingues Hungria, viúva do sr. Alberto Hungria e mãe do juiz Nelson Hungria. Senhores: D. Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá e membro da Academia Brasileira. Jornalista Francisco de Paula Job. Menino Mário do Amaral Junior, filho do sr. Mario do Amaral.

DE SÃO PAULO



Efetou-se, recentemente, na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, o enlace matrimonial da srta. Martinez Dias, filha do sr. Pedro Vicente Dias e d. Augusta Dias, com o sr. Pacifico Rubyam da Trindade, filho do dr. Obededom da Trindade e d. Ambrosina Gabínio Trindade. Foram padrinhos da noiva o dr. Acrisio Pais Cruz e srta. Lina Cariosi e do noivo o dr. Alberto Dias e a srta. Sila Itkes. Relacionados na alta esfera social paulistana, o acontecimento teve, por isso mesmo, uma larga

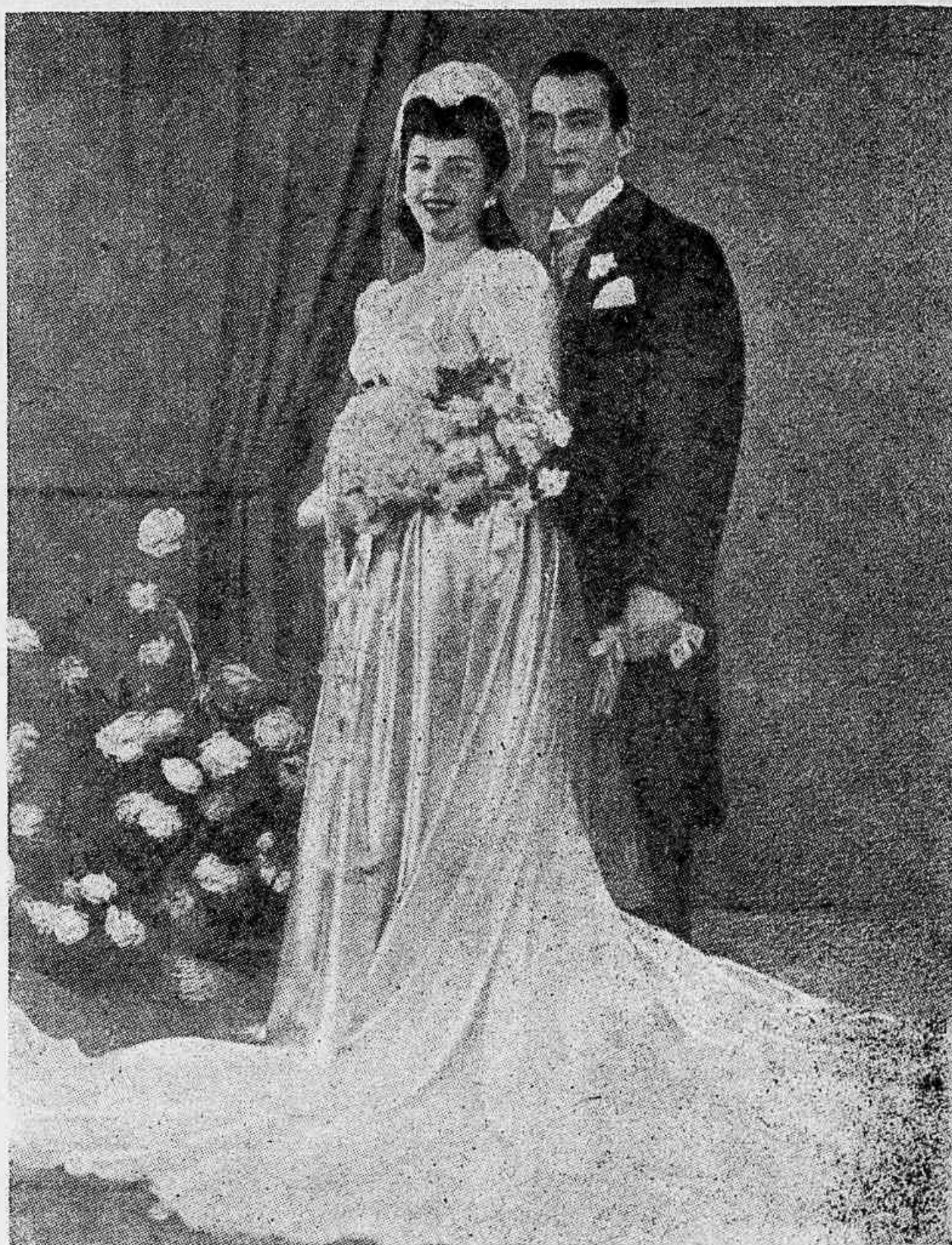
INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Iguatemi, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —



Aspecto feito no "Diana", durante o almoço que a Associação Paulista de Propaganda ofereceu à REVISTA DA SEMANA, na pessoa do seu representante na Paulicéia. Entre as figuras expressivas que a ele compareceram, notamos os srs. João Alfredo de Sousa e Ramos, pres. da A. P. P., Augusto Macêdo, Jobel Lopes, F. T. Orlandi, Antonio Noronha, J. Walter Thompson, Soares Bairão, Luiz Pastorino, Osvaldo Cainbi, Saiani Neto, dr. Auricélio Penteado, sr. Henrique Bequerini.



repercussão. Nas fotos, vemos os noivos e um aspecto do lunch oferecido aos convidados.

EMBAIXADOR GONZALES VIDELA — A fotografia ao lado revela o momento da chegada, a São Paulo, deste Diplomata, chefiando a embaixada extraordinária do Chile que esteve em visita oficial àquele Estado. Integrada pelo senador Maza e pelos deputados Farner e Barrenechea, realizou diversas visitas a institutos culturais da Capital Paulista, onde recebeu expressivas manifestações. Entre essas, distingue-se, em primeiro plano, a homenagem da Faculdade de Direito, ocasião em que falaram o prof. Cardoso de Melo Neto, prof. Ataliba Nogueira, acadêmico Fernando de Melo Bueno e o deputado socialista Julio Barrenechea. Os ilustres embaixadores foram também homenageados com um almoço nos Campos Eliseos.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succedora de MAPPIN STORES e RAMOS DE ALVAREZ & RAMOS

MODELOS AMERICANOS

Como tantos outros que nos vêm da América são de uma grande simplicidade elegante.

1 — Graciosíssimo modelo em que a saia com pregas em forma se completa pelo casaco bem talhado com bolsos. Chapéu em palha de grande formato, original.

2 — Leve vestido em linho listrado. Gênero avental. O grande laço do mesmo tecido dá-lhe muita graça, tornando-o muito juvenil.

3 — Costume em "tricoline" quadriculada em tons de "marron". Grandes bolsos. Saia com pregas em forma.





4) Alegre costume em seda quadriculada. Sáia em préguas, em forma. Casaco com gola de côr lisa ou em "piqué" de seda branca.

5) Um costume em linho branco. Casaco com bolsos. Botões fantasia de côres vivas. Enfeita-se com o grande laço "écharpe" do chapéu.

Fragrante e Aderente!



PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES de

Helena Rubinstein

CONSERVE a beleza natural de sua pele com o uso do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES.

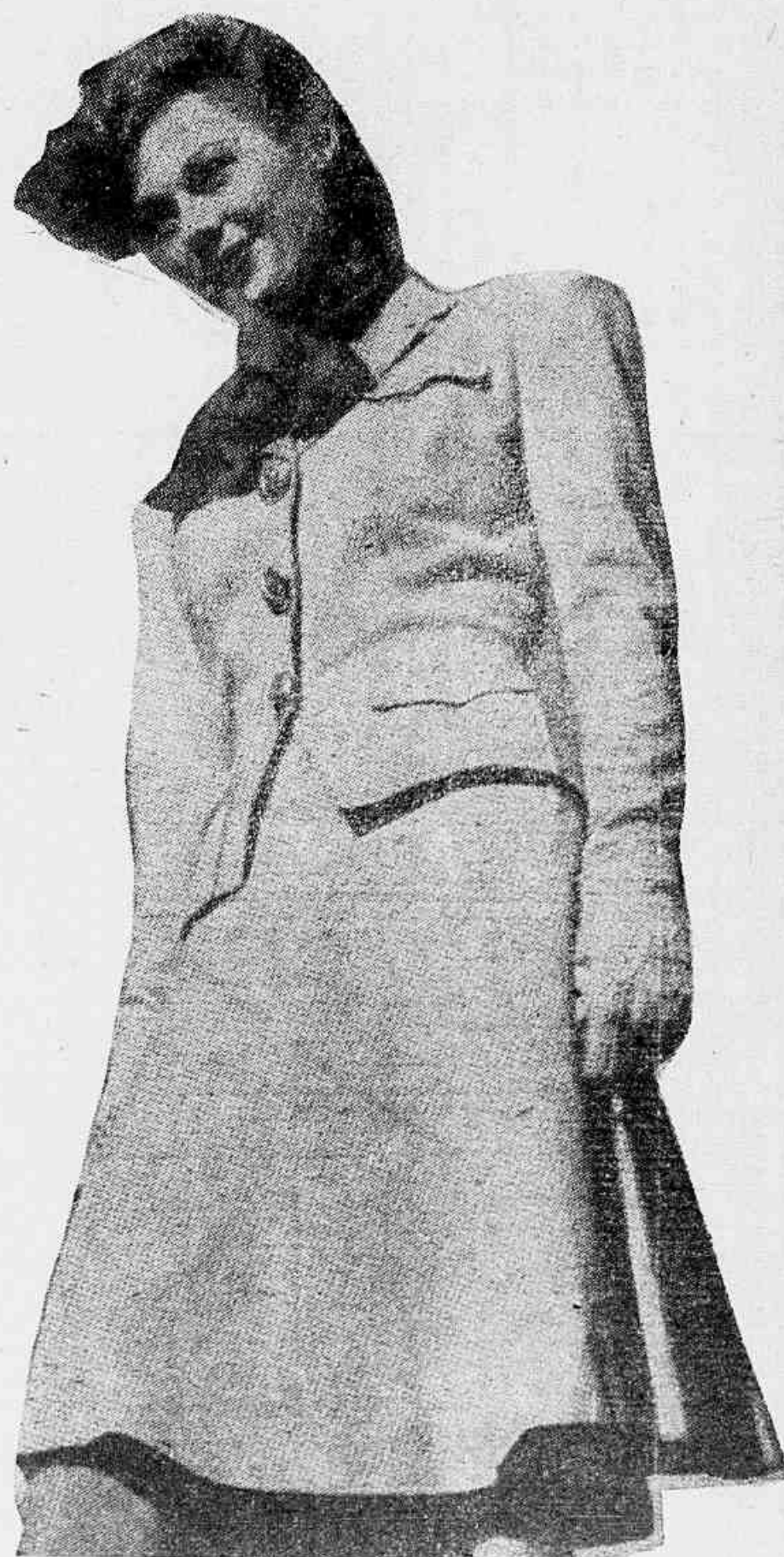
Os grãos do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES que beneficiam e tornam a pele ainda mais atraente, são impregnados de bálsamos e refrescantes e constituem na realidade, um verdadeiro tratamento de beleza.

Peça que lhe mostrem os tons criados especialmente para seu tipo de pele.

Perfumarias

CARNEIRO

Rua 7 de Setembro, 92 — Praça Floriano, 31
Rua do Ouvidor, 116 e Ouvidor, 138



**NÃO SOFRA
POR GÔSTO...**



A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicado nas dismenorréas

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



O valor alimentício da BATATA

A batata (*solanum tuberosum*) conhecida vulgarmente como "batatinha" ou "batata inglesa" é, ao contrário do que se pensa, originária da América do Sul. Adveiu-lhe o apelativo de inglesa — ao regressar da Inglaterra melhorada e com uma infinidade de aplicações, até então desconhecidas.

A batata foi levada para a Europa no século XVII por um viajante inglês sir Walter Raleigh que a introduziu em sua propriedade na Irlanda.

Despertou mais tarde a atenção dos botânicos e particularmente de Parmentier na França, que a aperfeiçoou e divulgou o uso. Os governos alertados por suas propriedades extraordinárias para alimentação do povo, procuraram amparar seu cultivo. Foi assim que se propagou, assumindo um papel preponderante na economia doméstica.

Na Inglaterra, certa vez, uma crise da produção ocasionou forte abalo político no Parlamento no tempo de Disraeli.

Noutros países da Europa, serviu providencialmente para o aproveitamento de extensas regiões de terras arenosas, citando-se o caso da Prússia.

São inúmeras as variedades de batatas; graças ao aperfeiçoamento de cultivo dessa solanácea, sua produção tornou-se muito elevada, sobrepunhando a de outras plantas do mesmo gênero.

O Brasil possui grande riqueza de plantas alimentares, mas poucas superarão a batata em suas numerosas aplicações.

Para a "campanha da produção" em que estamos empenhados é sem dúvida alguma — por suas propriedades alimentares e rendimento cultural — a mais alta valia.

RECEITAS DE PRATOS SALGADOS

SOPA DE BATATAS: Em litro e meio água junta-se uma libra de batatas e 200 grs. de alho porro. Depois de cozidas junta-se um pouco de sal, outros legumes. Passa-se em espremedor, dá-se a consistência de creme espesso, incorporando depois certa quantidade (100 grs.) de creme. Deita-se bem quente em sopeira, acompanhando-se a sopa com finas torradas feitas em manteiga.

"SOUFFLE": Toma-se 700 grs. de batatas, que depois de cozidas são passadas em espremedor. Junta-se 1 ovo, 3 colheres de farinha de trigo, 1 colher de manteiga. Mistura-se bem, deita-se num prato que vá ao forno para corar durante um quar-

to de hora. Antes de levar ao forno, pôde-se juntar um recheio de camarões, de galinha ou carne. O "soufflé" pôde ser coberto de clara batida em neve em pequenas porções, ou de manteiga.

"NHOQUES" Á ITALIANA: Cozinhase meio quilo de batatas; depois de passadas em espremedor, junta-se pequena quantidade de queijo ralado, uma ou duas gêmas, um pouco de farinha de trigo, regulando para dar consistência à massa que leva ainda uma a duas canequinhas de leite. Quando a massa ficar soltando das mãos faz-se bolinhas do tamanho de uma noz que se jogam em água fervente, no fogo, durante uns 10 minutos para cozinhar. Retira-se depois com uma espumadeira, arruma-se em prato que vá à mesa e serve-se com queijo ralado e completa molho de tomates.

"TARTELETES" DE BATATAS: Com meio quilo de batatas cozidas faz-se leve massa com farinha de trigo, um pouco de sal, uma gema, um pouco de queijo ralado, dando à massa, quando tiver consistência para ser estendida, a forma precisa para forrar forminhas de empadas. Enche-se com um recheio delicado e leva-se ao forno regular. Estas "tartelettes" não são cobertas, mas enfeitadas com pedacinhos de azeitonas.

PASTELÃO DE BATATAS: Faz-se boa massa de batatas como acima indiquei para o "nhoque" e depois forra-se uma fôrma de tortas, enche-se com galinha em pedacinhos com azeitonas, etc. etc.; cobre-se com a mesma massa, doura-se com gêmas e leva-se ao forno, servindo na própria fôrma.

Entre as diferentes maneiras de preparar a batata figuram as saladas, as batatas com molhos variados, as batatas ao natural, cozidas com a própria casca, que os franceses chamam "pommes de terre en robe des champs", etc.

RECEITAS DOCES

BOLO BRETÃO — Oito grandes batatas, 100 grs. de manteiga ou de gordura, 1 copo de leite, 100 grs. de açúcar, um pouco de casca ralada de limão, 3 ovos. Modo de fazer: Depois de cozidas as batatas, junta-se a manteiga derretida, o leite, o açúcar, o limão, as gêmas, as claras batidas em neve. Numa fôrma untada de manteiga, polvilha-se de pó de pão e deita-se a mistura. Forno regular. Cobre-se depois o bolo com caramelo.

BOLO HOLANDÊS — 350 grs. de batatas, 125 grs. de açúcar, 75 grs. de manteiga, 2 ovos, um pouco de baunilha. O modo de fazer é igual ao de cima.

BOLOS FOFOS — Com a massa de uré co, mum, junta-se um pouco de massa sonhos depois tira-se às colheres e frita-se em gordura bem quente. Polvilha-se com açúcar e canela.

SALGADINHOS — Em 250 grs. de batata cozida, junta-se peso igual de farinha de trigo, 1 ovo e amassa-se formando uns bastãozinhos que vão ao forno e antes são alisados com gema, levando por cima um pouco de sal. Voltam ao forno para tostar.

REFRESCOS

SUCO DE LIMÃO — 2/3 de suco de limão, 1/3 de suco de laranja, 1 colher de açúcar, água a gosto. E' indicado contra reumatismo, resfriados, inflamação de garganta. Faz emagrecer.

SUCO DE ABACAXI — 3/4 de suco de abacaxi, 1/4 de suco de laranja. Água à vontade. Bebida indicada para temperamentos linfáticos, bom para o regimen com base de sucos vegetais.

Miss CAKE.



ALGUMAS NOÇÕES PARA USO DE LEGUMES

Ao cozinhar legumes que não têm acidez natural é indicado juntar um pouco de limão ou vinagre, afim de conservar a integridade das vitaminas. Quanto ao hábito de juntar bicarbonato de sódio a certos legumes, com isso introduzindo o alcalino, é um grave erro.

Nas saladas o suco de limão substitue com muita vantagem o vinagre. O vinagre é um simples ácido acético, enquanto que o limão é uma solução de rico valor nutritivo: possui vitaminas, sais organo-minerais, contém qualidades refrescantes, anti-fermentáveis.

Ao cozinhar tubérculos e legumes para saladas ou jardineira, não se deve

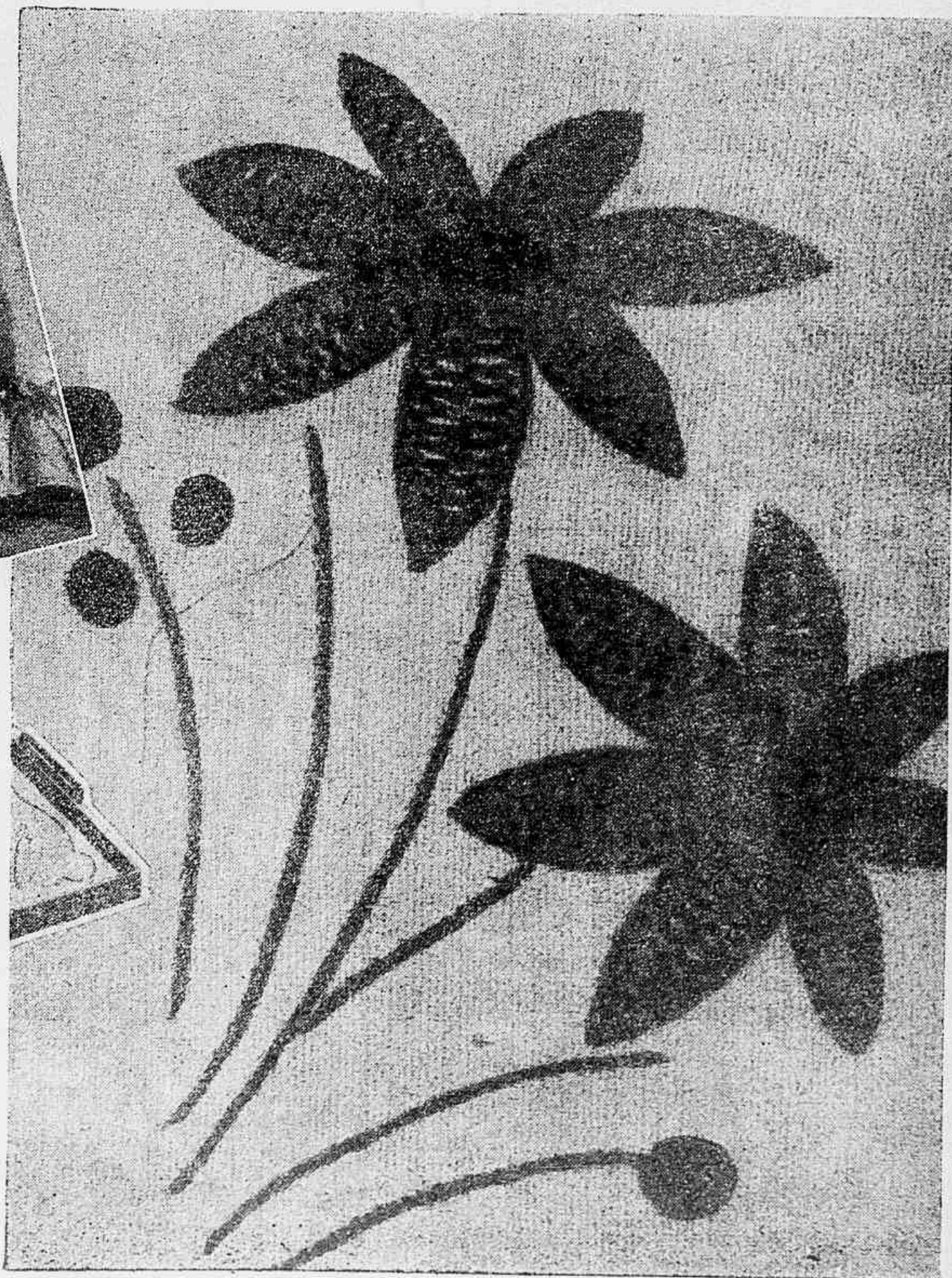
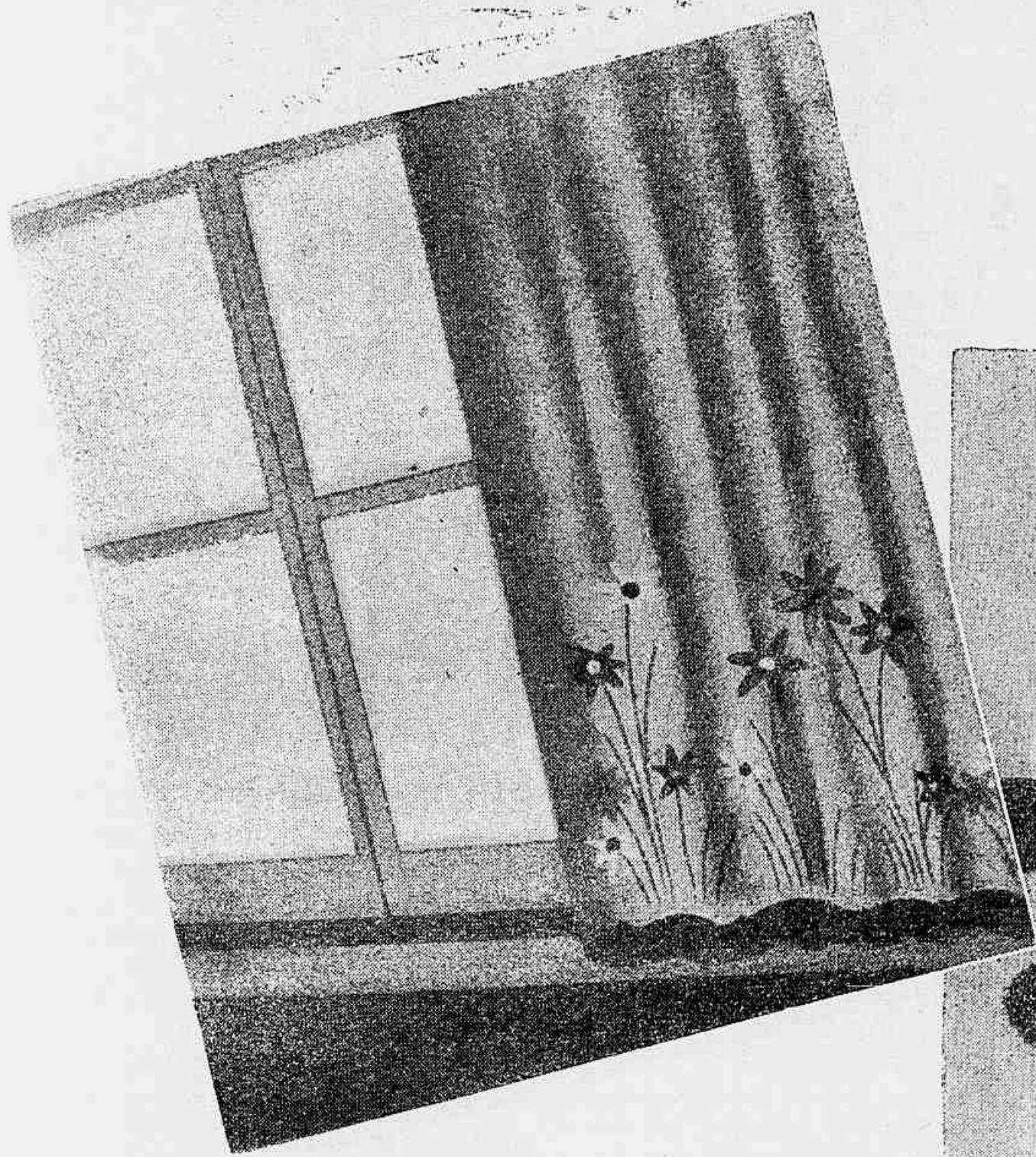
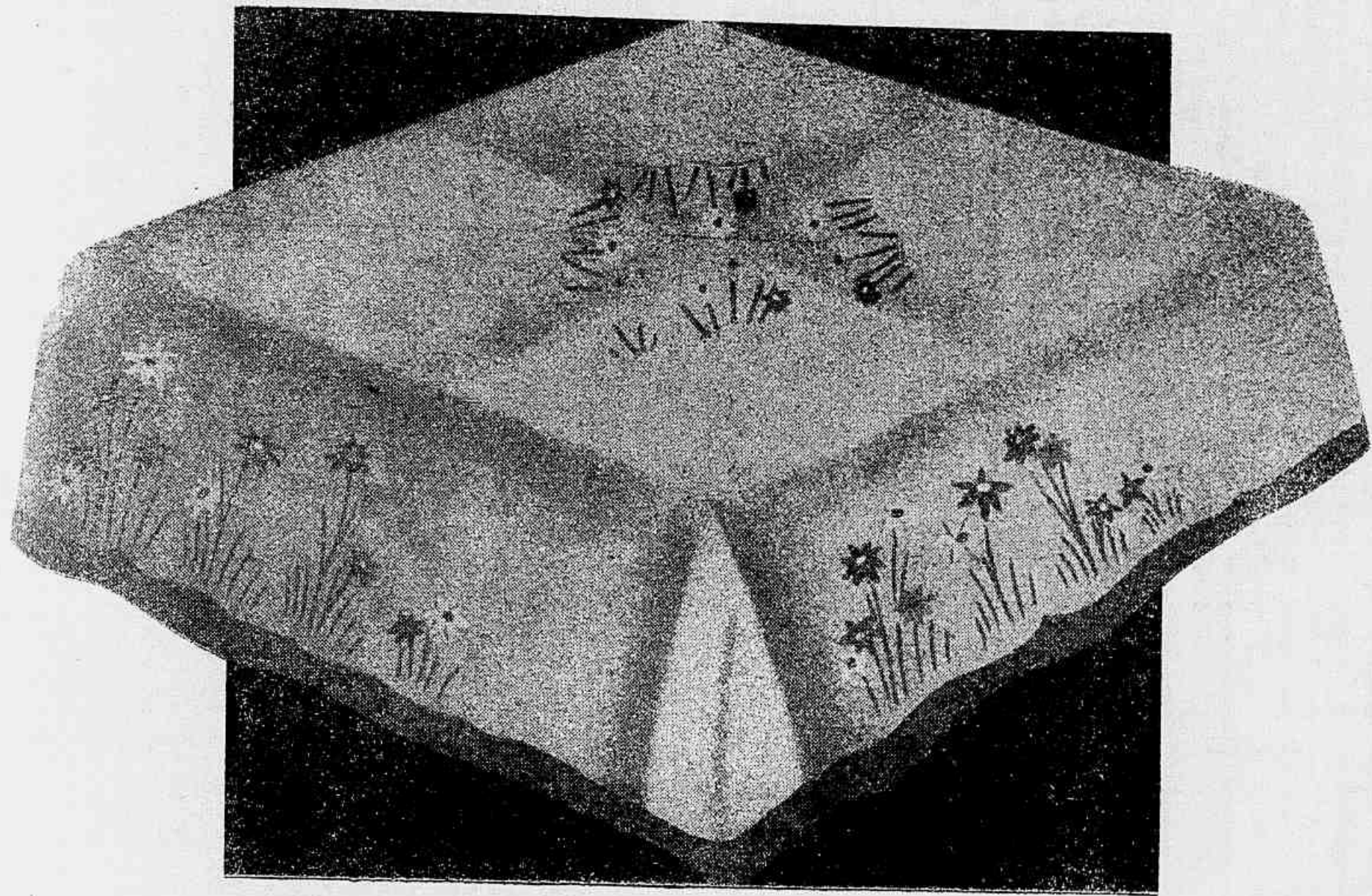
desprezar o caldo do cozimento. E' rico em sais minerais. Por que não aproveitar esse caldo para uma sopa, para um escaldado?

A batata inglesa (assim chamada embora originária da América) deve ser de preferência cozida com a casca, facilmente removível. Na entrecasca da batata como na de muitos frutos — maçãs, uvas, pêras, etc. — é que se encontra a maior porção de sais minerais.

Ora, a batata cozida, assim apresentada com a casca, é a que os franceses chamam tão acertadamente: "pomme de terre en robe des champs" (sim, des "champs" e não de "chambre", como dizem erradamente muitos). A boa batata assim preparada, quase ao natural, é simplesmente deliciosa.

As observações supra se aplicam a muitos outros legumes que não podem ser consumidos crus, fôrma ideal, desde que se observem certos cuidados de produção — verificando, se possível, a procedência (agrião, por exemplo)... lavando-os com água fervente, no momento do preparo, pondo-os em água com vinagre, lavando-os com um pouco de água oxigenada misturada na última água.

BORDADO DE CÔR



Os trabalhos que aqui aparecem são feitos em linho bege.

Compõem-se de toalha, centro de mesa, cortina, fundo de bandeja.

Os motivos são constituídos por grupos de margaridas de diferentes tons: de ouro, de rosa, de roxo — com hastes verdes sombreadas.

O bordado pôde ser feito a lan, o que lhe dá muito realce e o torna de execução muito fácil.

A cortina tem como remate uma franja de tom condizente.

O trabalho de agulha, além de concorrer muito para o embelezamento do lar, conserve-o para encher agradavelmente horas vagas em dias de chuva.



O mais fino que existe para seus lábios

PASSE os seus dias — e suas noites — na agradável certeza de saber-se dona de uns lábios que o baton Michel tornou sedutores. Colorido cálido e atraente. E não precisa preocupar-se, porque Michel permanece indelével durante horas e horas.

Em 10 sedutoras tonalidades

BATON

Michel

Michel Cosmetics, Inc., New York

436

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

«Tailleurs»

Aqui têm as leitoras "tailleurs" para o verão com todas as mudanças de temperatura, como é tão comum no nosso clima. Oferecendo-lhes modelos para tecidos claros e escuros, leves e pesados — todos igualmente elegantes, terão verdadeiramente — "Pembarras duchoix".



1 — "Tailleur" de "tussor" branco com vivos de côr. Blusa fantasia.

2 — "Tailleur" de lan "bois de rose". A jaqueta leva bordados "matelas-sés". Sáia de quatro panos.

3 — "Tailleur" de raro talhe, em *godets*. Feito em lanzinha leve azul marinho. Com uma blusa de seda branca, fina, será muito prático.

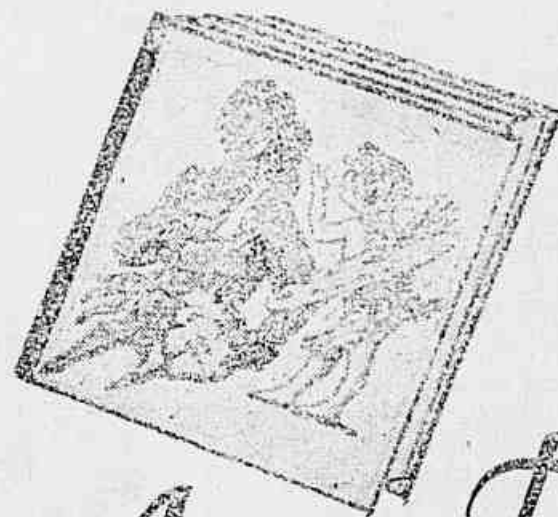
4 — "Tailleur" muito simples e gracioso em linho branco. Original pelos bolsos e guarnição.



para o verão



- 5 — "Tailleur" de linho inglês com estampados. A jaqueta longa, muito talhada, fecha-se com uma carreira de botões. Sãia com avental franzido.
- 6 — "Tailleur" constituído por sãia de "faille" negra em fôrma e jaqueta listrada com bolsos originais e botões contrastantes.
- 7 — "Tailleur" feito em "albene". Tem longo casaco e bolsos duplos, o que é uma nota diferente.
- 8 — "Tailleur" em tela muito flexível. Bolsos levemente drapados. Bordado de tom contrastante orna a longa jaqueta ajustada. Sãia ligeiramente em fôrma.



A arte de pintar cabelos

Este livro util para todas as senhoras é oferecido pela

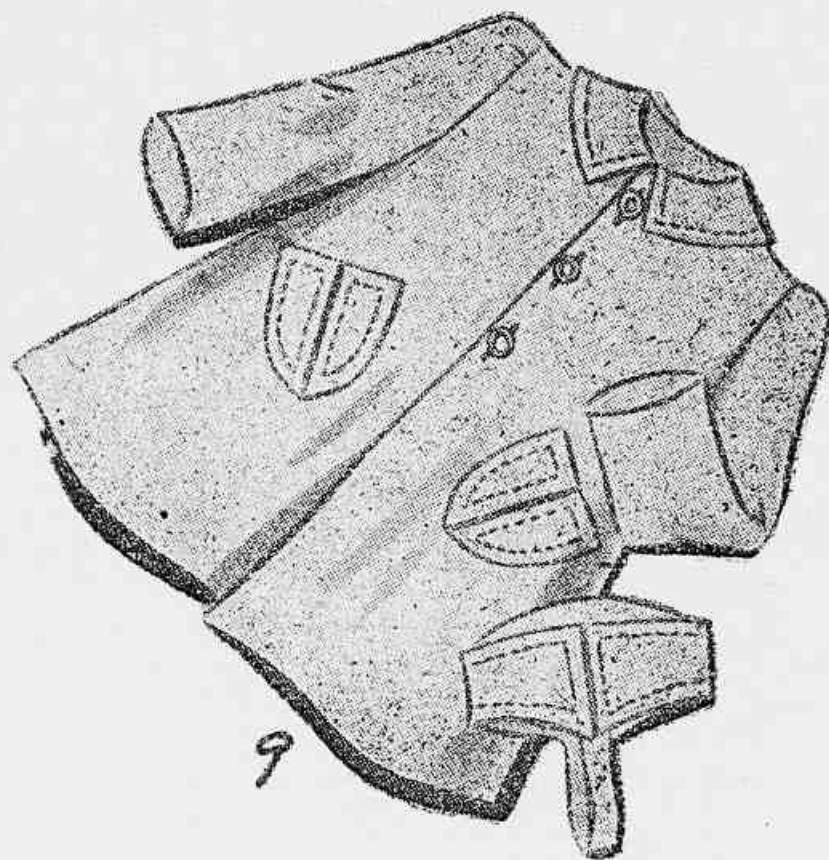
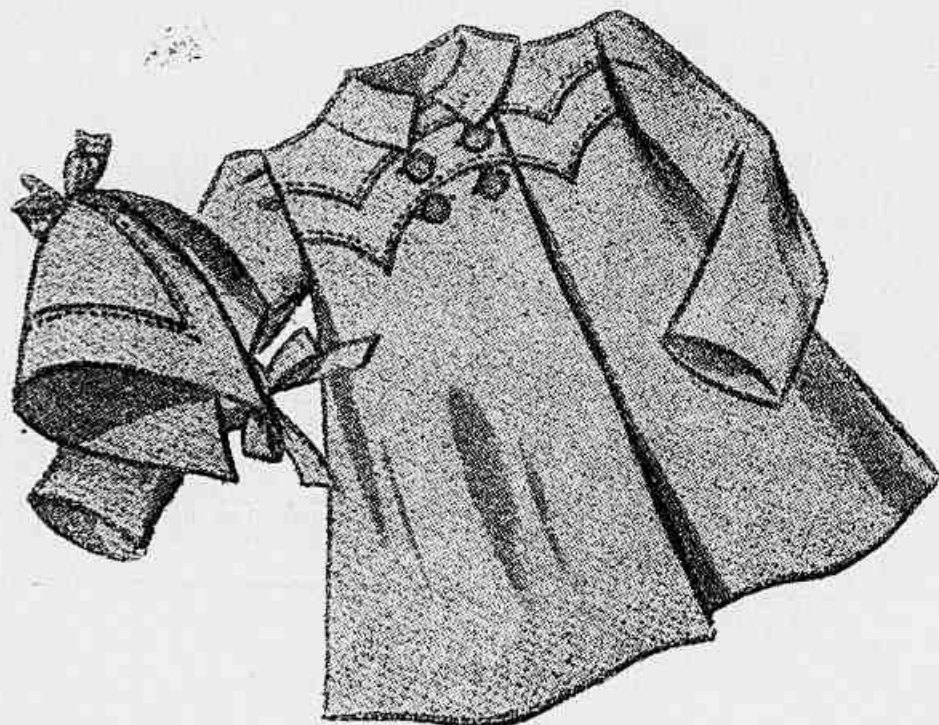
**TINTURA
FLEURY**

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro



PARA CRIANÇAS



- 1 — Vestido em "voile," bordado com entremeios de renda e fofinhos.
- 2 — Ensemble em flanela cor de rosa claro. Ponto em cruz azul.
- 3 — Conjunto de veludo lavável, branco, guarnecido com franzidos e laços de veludo.
- 4 — Vestido de "linon" azul, préguas "lingerie" e renda cruzando.
- 5 — Casaco e chapéu combinados em lanzinha rosa. A pala do casaco forma pontas agudas.
- 6 — Vestido de flanela branca bordado a pontos de espiga.
- 7 — Camisola de "voile triple" cor de rosa com preguinhas e pontos bordados.
- 8 — Ensemble de trobalco amarelo claro bordado a ponto de alinhavo azul.
- 9 — Casaco de zefir azul com préguas e bordados.
- 10 — Vestido de sêda branca com bordados de ponto sombra.

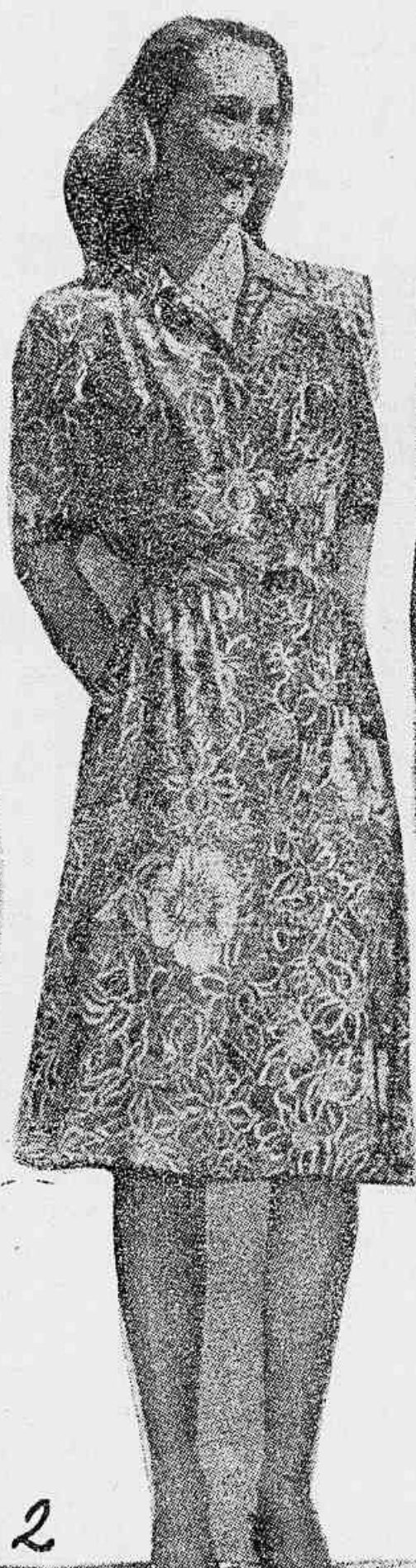


LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

GAROTAS EM FÉRIAS



2



3



4



1 — Para o verão, alegre vestido em "rayon celanese". Enormes flores estampadas em verde. Sáia muito franzida à camponesa.

2 — Chamou-o o costureiro que o imaginou — «flôr da selva» — devido á estamparia. Simples e distinto.

3 — Ligeiro costume de "shantung". Garnece-se com "revers" fantasia.

4 — Vestido em "rayon" azul com bordado de rosas no corpete. Sáia em fôrma.

5 — Em pesado crêpe branco. Nesse modelo se misturam o gênero "chemisier" e o talho dos bolsos que lembra o côrte do costume e mais parecem dobras de sobrecartas.



5

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MUSCULOS

FIGURINOS PARA O VERÃO



Nada mais distinto, elegante e juvenil que o branco para o verão. Ao branco se juntam notas de cor, para realçá-lo. Vemos nos seguintes modelos variadíssimas combinações. Num vestido de linho branco — aplicações roxas em forma de colar. Em seda artificial com botões e cintos contrastantes. Em crepe fosco com viezes ocre; e azul, em linho branco com botões pretos e róseos, tendo o cinto e os bolsos bordados dessas cores.

Há cores que adquirem beleza especial — tais como violeta, "bordeaux", verde, coral — quando unidas ao branco. O bordado concorre atualmente, com a pintura para embelezar vestidos brancos.

As notas de cor são muitas vezes não somente como vemos aqui — mas com acessórios: cinto, carteira, chapéu, calçado.



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

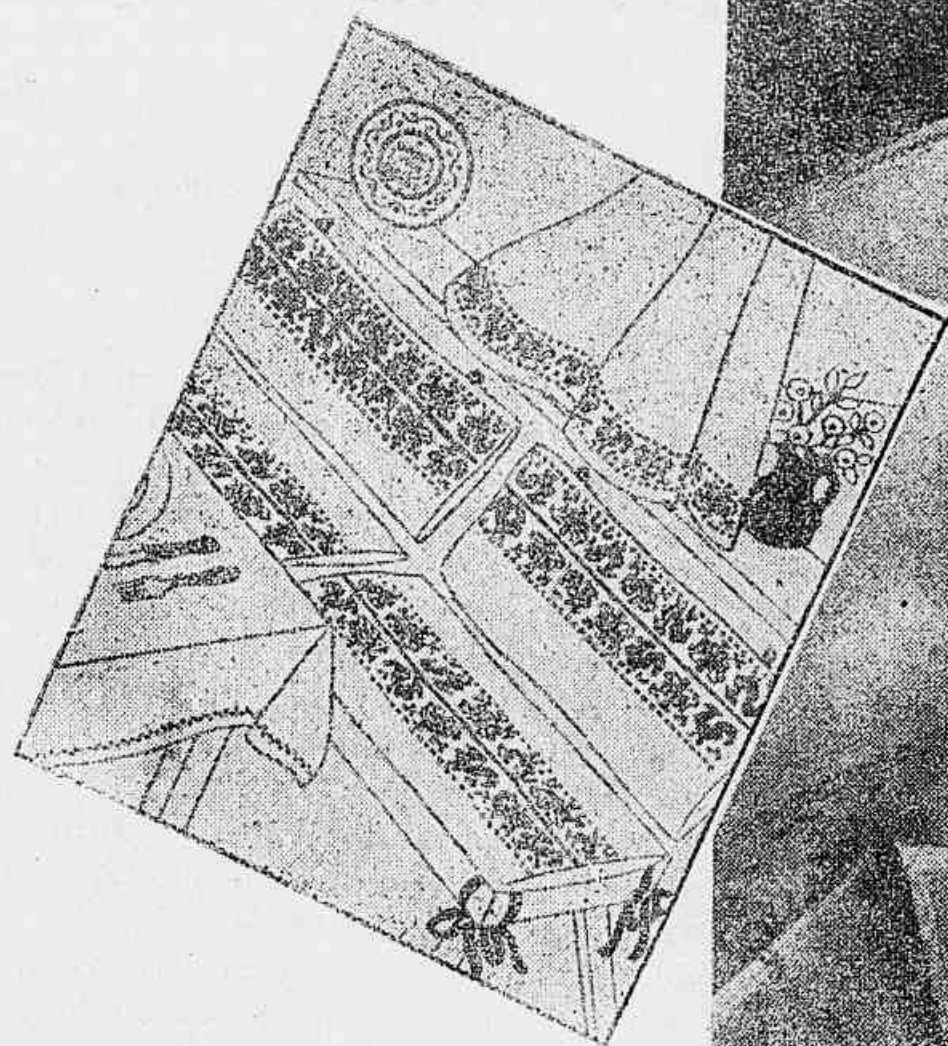
Distribuidores: — ESPANA PARAMÉS & Irmão

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

Leiam

A CENA MUDA

Cinema e
Radio



Lindas sugestões para você

Aqui estão 2 lindas sugestões em bordados, que você mesma poderá executar:

Em linho "granité" tom "sablé", temos aqui completa guarnição constituída de: toalha grande para a mesa principal; para a mesa da salinha de almoço, com seus "buffets"; para o "living-room", para a sala de banho etc. etc.

O desenho não é difícil de obter: tudo depende do gosto e orientação da "ménagère" expedita que se interessa pelo seu lar, dando-lhe o encanto da personalidade.

O ponto em cruz requer combinação de cores para não ficar incaráterístico. Nestes motivos realçarão o preto, vermelho, azul, com as gregas de alguns, em verde de vários tons.

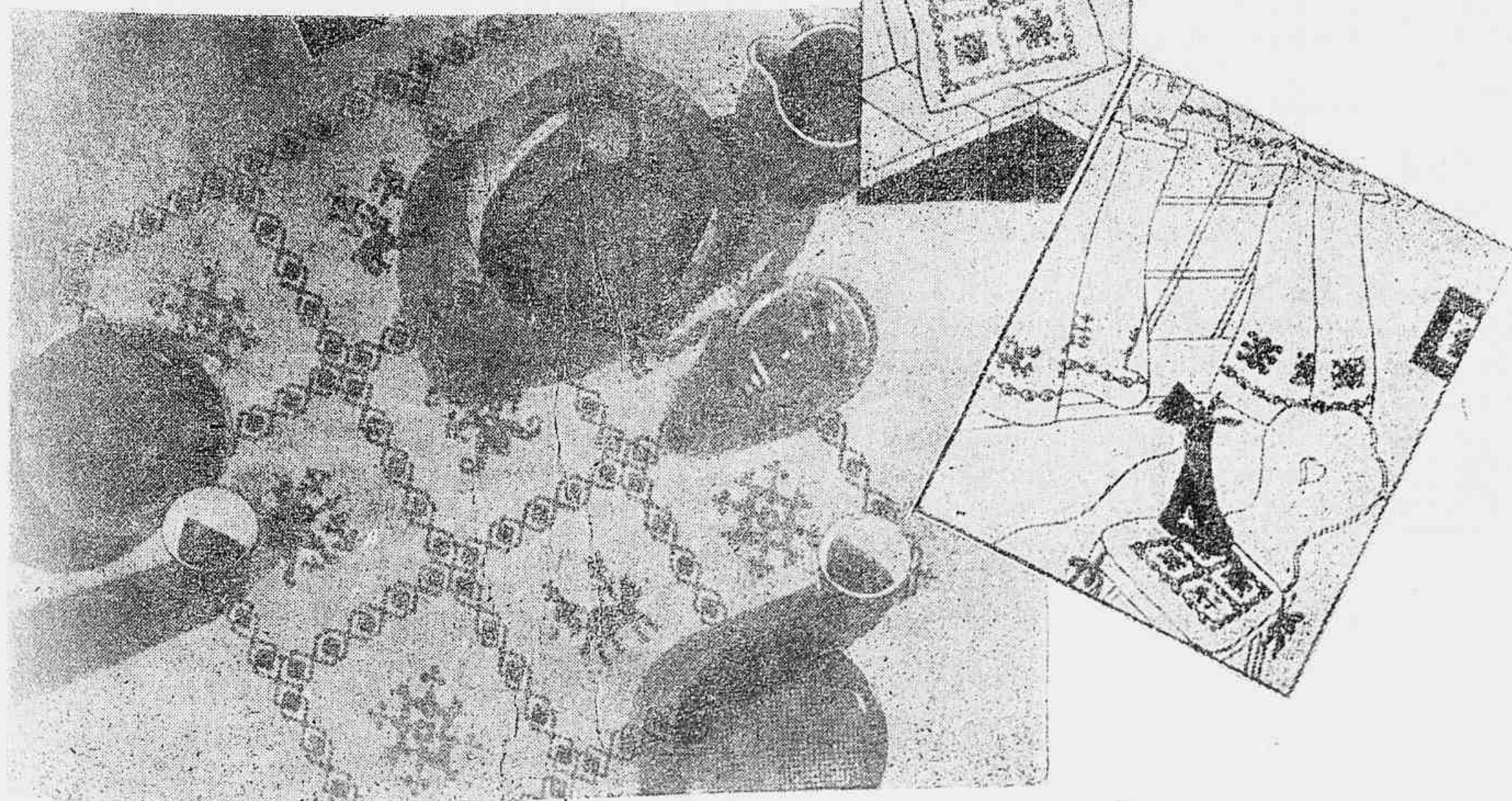
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

O Lar



O nome de Mario Sette tomou conta do publico brasileiro, com o aparecimento de "Senhora de engenho", livro de profundo amor á terra pernambucana, impregnado de uma emoção puríssima do "terroir" — que dez anos antes da eclosão do chamado romance do Norte, com José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo, tratava os temas nativos do rincão nordestino, com um amor ainda não ultrapassado por nenhum desses illustres romancistas.

Outros livros vieram depois, romances e contos, sempre do mesmo alto mérito humano e localista, como "A filha de D. Sinhá", "A sombra das barbas", "O palanquim dourado", "João Inácio", "Seu Candinho da Farmácia", "Os Azevedos do Poço". Ultimamente, Mario Sette se voltou para um gênero que não é bem totalmente diverso, porque sempre, nos seus livros anteriores soube, com o mesmo engenho, misturar as coisas do passado com a emoção do presente. "Maxambombas e Maracatus" e "Anquinhãs e Bernardas" surgiram, sim, como modalidade nova da sua arte de evocador do Recife que ele ama com tão entranhado amor e não esquece nunca. São pequenos flagrantos de coisas e de gentes, tratados sem-

pre com uma graça e uma vivacidade que bem explicam o favor do publico por esse gênero. Continuando as suas pesquisas pelo recente passado de sua terra, que não troca por nenhuma outra, vem ha dois anos Mario Sette estudando



MARIO SETTE.

a historia do porto do Recife, trabalho em que põe o máximo do seu carinho e o mais acentuado vigor de seu espirito, de modo que tudo faz prever para essa obra um digno coroamento de sua atividade de escritor até o presente momento.

O FOGUETEIRO

(Conclusão da pag. 18)

— Mode ir á novena, mais Matilde.

— Eu?!

— E entonce! Com estas pernas, não desço nem a ladeira, que dirá chegar na "rua"...Vá você, que não nasceu p'ra bicho...

A mulher, meio entontecida de alegria, sem medir deveres, trocou a roupa, botou umas fitas, calçou os sapatos da outra Festa, e lá se foi com a vizinha, falando, falando...

Perto do deposito de polvora, Galdino enchia uns foguetões...Com a partida da mulher, suspendera o trabalho e ficara com o olhar vago, queixoso, estranho, fito na porta. Ela fora mesmo! Dissera aquilo mais para experimentá-la...Talvez não tivesse coragem de deixá-lo, sozinho, doente...Ela fora mesmo! Mais uma hora estaria na "rua", no meio do povo, ouvindo a musica, vendo as barraquinhas, divertindo-se, divertindo-se, sem se lembrar do marido. Talvez, até...

Galdino, mecanicamente, pusera o cachimbo na boca. Pegou nos fofos...Uma chama brilhou. Puxou umas fumaças. E, depois, sempre com o olhar vago, o pensamento longe, arriou o braço, arriou a mão que segurava o cachimbo, bem por cima do deposito da polvora. Os dedos abriram-se, o cachimbo caiu...

Na novena ouviram um estrondo longinquo e viram uma grande mancha cor de sangue no céu.

A ESPOSA DE ANDRIANATORO

(Conclusão da página 7)

No primeiro dia do vermelho Alatsinany, à hora do sol posto, a que mais convém aos mortos, desceu Mangamaso à sepultura.

Andrianatoro vagueia à noite ao redor do túmulo da sua primeira esposa, sem receio da má sorte que por esse motivo o pode envolver... Um amor eterno vive nele. Sentado na sua varanda, tem diante dos olhos a imagem de Mangamaso. E, quando atravessa em piroga o rio, as lagoas cobertas de flores de lotus, onde emergem os focinhos pontudos dos crocodilos, outra coisa não vê se não ela, ela sempre, Mangamaso...

Oh, filha extranha dum vahaz! Adorável criança de olhos azues, qual o mistério do teu feitiço?

(1) — de raça nobre.

(2) — estrangeiro.

Onde estão os gigantes?

(Conclusão da pag. 8)

que o romance inglês, nos ultimos vinte anos, têm andado a seguir falsos deuses.

De 1920 a 1930, o romancista novo ouvia dizer que o que importava era uma certa especie de técnica. Dai sermos atormentados e confundidos por tantas tentativas ruins de romances caudais-de-conhecimentos, de que foram pai e mãe James Joyce e Dorothy Richardson. Mas, durante os ultimos cinco anos, tudo isso mudou e o que o jovem romancista ouviu dizer foi: "Escreva como quiser, mas trate da realidade, isto é, de ideias que neste momento são reais. No momento atual, isto quer dizer propaganda. Portanto, escreva contos sobre o proletariado, cheios de detalhes sombrios ou longos e informes romances, simpáticos ao comunismo e por circunstancia tragicos. Esta é que é a Arte".

Doutro lado, o romance "popular", tanto na Inglaterra, como na América move-se exatamente no sentido oposto, sendo o estilo o de séries históricas muito longas e muito românticas.

Agora, meu ponto-de vista, como Tradicionalista, é que nada disto tem importancia, desde que o resultado seja a criação de carater. Esta é e sempre foi a função do romancista e é por isso que ao lêr outro dia em Arthur Bryant, a afirmação de que o romance "aperfeiçoado por Meredith" estava quasi morto, sorri para mim mesmo, pois o mesmo que nos pôde dar criaturas humanas novas e interessantes, amigos e companheiros para toda a vida, nunca morrerá.

Quando o romance da Inglaterra voltar á sua função de criar carater como principal escopo em vez de ser sutil sem razão particular, ou protagonista por muitas razões, teremos de novo nossos jovens genios.

Em poesia os dois jovens poetas que mais me interessam são Ruth Pittter e Christopher Hassel. Os poetas que se seguem, a longo intervalo, a T. S. Eliot e Auden parecem dominados por duas coisas — sua ininteligibilidade e sua falta de individualidade. Tome-se um volume de poesia surrealista e é impossivel distinguir um escritor de outro. A grande poesia sempre foi facilmente compreendida a despeito de Mrs. Ezra Pound, Mr. Cummings e o resto.

O leitor pôde dizer, portanto, se alguém lhe perguntar "Onde estão os gigantes literarios de 1938?" — que ha hoje vivos na Grã Bretanha algumas duzias de homens e mulheres que devem, se estudarmos com justeza os sobreviventes do passado, ser lidos enquanto durar a literatura inglesa.

Eu nomearei assim minha duzia:

W. B. YEATS, GEORGE BERNARD SHAW, H. G. WELLS, SIR JAMES FRAZER, JOHN MASEFIELD, WALTER DE LA MARE, VIRGINIA WOOLF, PROFESSOR WHITEHEAD, GEORGE TREVELYAN, JAMES JOYCE, SEAN O'CASEY, T. S. ELIOT.

(Incluo Eliot, que é americano, porque viveu tanto tempo na Inglaterra).

Afirmo ousadamente que uma lista destas não desmoralizará nenhum periodo da literatura inglesa.

O homem sem impressões digitais

Conclusão da página 9

Confrontado com essa evidencia e desenganado de qualquer ajuda de seu cúmplice o prisioneiro concordou em contar toda a historia.

Depois do ultimo assalto, em Maio de 1941, Pitts fugiu para o norte e se entregou as mãos do Dr. Brandenburg. Este o levou a outro medico apresentando-o com um nome suposto e dizendo que Pitts desejava remover a cicatriz facial, o que o medico fez. Seguiu-se então a operação mais seria, nos dedos de Pitts, o que o dr. Brandenburg realizou na sua propria casa. Para os leitores de estomago fraco, daremos a explicação o mais breve possivel, sem os horribes pormenores que o prisioneiro, gostosamente, empregou desde que se dispôs a falar.

Primeiro, a carne das pontas dos dedos da mão esquerda foi cortada cerce até o osso, um processo que ele descreveu com indubitavel veracidade, como "extremamente doloroso". Depois, disse ele, a mão esquerda foi enxertada no lado direito do peito, para permanecer nessa posição durante tres semanas, com os dedos dilacerados mergulhando dentro da carne do corpo.

Depois o mesmo processo foi adotado para a mão direita e o lado esquerdo do peito. Em ambos os casos, quando se obtinha uma permanente aderencia fisica, o medico passava o bisturi para separar os dedos com uma porção da carne do corpo presa nas pontas, ou, para falar com mais rigor, formando novas polpas digitais, inteiramente privadas de impressões.

Cinco cicatrizes até então inexplicadas, a cada lado do busto do prisioneiro, atestavam a verdade de suas declarações. A mesma coisa atestaram os individuos com os quais Pitts estivera em contacto, durante as sete semanas que durou o tratamento.

Como resultado, o dr. Brandenburg foi pronunciado e imediatamente condenado a tres anos numa penitenciaria federal. Foi feita a apelação porem pode-se dizer que a carreira criminosa de Brandenburg esteja encerrada. Mesmo se ele escapar á cadeia, será um homem marcado cujas oportunidades para o mal serão doravante limitadissimas.

Alem disso, a comprovada futilidade de sofrer ou realizar operações desta especie, que, pela sua propria natureza, fazem o paciente para o resto da vida objeto de graves suspeitas, impedirá certamente outro cirurgião apostata de tentar seguir os passos do doutor de Jersey — o que levou este, como vimos, a uma rapida e certa retribuição.

A SITUAÇÃO DO ESTANHO

O estanho é necessário para a fabricação da folha de flandres, bronze para mancais e outros fins e soldas.

Cerca de 80% da produção mundial são extraídos dos minérios de estanho provenientes da Malásia, Bolívia, Índias Holandesas, Tailândia (Sião), China e Nigéria. Como menores produtores encontramos a Austrália, a Inglaterra e a Argentina.

Em 1938, a Bolívia contribuiu com 18% do total da produção mundial. O minério desse país, entretanto, é muito complexo e impuro. Quando tratado isoladamente faz aumentar muito o custo do metal, por isso é, em geral, misturado com o minério malaio, mais puro, daí resultando maiores facilidades técnicas e menor preço de custo.

Os países americanos consomem de 40 a 50% da produção mundial do estanho, mas produzem apenas 25% dessas necessidades.

Normalmente, o minério de estanho americano é tratado na Inglaterra, em vista da necessidade de serem misturados aos de outras procedências e tendo em conta que o tratamento do minério de estanho boliviano puro é economicamente desaconselhável.

As necessidades dos Estados Unidos poderão, é certo, afastar este inconveniente, mas mesmo assim não serão atendidas as exigências do consumo dos países americanos.

Em 1940, o Brasil importou 66.740 toneladas de folha de flandres em laminas, no valor de... 165.191 contos. Em 1941, verificou-se pequena baixa, pois adquirimos 59.469 toneladas, no valor de 158.570 contos. As nossas compras de estanho em bruto passaram de 916.047 quilos (21.095 contos), em 1940, para 1.614.428 quilos (40.488 contos), em 1941.

Para minorar as dificuldades de abastecimento, diminuindo o consumo, todos os países americanos estão tomando providências para substituição das latas por vasilhames de outras matérias.

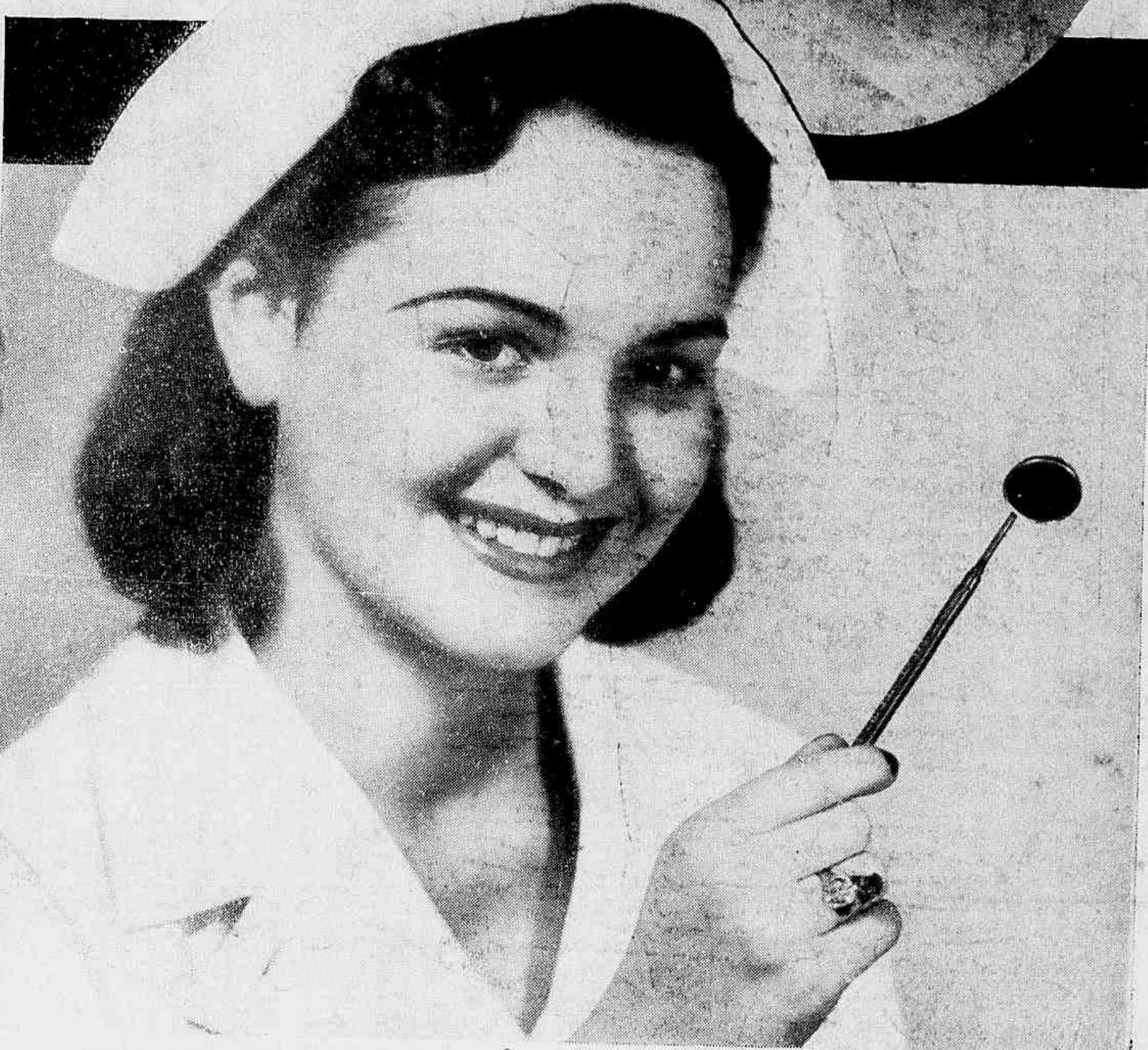
No Brasil, por iniciativa do Conselho Federal de Comércio Exterior, foi criada, subordinada à Comissão da Economia Nacional, uma Comissão técnica para estudo de sucedaneos, o que virá, por certo, reduzir o número e quantidade dos pedidos aos Estados Unidos. Dita Comissão de Sucedaneos já elaborou uma Resolução sobre os sucedaneos para a folha de flandres que está sendo progressivamente substituída por outros produtos que a resolução enumera.

Convém salientar que as aparas de folhas de flandres são utilizadas para a recuperação do estanho, num conteúdo de 98,9% de acordo com as análises feitas, utilizando-se a socata de ferro, resultante, com êxito, nas fundições de aço.

A exportação das aparas de folha de flandres está terminantemente proibida desde a expedição da circular n. 52, de 11 de junho de 1938, do Ministério da Fazenda. Esta medida foi tomada em cumprimento a uma recomendação do Conselho Federal de Comércio Exterior. Por outro lado, a exportação de socata de ferro está também proibida desde 1933, pelo decreto n. 25.565, tendo em vista que a socata de ferro constitui, no mundo inteiro, a melhor das matérias primas necessárias à fabricação do aço. O ferro velho é constituído quase de ferro puro (98%) e devido aos tratamentos metalúrgicos anteriores, acha-se desprovido de quase todas as impurezas capazes de prejudicar a qualidade do aço a produzir.

Como se vê, estão sendo postas em prática, em toda a América, medidas que visam reservar o estanho como matéria prima para a fabricação de produtos para os quais não possam ser encontrados substitutos.

DENTES SADIOS e BELOS!



PYOTYL
"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

Restam poucos exemplares do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943, edição largamente distribuída por todas as livrarias e bancas de jornais do Brasil.

E, em verdade, outro não poderia ter sido o destino de um livro com trezentas páginas, muitas das quais coloridas, cheio de assuntos interessantíssimos, informações utilíssimas, leitura variada para todas as classes, condições e idades.

Ter por oito cruzeiros uma enciclopédia composta de assuntos por assim dizer "concentrados", embora variadíssimos; ter em mãos uma soma de informações que, de outra forma, só seria obtida mediante longo trabalho de consulta a toda uma biblioteca; conduzir facilmente para qualquer parte, uma obra que educa e diverte, porque é ao mesmo

Não há

dúvida:

está

no fim

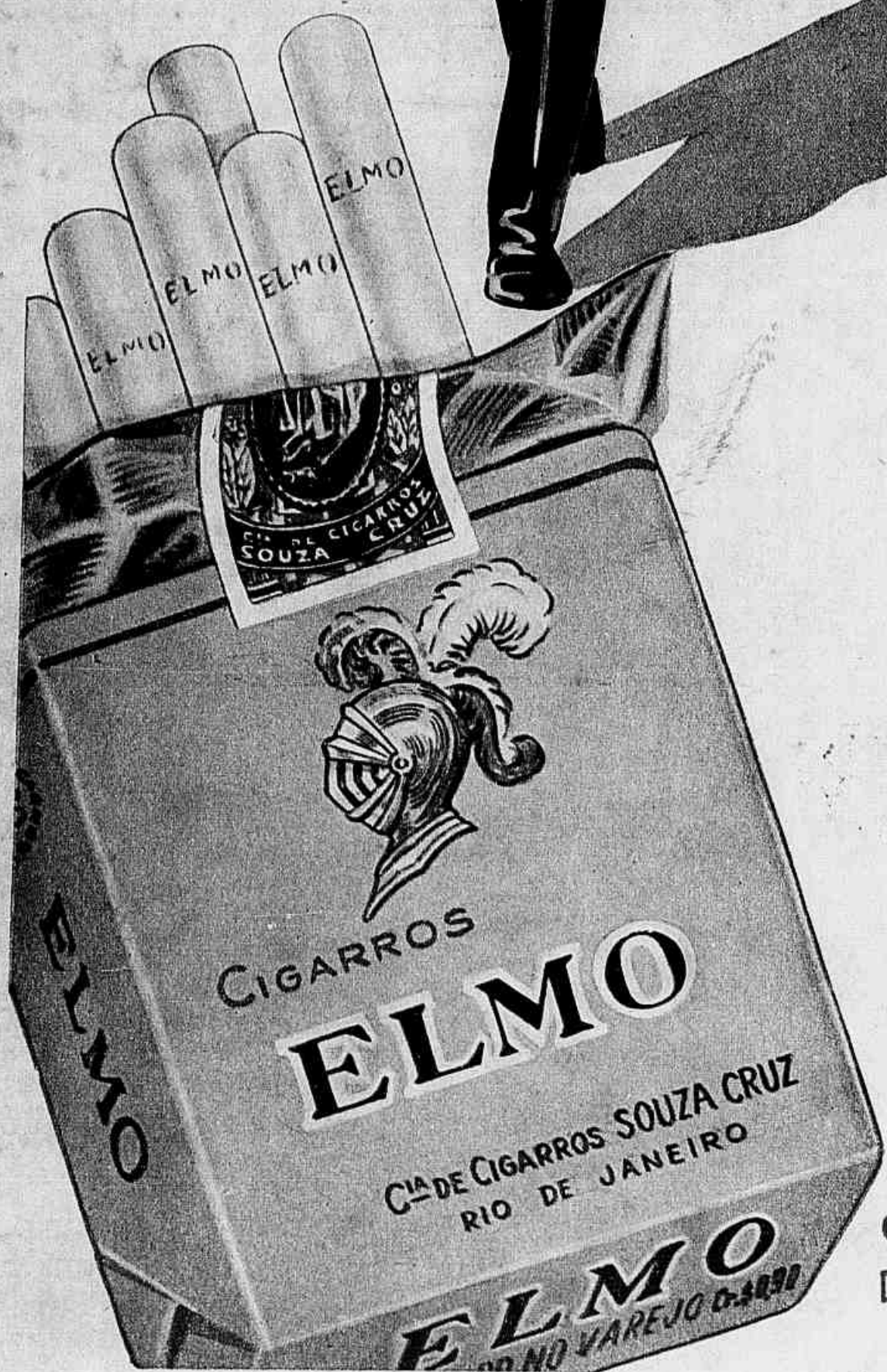
tempo instrutiva e repousante, são privilégios de quem compra o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** — o livro dos mil assuntos.

Assim, antes que seja tarde, peça a seu jornaleiro ou a seu livreiro um **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943.

Leia-o, deixe que todos os de sua casa também o leiam e, depois, mande-o ao encadernador para que passe a figurar em sua estante, confundindo-se com os seus melhores livros.

Se o fornecedor não atender a seu pedido, solicite um exemplar, mediante o envio de oito cruzeiros em vale postal ou pelo reembolso dos Correios, à CIA. EDITORA AMERICANA: Rua Maranguape, 15 — DISTRITO FEDERAL.

Di Celio
RIO



ELMO

O CIGARRO DO MOMENTO

COMPANHIA
DE CIGARROS

Souza Cruz